

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

SHEILA FERREIRA DOS SANTOS

**ZUMBI DOS PALMARES: HERÓI OU VILÃO? UMA ANÁLISE SEMÂNTICA
DE CORDÉIS NORDESTINOS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

SHEILA FERREIRA DOS SANTOS

**ZUMBI DOS PALMARES: HERÓI OU VILÃO? UMA ANÁLISE SEMÂNTICA
DE CORDÉIS NORDESTINOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, significado e discurso.

Orientador: Jorge Viana Santos

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

S239z	Santos, Sheila Ferreira dos. Zumbi dos Palmares: herói ou vilão? Uma análise semântica de cordéis nordestinos. / Sheila Ferreira dos Santos; orientador Jorge Viana Santos – Vitória da Conquista, 2019. 123f. Dissertação (mestrado - Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Inclui referência F. 84 – 86. 1. Cordéis Nordestinos – Zumbi dos Palmares. 2. Semântica do acontecimento. 3. Escravidão. I. Santos, Jorge Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III. CDD: 398.5
-------	---

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Zumbi dos Palmares: Hero or villain? A semantic analysis of Brazilian northeastern cordeis

Palavras-chave em inglês: Semantics of the Event. Cordel. Zumbi dos Palmares. Slavery. Freedom.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof. Dr. Jorge Viana Santos (Presidente-Orientador), Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (UESB), Prof. Dr. Luiz Francisco Dias (UFMG)

Data da defesa: 20 de fevereiro de 2019

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

SHEILA FERREIRA DOS SANTOS

ZUMBI DOS PALMARES: HERÓI OU VILÃO? UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DE CORDÊIS NORDESTINOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

AGRADECIMENTOS

Eis que, após muito esforço e dedicação, chego ao final de mais um estágio da minha vida acadêmica. Coursar o mestrado foi algo muito desafiador, mas que me trouxe muitos frutos e experiências que irão me acompanhar pelo resto da vida. Chego aqui com a certeza que sozinha nada ou pouco poderia ter feito e, por isso, agradeço:

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

Ao Prof. Dr. Jorge Viana Santos pela orientação, paciência e atenção. Nesse período pude aprender que organizar e planejar nos serve como base para a realização de qualquer trabalho.

À banca de qualificação, Prof. Dr. Adilson Ventura e Profa. Dra. Gerenice Cortes, pelas observações que muito contribuíram com a escrita desse trabalho.

À banca examinadora, Prof. Dr. Adilson Ventura e Prof. Dr. Luiz Francisco Dias, por ter avaliado meu trabalho e dado contribuições significativas para a finalização do texto.

Aos colegas de curso, Danilo Sobral, que sempre me animou com seu entusiasmo contagiante; às meninas, Geisa Batista, Amanda Domingues e Raisia Leal, pela lealdade, pelo apoio e pela força, meu muito obrigada, lhes devo muito e à Laíse Gonçalves pela amizade.

Às prof. M.^a Virgínia Baldow e prof. M.^a Maria Antonieta Tigre pelo incentivo e força ofertados no período de seleção do mestrado.

A todos os professores que colaboraram positivamente com a minha formação.

A meu pai, Washington de Oliveira, minha mãe, Antonia Santos, e a minha irmã, Bruna Santos, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram na realização meus sonhos.

Às minhas grandes amigas do curso de Letras e da vida, Flávia Silene e Silmara Brito, pela força e por me ouvirem e serem conforto em momentos de crise.

A meu companheiro, Mychel Santana, uma das melhores coisas que o mestrado me trouxe, pela força, amor e encorajamento.

A todos que, de alguma forma, me auxiliaram nesta caminhada.

RESUMO

Este trabalho investiga sentidos da palavra Zumbi em cordéis nordestinos que tratam da temática da escravidão. Procura-se responder à questão *como Zumbi dos Palmares, o líder do maior quilombo do período colonial, aparece designado em cordéis com a temática da escravidão?* Como hipótese, postulamos que *Zumbi dos Palmares* no livreto de cordel é retratado como herói. Para comprovação de tal hipótese, mobilizando pressupostos da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2011), aliados a alguns princípios da História/Historiografia, analisamos um *corpus* de cordéis que têm como tema a escravização brasileira. Demonstra-se, com base nos dados, que *Zumbi* apresenta sentidos específicos fundamentados na relação escravo/escravizado-herói/vilão onde *Zumbi* é colocado como aquele que lutou para libertar o seu povo da escravidão/escravização.

PALAVRAS-CHAVE

Semântica do Acontecimento. Cordel. Zumbi dos Palmares. Escravidão. Liberdade.

ABSTRACT

This work investigates the meanings of the word Zumbi in northeastern cords that deal with the issue of slavery. Are we trying to answer the question *as Zumbi dos Palmares, the leader of the largest quilombo of the colonial period, is designated in cords with the theme of slavery?* As a hypothesis, we postulate that *Zumbi dos Palmares* in the cordel booklet is portrayed as a hero. In order to prove this hypothesis, by mobilizing assumptions from the Semantics of the Event (GUIMARÃES, 2002, 2011), together with some principles of History / Historiography, we analyze a *corpus* of strings that have as their theme Brazilian enslavement. It is demonstrated, based on the data, that *Zumbi* presents specific senses based on the slave / enslaved-hero / villain relationship where *Zumbi* is placed as one who fought to free his people from slavery/enslavement.

KEY WORDS

Semantics of the Event. Cordel. Zumbi dos Palmares. Slavery. Freedom.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CORDEL: DO TROVADORISMO DECLAMADO AOS LIVRETOS IMPRESSOS	11
2.1 Considerações iniciais.....	11
2.2 Chegada e expansão do cordel no Brasil.....	12
2.1.1 O cordel trazido pelos portugueses.....	13
2.1.2 Do Nordeste para o Brasil.....	14
2.2 Literatura de Cordel: entre o histórico e ficcional.....	16
2.3 Considerações finais.....	17
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	19
3.1 Considerações Iniciais.....	19
3.2 O corpus e a pesquisa.....	20
3.2.1 Processo de Constituição e Organização do corpus.....	21
3.2.2 O corpus de cordéis impressos: seleção de excertos para análise.....	22
3.3 A Semântica do Acontecimento na análise de cordéis.....	24
3.3.1 Definição/caracterização da Semântica do Acontecimento.....	24
3.3.2 Conceitos da Semântica do Acontecimento mobilizados para Análise.....	26
3.3.2.1 Reescrituração.....	26
3.3.3.2 Articulação.....	29
3.3.3.3 Político.....	29
3.3.3.4 Cena enunciativa.....	30
3.3.3.5 Temporalidade.....	31
3.3.3.6 Domínio semântico de determinação.....	32
3.4 Considerações finais.....	32
4 ZUMBI NA ESCRAVIDÃO BRASILEIRA: SENTIDOS NA HISTÓRIA, SENTIDOS NO CORDEL.....	34
4.1 Considerações Iniciais.....	34
4.2 Zumbi, um negro Africano livre quilombola.....	35
4.2.1 Musas invocadas: a história começa.....	35
4.2.1.1 <i>Herói Flashforward: Zumbi, líder de Palmares.....</i>	<i>40</i>
4.2.1.2 <i>Negros africanos: escravos ou escravizados ou de negro a escravo: sentidos de uma raça.....</i>	<i>42</i>

4.3 O habitat do herói: Quilombo - “local de refúgio de escravos fugidos” ou “república de negros escravizados”?	51
4.3.1 Palmares de Zumbi: o quilombo republicano do herói.....	56
4.4 Herói em flashback: Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência negra no Brasil...	66
4.4.1 De Francisco a Zumbi: a origem do herói / nasce o herói.....	66
4.4.2 Herói ou vilão, uma questão de ponto de vista: o político no cordel.....	71
4.4.3 Morre Zumbi, vive o herói: glória e honra no memorável da eternidade heroica.....	77
5 CONCLUSÃO.....	83
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	87
ANEXO A – Quadro 1: Pré-Análise do Cordel <i>Zumbi Dos Palmares: Herói Negro do Brasil</i> (PAIXÃO, 2007).....	87
ANEXO B - Quadro 2: Pré-Análise Do Cordel <i>Zumbi: um sonho de igualdade</i> (DANTAS, 2009).....	115
ANEXO C – Mapa da Localização do Quilombo dos Palmares.....	123

1 INTRODUÇÃO

A escravidão ocorre, segundo Scisínio (1997), quando um homem é propriedade de outro homem, sendo aquele forçado a trabalhar em proveito do senhor. Em algumas partes da Europa o período de escravidão durou toda a idade Média. Houve épocas em que a escravidão era vista como “um meio pelo qual os escravos eram tirados do barbarismo, trazidos para uma cultura superior e favorecidos com a salvação religiosa, ajudando o escravo a cumprir, a saldar especificamente a dívida da maldição lançada sobre seu ancestral original (SCISÍNIO, 1997, p. 138). Com o tempo tal argumento religioso cede lugar ao argumento referente à inferioridade biológica dos escravos. A caça de negros na Costa da África e o tráfico para o Novo Mundo, sobretudo por Portugal e Espanha, data do início do século XVI.

No Brasil colônia de Portugal o primeiro registro de escravidão refere-se a tentativa de escravização dos índios. Fracassada essa tentativa, por volta de 1545, conforme Fausto (1994), Portugal optou por trazer, como escravos, africanos negros para trabalharem na lavoura. Começava, então, o período escravocrata brasileiro. A mão de obra negra foi utilizada para substituir os índios nas plantações de cana de açúcar em Pernambuco. Os negros foram trazidos, principalmente, da Guiné, da Costa da Mina e da Costa dos Escravos, de Moçambique.

Tal período já foi estudado sob vários aspectos, tendo sido tomado como objeto para estudos com fins históricos/historiográficos, como Freyre (1934), a partir de anúncios de escravos em jornais; econômicos Pessi (2010), a partir de testamentos; e linguísticos como, por exemplo, Santos (2008) que analisa cartas de alforria, estudando os sentidos da palavra *liberdade*; bem como trabalhos desenvolvidos no LAPELINC (Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus – UESB), como: Santos (2013) que analisa processos de tutela; Couto (2017), que analisa sentidos do 13 de maio em periódicos e Queiroz (2018) que tomou como corpus as constituições brasileiras de 1824 e 1988.

Além desses documentos, pode-se estudar a escravidão por meio do cordel, tal como propomos no presente trabalho. O livreto de cordel aparece para nós por intermédio dos portugueses que aqui chegaram na época da colonização. Descendente do trovadorismo, era propagado oralmente por marinheiros e camponeses. Com o desenvolvimento industrial, veio a versão impressa. Dentre suas peculiares características há uma que nos chama a atenção: o cordel pode versar tanto sobre fatos ficcionais como sobre fatos históricos. E, esses últimos, são desenvolvidos pautados em fatos consoante com a história dita oficial. É o caso, por exemplo, daquele que compõe nosso corpus.

Para o recorte dessa dissertação, tomamos como objeto de análise a palavra *Zumbi*, que foi, segundo Moura (2004, p. 425) o comandante militar e líder político do Quilombo dos Palmares e, na atualidade, é visto como herói e símbolo nacional da resistência reivindicatória dos movimentos e grupos negros do Brasil. Sendo a data de sua morte, 20 de novembro, o dia em comemoração da Consciência Negra.

A partir desses pressupostos e buscando compreender o funcionamento semântico da palavra *Zumbi* nos textos de cordéis, perguntamos: na perspectiva da Semântica do Acontecimento, como *Zumbi dos Palmares*, o líder do maior quilombo do período colonial, aparece designado em cordéis com a temática da escravidão? Para responder a questão problema supracitada, formulamos a seguinte hipótese: Zumbi dos Palmares no livreto de cordel nacional é retratado como herói.

A partir da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2011), objetivamos analisar como semanticamente Zumbi dos Palmares é designado em cordéis brasileiros com o tema da escravidão.

Para tanto, o presente trabalho apresenta seis seções. Além da seção 1, que é esta Introdução, a seção 2 trata das características e da história do livreto de cordel, considerando seis aspectos, a saber: origem e características, a chegada e expansão do cordel no Brasil, características do cordel trazido pelos portugueses, a expansão do livreto de cordel do Nordeste para o Brasil, a narrativa do cordel ficando entre a ficção e a realidade e as considerações finais do capítulo. Na seção 3, trataremos sobre o *corpus* e a pesquisa, com ênfase no processo de constituição e a organização do corpus, na caracterização formal dos cordéis impressos, bem como a caracterização da Semântica do Acontecimento e seus pressupostos teóricos mobilizados para a análise, que são: reescrituração, articulação, político, cenas enunciativas, temporalidade e domínio semântico de determinação. Já na seção 4, analisaremos como se caracteriza semanticamente *Zumbi dos Palmares* nos cordéis com a temática da escravidão. Por fim nas seções 5 e 6, apresentamos, respectivamente, as considerações finais e as referências.

2 CORDEL: DO TROVADORISMO DECLAMADO AOS LIVRETOS IMPRESSOS

2.1 Considerações iniciais

Antes das análises dos sentidos construídos para *Zumbi dos Palmares* nos cordéis, do ponto de vista da Semântica do Acontecimento, faz-se necessário, para fundamentação, compreender como os livretos de cordel, a exemplo dos que compõem o *corpus* desta pesquisa, são conceituados. Sendo assim, nessa seção trataremos, em primeiro lugar, sobre a chegada do livreto de cordel ao Brasil; em segundo, como era o cordel produzido em Portugal; em terceiro, sobre as características do cordel que sai do Nordeste brasileiro e vai para outras regiões do país; e em quarto, como o cordel em forma livreto situa-se, enquanto texto, entre o real e o ficcional.

A origem do cordel, segundo Haurélio (2010) é proveniente da tradição oral, por meio da qual as histórias eram contadas e passadas de geração em geração. Tem suas raízes fincadas no trovadorismo medieval, por volta do século XVII, em Portugal, chegando ao Brasil por meio dos colonizadores lusos, ao final do século XIX, e fixando-se no Nordeste. Possuía a finalidade de transmitir algum ensinamento e era propagado, em geral, por marinheiros e camponeses, que contavam suas histórias na comunidade.

Com o desenvolvimento industrial, que ocorre por volta do século XVIII através da Revolução Industrial que aconteceu na Inglaterra, as relações humanas foram modificadas. Nesse contexto, que foi marcado por transformações no processo produtivo, ao qual foram incorporadas máquinas para a produção em série, o cordel sai do âmbito oral para o impresso. Em geral, o cordelista, como é chamado aquele que produz os livretos, pendurava sua produção em um cordão, daí o nome *cordel*. Mesmo com o advento da literatura impressa, o cordel contém, em sua estrutura, algumas marcas da oralidade, constituindo-se, assim, como um gênero intermediário entre a oralidade e a escrita (EVARISTO, 2001).

Ao passar pela transição do oral para o escrito o cordel começa a privilegiar histórias que exercem alguma atração sobre a população, característica essa que perpassa o gênero em todas as épocas. No que tange a sua forma o livreto possui uma característica que lhe é própria como, por exemplo, o seu início, onde o cordelista pede inspiração, licença ou até mesmo a benção para alguma entidade. Como exemplo temos a primeira estrofe do cordel **Zumbi dos Palmares: herói negro do Brasil**, de Paixão (2007):

Oh! Musa da poesia
Eu te peço inspiração

Como deste a Castro Alves,
Da-me a iluminação,
Pra escrever neste cordel
Capítulos da escravidão.

Neste excerto, Paixão (2007) pede inspiração e iluminação para a mesma musa que ajudou Castro Alves a compor seus poemas, que também tinham como tema a escravidão.

Segundo Matos (2007), atualmente o cordel apresenta como temática a vida de escritores, políticos, estadistas e intelectuais que, por vezes, não estão nos compêndios dos estudos acadêmicos. É o caso, por exemplo, de Zumbi, que não costuma aparecer nos livros de história oficial e sobre o qual não há ainda muitas pesquisas acadêmicas.

Uma vez que o objetivo da pesquisa é analisar, à luz da Semântica do Acontecimento, como *Zumbi dos Palmares* é designado em cordéis brasileiros com a temática da escravidão, fazer tais pontuações é importante para o nosso estudo porque apontam características do corpus que nos ajudaram na realização das análises dos excertos selecionados.

2.2 Chegada e expansão do cordel no Brasil

Segundo Iennaco (2014), o cordel chega ao Brasil no período da colonização, em Salvador, Bahia. E, por não seguir o modelo vigente que na época era adotado pelo que seria a alta expressão da cultura letrada, foi alvo de muitas críticas. Em geral, os cordelistas eram pessoas desprovidas, excluídas das elites financeiras. Esse foi um fator para que os ocupantes da elite intelectual vissem a literatura de cordel como algo inferior. Sobre a nomeação *cordel* a autora afirma que

A simplicidade e o cunho popular que acompanham o cordel já se evidenciam desde o próprio nome: corda muito delgada, cordão, guita, barbante...outros complementos colaboram: o local onde se vendem os folhetos (feiras, mercados, romarias, praças públicas, portas de engraxataria, etc.) e o fato de se disporem enfiados no barbante, encarreirados e suspensos no cordel (IENNACO, 2014, p. 14).

De acordo com Matos (2007), a nomeação “literatura de cordel” chegou até nós por meio de Portugal, no século XVII. Conforme a autora, essa denominação, aqui no Brasil, só era conhecida pela classe intelectualizada, que tinha acesso às manifestações literárias e culturais ibéricas. Os próprios cordelistas desconheciam tal nome, e só ficaram sabendo depois de um período, após a popularização do termo.

Nesse sentido, Garcia (2015) define literatura de cordel como um instrumento literário pertencente à cultura nordestina até a década de 1950, já que, segundo o pesquisador, neste período o cordel sofre modificações começando a assumir sua função no tratamento de assuntos e temas de cunho nacional.

O cordel, de acordo com Iennaco (2014), veio de uma poesia que trata do cotidiano e canta em versos a vida do povo. No Brasil, os personagens que mais aparecem nesta literatura são ligados “[...] ao cangaço, à religião, ao cotidiano sertanejo, às crenças locais, narrando histórias, sobre beatas, soldados, o diabo, Jesus e Lampião” (IENNACO, 2014, p. 16).

Tal característica do cordel brasileiro, de ser uma literatura de difusão popular, tem sua origem no cordel português.

2.1.1 O cordel trazido pelos portugueses

Sombra (2012), em seus estudos sobre a origem do cordel, aponta que o trovador ou menestrel foram figuras da Idade Média, que iam para as praças contar histórias dos mais variados assuntos usando para isso uma rebeca ou alaúde. Tais histórias eram contadas em verso, tradição que acompanha os poetas desde a Antiguidade Clássica.

Em Portugal as folhas volantes ou folhas soltas eram vendidas em praças, feiras, romarias ou nas ruas. Nelas eram transcritos fatos históricos (IENNACO, 2014, p. 34). O instrumento de difusão literária nessa época, em Portugal, era a comunicação oral, isso acontecia porque boa parte da população era analfabeta (MATOS, 2007, p.11). A escrita ficava por conta exclusivamente de alguns eruditos.

Com a invenção da imprensa por volta de 1440 pelo alemão Gutemberg, os livros e os impressos se tornaram de custo acessível, com isso os trovadores começaram a oferecer seus poemas em texto impresso ao final de cada apresentação. A produção ainda não tinha o formato de livreto encadernado, mas sim eram folhas volantes ou soltas. (IENNACO, 2014, p. 23).

De acordo com Iennaco (2014), dentre os africanos trazidos ao Brasil como escravos também havia trovadores, chamados Akpalô, que cantavam e relatavam, em suas histórias, experiências vividas. No Nordeste há duas variações da literatura de cordel oral: a tradicional, que é chamada de obra feita por se servir de obras literárias já escritas; o repente, que é criado no improviso por algum fato momentâneo. Ambas as versões são marcadas pela visão do homem regional.

2.1.2 Do Nordeste para o Brasil

Uma das características mais expressivas do gênero literário cordel é a diversidade de assuntos abordados. Nele encontramos releituras de clássicos, abordagens de temas históricos, religiosos e até mesmo temas relacionados à área do Direito como a Lei Maria da Penha, por exemplo. Batista (1997, *apud* COSTA, 2010), realizando uma pesquisa em que analisou produções de dois cordelistas para observar quais temas eram tratados por eles, encontrou os seguintes temas versados:

1. Temas Tradicionais: a) romances e novelas; b) contos maravilhosos; c) histórias de animais; d) anti-heróis: peripécias e diabraduras; e) tradição religiosa; 2. Fatos circunstanciais ou acontecidos: a) de natureza física: enchentes, cheias, secas, terremotos, etc.; b) de repercussão social: festas, desportos, novelas, astronautas, etc; c) cidade e vida urbana; d) crítica e sátira; e) elemento humano: figuras atuais e atualizadas (Getúlio, ciclo do fanatismo e misticismo, ciclo do cangaceirismo, etc.), tipos étnicos e tipos regionais, etc.; 3. Cantorias e pejeas. (fazer um resumo e falar sobre os dois) (BATISTA, 1997, p. 10 *apud* COSTA, 2010, p. 4).

Com relação a sua forma, os cordéis apresentam características que lhes são próprias, como, por exemplo, serem produzidos, mais popularmente, em sextilhas (estrofes com seis versos), setessilábicas com esquema rítmico *abcbdb*, em quadras (estrofes com quatro versos) ou poemas em dez versos (EVARISTO, 2001, p. 122). Há uma classificação dos textos de cordéis que se dá por meio do número de páginas, sendo: romance (24, 32, 48 ou 64 páginas), o folheto (8, 16 ou 4) e a folha volante (avulsa). No que diz respeito a sua estrutura, o texto é, de acordo com Evaristo (2001, p. 124), dividido em quatro momentos. São eles: 1) uma situação inicial de equilíbrio; 2) a degradação da situação; 3) a constatação do desequilíbrio; 4) a tentativa de resgate do equilíbrio da situação inicial; 5) a volta do equilíbrio inicial.

A autoria dos cordéis é, em muitos casos, vista como um problema. Como grande parte dos cordelistas vendiam seu trabalho nas ruas e de maneira autônoma, acabavam tendo a autoria do seu trabalho roubada. Para assegurar que o seu nome estaria atrelado ao seu trabalho, alguns artistas faziam uso do acróstico, que é uma poesia em que as primeiras letras de cada verso formam uma palavra, em sentido vertical, como no caso seguinte, com o acróstico de ALMEIDA:

A sorte pintou o drama,
Lentamente, como um giz;
Mesmo sendo barulhento,

Evaristo foi feliz.
 Isso fez sem ter orgulho:
 Deixou de comprar barulho
 Assim seu destino quis!

Segundo Matos (2007), havia casos em que o nome do autor ficava no alto da capa do livreto de cordel e, em seguida, o nome do editor e o título da história. Entretanto, isso nem sempre acontece. Em algumas situações há apenas o nome do editor como editor proprietário e em outros momentos, apenas o nome do autor, sem data, local ou editor.

De acordo com Sombra (2012, p.12),

O livrinho – ou folheto- de cordel tradicional mede cerca de 11 x 13 cm e tem geralmente 8, 16 ou 24. O papel é barato, bem fininho e de cor amarelada. O texto é todo em versos, quase sempre estrofes de seis versos cada uma. Os folhetos de cordel tradicional quase nunca trazem ilustrações em seu interior, mas as capas costumam mostrar desenhos feitos em xilogravura.

A impressão em papel barato e de cor amarelada é também uma das características principais do livreto – ou folheto – de cordel tradicional. Texto todo em verso, em geral, não possui muitas ilustrações em seu interior, mas as capas possuem desenhos feitos em xilogravuras.

Há livretos, conforme Matos (2007), denominados de *folhetos de ocorrido*, *circunstanciais*, *acontecido* ou *folhetos biográficos*, que têm como objetivo retratar o real concreto e, com isso, são considerados como um jornal do povo.

Com relação aos cordéis que compõem o *corpus* desta pesquisa, tanto o de Paixão (2007) quanto o de Dantas (2009), são classificados como romances sendo que o primeiro possui 32 páginas e o segundo, 36. No tocante a autoria, não foi encontrado em ambos os textos o recurso do acróstico. Entretanto, o texto de Paixão (2007) foi lançado pela editora Tupynanquim; logo temos um texto devidamente publicado onde podemos encontrar o nome do autor do cordel registrado na capa. O cordel de Dantas (2009) também não possui acróstico, mas, ao contrário do primeiro livreto, é uma produção independente que contém o nome da cordelista na capa e contracapa do cordel. Com relação ao tema abordado, as duas produções versam sobre temas históricos: a história de Zumbi dos Palmares e o contexto da escravidão e da criação dos quilombos.

2.2 Literatura de Cordel: entre o histórico e ficcional

O texto cordel, no que também concerne às suas características, possui algumas dualidades como, por exemplo, combinar poesia e narrativa ao lado de história (verídica) e ficção. Isso porque, ao mesmo tempo em que ele possui características de um poema, como rimas, estrofes e versos, há concomitantemente histórias das mais diversas sendo contadas. E, dentro desse contexto da narrativa, pode-se encontrar histórias reais como o cordel *A história da heroína Olga Benário* (FRANÇA, 2008) ou história ficcionais, como o conto clássico de *Chapeuzinho Vermelho* (SILVA, 2009), ou um misto de verídico e ficcional como em *A chegada de Lampião no céu* (VIERA, 1997).

Dadas tais características do livreto do cordel como elemento cultural, sobretudo do Nordeste, pode-se estudá-lo sob vários aspectos. Em muitos casos, ele é tomado como objeto de estudo para fins pedagógicos, podendo, dentro dessa área do conhecimento, ser trabalhado em duas vertentes distintas, que seriam: como gênero textual (COSTA, 2010) ou como gênero literário (SANTOS, 2011). Há também estudos realizados sobre o viés da crítica literária (DIZIOLI, 2009) e pesquisas que utilizam esse material como fonte histórica (GARCIA, 2015).

A presente pesquisa estudou o livreto de cordel à luz dos estudos semânticos. Partindo do ponto que o livreto de cordel está entre o histórico e o ficcional, compreende-se que essa característica do texto o torna singular quando trata, por exemplo, da escravidão, que é o tema que permeia o nosso *corpus*: cordel é um texto ficcional, mas que se ancora em fatos registrados na História/Historiografia e, pelo motivo de não estar por assim dizer tão preso ao fato documental (como precisa estar o texto de um historiador), pode, no acontecimento discursivo, estar livre para construir/fazer funcionar sentidos que não são encontrados nos textos históricos. Com isso, responder à pergunta “Quem é Zumbi?” pode trazer uma resposta diferente daquela lida em livros de História, ou um livro que fica entre o ficcional e o histórico, caso dos cordéis do *corpus*.

2.3 Considerações finais

Diante do exposto, constata-se que o livreto de cordel, proveniente do trovadorismo, veio para o Brasil com os portugueses no período colonial e se fixou no Nordeste. Sendo assim, consolidou-se como parte cultural desta região, tendo, posteriormente, se propagado para as outras regiões do país. Fato que se deu por conta da migração dos nordestinos para as cidades grandes como, por exemplo, São Paulo (SOMBRA, 2012, p. 27).

Quanto à chegada do cordel ao Brasil, vimos que o gênero literário tinha as características do trovadorismo oriundo de Portugal, logo, as características que são próprias do

gênero mantem-se tanto em Portugal quanto no Brasil. Inclusive, como vimos, ao sair do Nordeste para outras regiões do Brasil, o livreto popular ainda possui características, como: escrita do nome do autor dentro do texto como tentativa de assegurar a autoria; quantidade de folhas que define qual classificação do cordel (em romance, livreto, por exemplo); composição do texto em sextilhas e setessilábicas e em quadras com poemas com dez versos.

Enfim, tomada em conjunto, as discussões acerca do cordel apresentadas nos itens acima nos ajudarão para que, em momento posterior, possamos analisar os sentidos atribuídos a Zumbi dos Palmares que estão nos dois cordéis que compõem nosso corpus.

Na seção a seguir, faremos a exposição dos pressupostos teórico-metodológicos que darão suporte à análise e comprovação, ou não, da hipótese da pesquisa.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 Considerações Iniciais

Conforme mostramos no capítulo anterior, o livreto de cordel veio da tradição oral, onde suas histórias eram passadas entre gerações. Sua origem está no trovadorismo medieval lusitano, chegando ao Brasil, por meio dos colonizadores lusos, no final do século XVII. Assim como as fábulas, possuía a finalidade de transmitir algum ensinamento. Em suas origens os cordelistas cantavam seus versos acompanhados de um violão em praças e feiras. Depois, com a Revolução Industrial que acontece na Inglaterra do século XVIII, as narrativas passaram para o papel impresso. E, em Portugal, começaram a ser comercializados em escritos em livretos que eram pendurados em uma corda, por isso o nome cordel. E, como já foi dito no capítulo 1, o cordel tem como característica própria do gênero estar entre o histórico e o ficcional, característica essa que nos chamou a atenção.

Partindo dessas considerações, tomamos como *corpus* para essa pesquisa dois livretos de cordel com a temática da escravidão, com o objetivo de verificar como estão neles construídos os sentidos da palavra *Zumbi*.

Considerando que tal *corpus* são textos literários, que estão à margem da literatura clássica, tem como característica ter temas históricos e ficcionais ou, ainda, mesclar esses dois pontos, mobilizamos, para a fundamentação dessa pesquisa, teorias/conceitos de três áreas do conhecimento: Linguística, Teoria Literária e História/Historiografia. Do ponto de vista linguístico, será utilizada como teoria para análise a Semântica do Acontecimento, como postulada por Guimarães (1995, 2002, 2009, 2011). A concepção de herói, oriunda da Teoria Literária, em especial dos estudos da narrativa mítica, tal como explanada por Kothe (1987) e Brandão (1999), nos foi útil, por auxiliar a análise semântica, na medida em mostram o funcionamento de certos memoráveis na constituição de sentidos do texto. Além disso, numa perspectiva histórica, dada a natureza do *corpus*, mobilizamos ao longo das análises, segundo Moura (2004) e Scisínio (1997), pressupostos relacionados a *Zumbi dos Palmares*, ao período de escravidão no Brasil e às definições de quilombo.

Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é apresentar como se configurou a pesquisa, no que diz respeito à escolha, caracterização e tratamento do *corpus*, bem como apresentar os procedimentos de análise dos dados e os pressupostos teóricos que fundamentaram a análise empreendida na seção 4.

3.2 O corpus e a pesquisa

A presente pesquisa estudará o livreto de cordel à luz da Semântica do Acontecimento. Guimarães (2002), por sua vez, apresenta a Semântica do Acontecimento como sendo “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 7); define-a como “[...] lugar em que se trata a questão da significação ao mesmo tempo como linguística, histórica e relativa ao sujeito que enuncia” (GUIMARÃES, 1995, p. 85). Destacam-se nela as noções de reescritura, articulação, temporalidade (que inclui o memorável), político e cena enunciativa, postulando que uma forma funciona num enunciado porque este também funciona integrado no texto.

Buscamos para compor nosso *corpus* cordéis com a temática da escravidão e, dentro dos livretos, analisamos os sentidos da palavra *Zumbi* nesta materialidade. Para tanto, como dissemos na seção 2, dispomos de dois cordéis impressos no estilo romance: a) *Zumbi dos Palmares: herói negro do Brasil*, do cordelista Fernando Paixão lançado no ano de 2007; e b) *Zumbi: um sonho da igualdade*, da cordelista Josineide Dantas, lançado em 2009. Vejamos:

Figura 1 – Imagem da capa do cordel *Zumbi dos Palmares: herói negro do Brasil*



Fonte: Paixão (2007).

Figura 2 – *Zumbi: um sonho da igualdade*



Fonte: Dantas (2009).

A seguir, mostraremos como se constituiu e como se organizou o *corpus* a partir desses arquivos.

3.2.1 Processo de Constituição e Organização do corpus

Como se vê, ambos cordéis impressos selecionados tratam da temática escravidão. Ambos falam sobre a trajetória de *Zumbi dos Palmares*, sendo que o primeiro, de Paixão (2007) se baseia mais em fatos históricos e é caracterizado pelo seu autor como uma pesquisa. O segundo, de Dantas (2009), tem como característica ser mais poético, no que a autora trata da vida de *Zumbi*, porém, não apresenta tantos fatos históricos como Paixão (2007). Para compor nosso corpus seguimos os critérios de seleção abaixo:

- (a) O cordel impresso tradicional, entendido como o livreto que possui uma certa quantidade de páginas e ilustrações, conhecidas como xilogravuras;
- (b) Serem produções nacionais que tratem sobre a temática da escravidão brasileira, incluindo o tema dos quilombos, em especial o de Palmares;
- (c) Livretos de cordel tradicional que tenha no mínimo 2 e no máximo 32 páginas, com textos e ilustrados com gravuras;

Os cordéis, como vimos, utilizados nessa pesquisa são do tipo impressos e, de acordo a classificação com relação ao número de páginas, são romances. Ambos foram adquiridos diretamente com cordelistas em feiras livres.

Assim, nesse primeiro momento, por atender aos critérios, selecionamos os dois livretos supracitados que compuseram o *corpus*, no qual analisamos a palavra Zumbi e suas relações semânticas.

3.2.2 O corpus de cordéis impressos: seleção de excertos para análise

No tocante à seleção dos excertos para análise, numa primeira etapa, selecionamos excertos nos 2 cordéis, excertos esses que apresentavam em sua composição as palavras *negros*, *escravidão*, *escravo*, *Zumbi*, *Palmares*, *quilombo* e *herói*. Como estamos com um gênero poético, vale ressaltar que o excerto aqui não corresponde a estrofe no *corpus*. Sendo assim, um excerto pode ter uma cadeia de estrofes que abordam uma narrativa ligada a alguma das palavras citadas acima. Nessa etapa, conforme sumarizado na tabela a seguir, chegamos à seleção de 33 excertos: do cordel de Paixão (2007), extraímos 22 excertos; e 11 do de Dantas (2009); e deste total, 17 foram analisados (como veremos na seção 4):

Tabela 1 – Sumarização da amostra do *corpus* para análise

Cordel	QUANTIDADE TOTAL DE EXCERTOS PRÉ- SELECIONA- DOS	QUANTIDADE TOTAL DE EXCERTOS SELECIONADOS PARA ANALISE	CAPÍTULO CONSTANDO A ANÁLISE
Zumbi dos Palmares: herói negro do Brasil (PAIXÃO, 2007)	22	16	4
Zumbi: um sonho da igualdade (DANTAS, 2009)	11	1	

Fonte: Elaboração própria.

Para melhor organizar os excertos, elaboramos 2 quadros de pré-análise em que os excertos aparecem: um para o cordel de Paixão (2007), outro para o cordel de Dantas (2009). Tal quadro é formada por sete colunas, tendo a primeira o número do cordel ao qual o excerto pertence; a segunda, o excerto do livreto de cordel; a terceira, palavras-chave que serão analisadas dentro daquele excerto; a quarta, contém qual noção da Semântica do Acontecimento poderia ser mobilizada para a análise de tal excerto; na quinta, encontra-se uma pré-análise do

excerto selecionado; e nas duas últimas colunas tem-se citações para servir de base teórica para as análises desenvolvidas, sendo das áreas tanto da Linguística quanto de outras, como da Historiografia. A figura 3 ilustra uma linha completa de um quadro de pré-análise:

Figura 3 – Excerto de uma linha do *Quadro 1: Pré-análise do cordel Zumbi dos Palmares:*

herói negro do Brasil

CORDEIS	EXCERTO	PALAVRA CHAVE	VARIÁVEL LINGÜÍSTICA	PRÉ ANÁLISE	BASE TEÓRICA	
					LINGÜÍSTICA	OUTRA
01 F1	Oh! Musa da poesia Eu te peço inspiração Como deste a Castro Alves Da-me a iluminação Pra escrever neste cordel Capítulos da escravidão (C1-1, p. 01) A minha intenção primeira É falar da resistência, Valor supremo da raça Que em meio à violência Defendeu a sua honra Com bravura e eloquência (C1-2, p.01) Essa raça que pagou O preço que não devia, Foi vítima da crueldade, Horror e selvageria. Viu seu povo sucumbir No laço da fidalguia (C1-3, p.01)	Mancha Pecado Nódoas	1) reescritura 2) Reescritura/ memorável 3) Reescritura/ articulação 4) Político 5) Político	A humanidade jamais/ Vai livrar-se dessa mancha 1) <i>dessa mancha</i> E reescreve a palavra <i>escravidão</i>, que foi mencionada ao excerto acima. Na consciência do homem Esse/ pecado se arrancha, 2) <i>Escravidão</i> é reescrita pela palavra <i>pecado</i>. O verbo <i>arranchar</i> faz menção a algo que está na memória de todos (do homem), ou seja, da memória coletiva. São nódoas da nossa história Que nem o tempo desmancha 3) A palavra <i>nódoas</i> reescreve por definição <i>capítulos da escravidão</i> e vem articulada com a expressão <i>da</i> <i>nostra história</i>, que é adjetiva preposicionada. Essa expressão marca um posicionamento do locutor cordelista que adjetiva o período da escravidão como uma	De acordo com Guimarães (2002, p.26), <i>memorável</i> é o passado recurado pelo acontecimento	"A escravidão é uma instituição que envolve um grau de dominação/ subordinação entre pessoas, abrangendo desde o direito de possuir sobre a vida

Fonte: Paixão (2007).

Enfim, quanto à seleção de enunciados do corpus para análise, nos excertos, ela obedeceu aos seguintes critérios:

- enunciados em que o termo *Zumbi* ou *Zumbi dos Palmares* aparece reescrito no texto em análise;
- enunciados em que o termo *Zumbi* ou *Zumbi dos Palmares* aparece articulado a outros elementos linguísticos;
- enunciados em que o termo *Zumbi* ou *Zumbi dos Palmares* não aparece, mas é possível recuperá-lo a partir de relações de linguagem que apresentam relacionadas a memoráveis de enunciações.
- enunciados cuja cena enunciativa relaciona-se ao termo *Zumbi dos Palmares* e/ou suas reescrituras.
- enunciados com os termos *negros*, *escravidão*, *escravo*, *Palmares*, *quilombo* e *herói* relacionados a *Zumbi*.

3.3 A Semântica do Acontecimento na análise de cordéis

Considerando o *corpus* apresentado, e tendo que fazer um recorte de natureza linguística para a análise, consideraremos, que os sentidos de *Zumbi* não estão fixos na palavra, mas se dão através da relação com o sujeito que enuncia, com o social e com a história, entendida não como temporalidade cronológica, conforme veremos. Dessa maneira, para a análise específica que pretendemos fazer, interessa-nos particularmente a caracterização que realizaremos a partir dos pressupostos da Semântica do Acontecimento tal como postulada em Guimarães (1989, 1996, 2002, 2011) que nos permitem considerar que os sentidos da palavra *Zumbi* se constitui pelo próprio modo de enunciar nos livretos de cordel. Nesse sentido, a seguir primeiro apresentamos a caracterização da Semântica do Acontecimento a partir do modo como a enunciação é definida por Guimarães (2002) através da noção de acontecimento, para em seguida apresentar alguns dos conceitos teóricos-metodológicos dessa Semântica que foram mobilizados na análise dos dados do *corpus*: reescritura, articulação, político, cena enunciativa, temporalidade (com ênfase no memorável) e Domínio Semântico de Determinação (DSD).

3.3.1 Definição/caracterização da Semântica do Acontecimento

Para Guimarães (2011, p. 5) as expressões linguísticas têm significado no enunciado devido as relações que possuem no acontecimento em que funcionam e a linguagem não é algo transparente; isso se dá porque sua relação com o real é histórica. Nesta teoria, enunciativa Guimarães (2009) traz a língua não como um sistema fechado, mas sim determinada historicamente, exposta ao real e a falantes no espaço de enunciação.

A Semântica do Acontecimento é “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2011, p.7). Nessa semântica “[...] saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado” (GUIMARÃES, 2002, p. 7). Necessita-se, pois, compreender como uma forma funciona num enunciado, enquanto enunciado de um texto.

Na Semântica do Acontecimento a enunciação “se faz pelo funcionamento da língua” (GUIMARÃES, 2011, p. 11). Nesse sentido, Guimarães (2002) considera o acontecimento em relação à sua temporalidade e o define como:

[...] diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato no tempo. Ou seja, não é fato novo enquanto

distinto de qualquer outro ocorrido no tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa a sua diferença (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Com isso, para o autor, a temporalidade seria constituída pelo presente que é o ato de enunciar, o passado que seria o memorável das enunciações e o futuro que seria um depois do dizer, aquele que projeta sentido. Guimarães (2002, p. 1) ressalta que “[...] o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 12). Com isso, o acontecimento seria uma nova temporalização.

Na Semântica do Acontecimento, o acontecimento enunciativo é feito por um passado de sentidos que faz com que os enunciados ou palavras signifiquem diferentemente no acontecimento pela relação com o presente (MACHADO, 2011, p. 46): organiza uma temporalidade que faz, neste momento, outra rede de sentidos. Sendo assim, a enunciação, enquanto acontecimento, descreve sentidos que não serão vistos sem a consideração da historicidade da língua em funcionamento. Neste sentido, há uma diversidade de sentidos através da temporalidade, que é característica do acontecimento. Ou seja, “cada acontecimento é diferente porque irá organizar uma temporalidade distinta que mobiliza um passado de sentidos diferentes” (MACHADO, 2011, p. 47).

O passado que se dá no acontecimento é o memorável, que, de acordo Guimarães (2002), seria a rememoração de sentidos recortada no e pelo acontecimento enunciativo. Machado (2011) coloca o memorável como sendo “definido pelo presente da enunciação e pela futuridade, isto é, pela interpretação possível que esse passado de enunciações pode ter, dependendo do presente” (MACHADO, 2011, p. 48).

A enunciação é, assim, um acontecimento enunciativo no qual a constituição de sentidos por meio da rememoração de enunciações já ditas no passado remetem ao real. Sendo assim, a cada acontecimento enunciativo um sentido passado é recortado no presente e que, ao mesmo tempo, projeta um futuro. Tais acontecimentos enunciativos acontecem nos espaços de enunciação, que são políticos.

Nesses espaços de enunciação tem-se as cenas enunciativas, nas quais as figuras de enunciação assumem a palavra; porém, com isso, a distribuição dos lugares acontece de forma desigual e por meio da temporalização do acontecimento.

A partir da compreensão da enunciação enquanto acontecimento, apresentaremos a seguir os conceitos que serão mobilizados para a análise.

3.3.2 Conceitos da Semântica do Acontecimento mobilizados para Análise

É através da maneira de compreender os sentidos como algo que se constitui no acontecimento enunciativo, apresentada no item anterior, que realizamos as análises nesta pesquisa, tomando os livretos de cordel como um lugar privilegiado para observar as relações histórico-sociais, enquanto significadas na língua. Isso porque, segundo Guimarães (2009, p. 50), a unidade de análise para essa Semântica é o enunciado, e uma sequência linguística só é enunciado enquanto uma unidade de sentido que integra um texto; texto entendido por ele como “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p.19). Ou seja, tratar do sentido de uma expressão em um enunciado requer que se considere em que texto está essa unidade e quais as relações enunciativas do acontecimento que estão em jogo. A partir de análises assim realizadas, observa-se que o sentido, nessa ótica, é histórico: não vai se reduzir a uma mera relação interna entre os elementos de uma estrutura independente de qualquer exterioridade.

3.3.2.1 Reescrituração

A reescrituração, segundo Guimarães (2009), equivale a redizer o que já foi dito. Sendo assim, uma expressão linguística reporta-se a uma outra já dita ou a se dizer. Segundo Guimarães:

Uma de suas características fundamentais é que ela não é necessariamente uma operação entre elementos contíguos. O que a caracteriza é que ela é uma relação entre elementos à distância, que podem eventualmente estar contíguos (ou seja, a contiguidade não é o elemento que a caracteriza). (GUIMARÃES, 2009, p. 53)

Um exemplo de reescritura aparece no verso *E falarei de Zumbi/Bravo herói da pele escura* (PAIXÃO, 2007, p.2), onde a palavra *Zumbi* é reescrita pela expressão *Bravo herói da pele escura*.

Tal conceito, pois, não opera com a identidade. Sendo assim, se a palavra *Zumbi* é reescrita no decorrer de um texto através de *ele*, como em *Ele foi capturado* (PAIXÃO, 2007, p.16), essa reescrituração não cria uma igualdade porque *ele* não tem o mesmo significado que

Zumbi no enunciado e vice-versa. Dá-se aí uma relação não-reflexiva. De acordo com o semanticista,

[...] um conjunto de reescrituras de um elemento linguístico qualquer em um texto, ou conjunto de textos, não é uma classe, não é um paradigma, pois a relação de reescritura não é uma relação de equivalência, já que não é reflexiva. A característica da reescritura está ligada a um aspecto fundamental: fazer sentido envolve sempre um diferente que se dá no acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2009, p. 54).

A reescritura pode acontecer de diferentes modos, tais como: expansão, condensação, substituição, elipse e definição

- (a) Por expansão é quando se amplia aquilo que já foi dito. Como exemplo extraído dos cordéis que compõem o nosso corpus, temos a palavra *pecado* reescrita como [...] *nódoas da nossa historia/Que nem o tempo desmancha* (PAIXÃO, 2007, p. 1).
- (b) Por condensação é quando uma expressão condensa toda a narrativa feita antes ou uma expressão maior. Um exemplo é a expressão *O leitor já recebeu informes preliminares* (PAIXÃO, 2007, p. 1), onde *informes preliminares* condensa tudo o que foi dito anteriormente pelo cordelista sobre o modo como os escravos eram capturados e como eram as condições nos navios negreiros.
- (c) Por substituição é quando uma palavra é substituída por outra através de uma relação de sinonímia, que é produzida no acontecimento da enunciação, como é o caso da palavra *Zumbi* que, no enunciado *O ano que ele nasceu/ um fato extraordinário/ com Zumbi aconteceu [...] /Ainda recém-nascido [...] / O menino foi levado* (PAIXÃO, 2007, p. 16), é substituído por *menino*.
- (d) Por elipse, quando uma palavra já mencionada é suprimida, um exemplo aparece nos versos *O garoto então crescia [...] / E foi alfabetizado* (PAIXÃO, 2007, p. 16), em que *garoto* é suprimido no segundo verso.
- (e) Por definição, quando um predicado articula-se à palavra analisada de maneira a defini-la. Um exemplo aparece em *Zumbi foi uma exceção / Dos negros escravizados* (PAIXÃO, 2007, p. 18).

Tais modos de reescritura podem produzir sentido de maneiras diferentes. De acordo com Guimarães (2009), a reescritura, desses modos exemplificados, pode produzir uma

sinonímia, uma especificação, um desenvolvimento, uma generalização, uma totalização e uma enumeração.

Temos a sinonímia quando uma palavra ou expressão é substituída (reescrita) por outra que conforme Guimarães (2009, p. 55) tenha o mesmo sentido como acontece no decorrer dos cordéis aqui analisados com as palavras *negros* e *escravos*, onde, em certos enunciados, *negro* tem o mesmo sentido de *escravo* e *escravo*, em outros enunciados, possui o mesmo sentido de *negro*, já que, naquela época, no Brasil, os negros eram os escravos.

Por sua vez, a especificação acontece quando a reescritura determina o reescriturado pela expressão que o reescritura (GUIMARÃES, 2009, p. 55). Em nosso *corpus*, é o caso da expressão *rei dos Palmares* que especifica Zumbi no verso [...] *Zumbi, rei dos Palmares*. (PAIXÃO, 2007, p. 15).

Uma reescritura significa por desenvolvimento quando uma expressão ou palavra é desenvolvida no decorrer do texto. Um exemplo típico ocorre em Paixão (2007, p. 4-6), com a palavra *captura* que, aparecendo no verso *Vou falar da captura* (PAIXÃO, 2007, p.4), é desenvolvida ao longo de dez estrofes

Já quando uma palavra condensa todo um enunciado, tem-se a generalização, como é o caso de informes no exemplo supracitado.

Enfim, na enumeração, a reescritura funciona como as partes coordenadas de um todo. De acordo com Guimarães (2009, p. 10), “a enumeração apresenta um conjunto de expressões como modos de apresentar cada um dos aspectos que juntos formam uma unidade de sentido”. Como exemplo temos *E falarei de Zumbi/ Bravo herói da pele escura/ Líder maior do seu povo* (PAIXÃO, 2007, p.2), em que *Zumbi* pela enumeração de duas expressões é significado complementarmente como *herói* e *líder*

3.3.3.2 Articulação

De acordo com Guimarães (2009), articulação é:

o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade. Ou seja, a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local entre elementos linguísticos, mas também e fundamentalmente por uma relação do Locutor (enquanto falante de um espaço de enunciação) com aquilo que ele fala. Uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação (GUIMARÃES, 2009, p. 3).

Ela é subdividida em três modos distintos: dependência, coordenação e incidência. O primeiro se dá quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui no conjunto um só elemento. Em *Bravo herói da pele escura*, destaca-se que *herói* possui duas articulações: *bravo* e *da pele escura*, com isso a relação é tal que *bravo* e *da pele escura* vinculam-se a *herói* constituindo uma única unidade. Já a articulação por coordenação toma elementos de uma mesma natureza e os organiza como se fossem um só, como, por exemplo na expressão *Da raça negra é o simbolo de resistência e bravura* que, por ordem direta seria: *[Zumbi] é o simbolo de resistência e bravura da raça negra*, na qual *simbolo de resistência* vem articulado por coordenação a *bravura*, e ambos articulados a *da raça negra*, que os determina; já a articulação por incidência “é a relação que se dá entre um elemento de uma natureza e outro de outra natureza, de modo a formar um novo elemento” (GUIMARÃES, 2009, p. 3).

3.3.3.3 Político

Para Guimarães (2011), o político na Semântica do Acontecimento não é nem o falso nem o verdadeiro. Ele procura tratar o político como “fundamento das relações sociais” (GUIMARÃES, p. 16) no que tem importância central a linguagem. Para o autor, o político ou a política seria “um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento”. De acordo com Guimarães (2002), nos estudos da linguagem e do ponto de vista semântico e enunciativo o político é a “divisão que afeta materialmente a linguagem” (GUIMARÃES, 2002, p.15). Sobre a importância da compreensão do político para os estudos acerca da Semântica do Acontecimento, Machado (2011) teoriza que:

Compreender, pois, que a linguagem é política é compreender que os sentidos entram em conflito, se dividem, tornam-se outros. É nessa disputa que se constituem os lugares de dizer distribuídos de maneira hierarquizada e desigual para os falantes na enunciação. (MACHADO, 2011, p. 55)

Machado (2011) salienta que ao entender o político, no que tange ao funcionamento da língua, há a possibilidade de se analisar o que uma determinada palavra designa, bem como quais sentidos circulam no funcionamento do texto, o que nos ajuda na interpretação textual.

No caso dos textos aqui analisados, a noção de político faz com que olhemos para a palavra *Zumbi* na relação entre sentidos já existentes e os sentidos que tal palavra vai adquirindo ao ser determinada por outras palavras no funcionamento de sentido.

Na Semântica do Acontecimento, o político faz parte do funcionamento da linguagem, na constituição dos sentidos e também no agenciamento dos falantes. Para Guimarães (2002), o político apresenta-se

[...] caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. [...] Mais importante ainda [...] é que deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada (GUIMARÃES, 2002, p. 16).

Sendo assim o acontecimento é político porque é nele que os sentidos se constituem; todavia, não de forma homogênea.

3.3.3.4 *Cena enunciativa*

Os acontecimentos enunciativos acontecem nos espaços de enunciação, que são lugares de disputa entre línguas e falantes. Guimarães (2002) os define como sendo “espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (GUIMARÃES, 2002 p. 18-19). Para o semanticista, a cena enunciativa é “o lugar em que ocorre a ‘assunção da palavra’, em que se dão os ‘modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2002, p. 23). Esses lugares, segundo o pesquisador, são formados por dizeres e não por pessoas donas do seu dizer. Tais lugares na cena enunciativa são uma configuração do agenciamento enunciativo.

As cenas seriam especificações de locais nos espaços de enunciação. Sendo assim, a cena enunciativa é um espaço onde está em funcionamento a distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento, que são agenciamentos enunciativos para aquele que fala e aquele para que se fala. Guimarães (2011, p. 23) assevera que neste momento “não são pessoas que falam mas uma configuração do agenciamento enunciativo”. Nesses lugares de fala as pessoas não são donas do seu dizer. O autor explica que a distribuição de lugares se dá por meio da temporalização que é própria do acontecimento, ou seja, a temporalidade do acontecimento é fundamento da cena enunciativa.

Para o Guimarães (2011), assumir a palavra é se colocar no lugar que enuncia, ou seja, lugar de Locutor ou de L, que é o lugar que se representa como fonte do dizer. De acordo com Guimarães (2011, p. 24), “para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é

preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor”. E esse Locutor só fala enquanto predicado em um determinado lugar social. Sobre isso, Guimarães (2011, p. 24) teoriza que “a este lugar social do locutor chamaremos de *locutor-x*, onde o locutor (com minúscula) sempre vem predicado por um lugar social que a variável x representa (presidente, governador, etc)”.

3.3.3.5 Temporalidade

Guimarães (2002) caracteriza a temporalidade como configurada

[...] por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável, e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro. Por outro lado, este presente e futuro, próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

De acordo com o semanticista, a temporalidade é um passado que não é a recordação pessoal, mas sim “o passado é, no acontecimento rememoração de enunciação, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro (GUIMARÃES, 2002, p.12).

Juntamente com a temporalidade, tem-se o memorável, que é um passado recortado pelo acontecimento e que tem o futuro como uma latência (GUIMARÃES, 2002, p. 26). Nesse sentido, segundo Guimarães (2002), o sujeito que fala é afetado pelo interdiscurso, ou seja, ele não fala do presente, por mais que o locutor ache que seja assim. Com isso, o memorável não diz respeito a uma recordação pessoal, mas sim a um passado (uma memória) que é compartilhada coletivamente, como veremos nas análises da seção 4.

3.3.3.6 Domínio semântico de determinação

Por sua vez, o Domínio Semântico de Determinação (DSD) é usado para representar o sentido das palavras, levando-se em conta os dois funcionamentos gerais de análise, reescritura e articulação. Segundo Guimarães (2007), uma expressão determinará outra na medida em que

esta se apresenta como por ela é determinada pela enunciação. Essa determinação se faz fundamental para o sentido de uma expressão linguística. Para o semanticista,

[...] as palavras significam segundo as relações de determinação semântica que se constituem no acontecimento enunciativo. Ou seja, são relações que se constituem pelo modo como se relacionam com outras num texto [...] (GUIMARÃES, 2007, p.80).

Com isso, ao dizer qual é o sentido de uma determinada palavra, estabelece-se o seu DSD, que representa as relações construtoras de sentido de uma palavra e a análise de uma expressão. De acordo com o autor, ele representa a interpretação do processo de análise e é utilizado para explicar o sentido de uma palavra num corpus específico. Para se construir o DSD, utilizam-se os seguintes sinais: $\top$, $\perp$, $\vdash$, $\dashv$, que significam “determina” em qualquer uma das direções; —, um traço que, entre palavras e/ou expressões, significa uma relação de sinonímia e lê-se “sinônimo de”; e, _____, um traço contínuo na horizontal que divide o DSD para indicar os sentidos que se opõem e lê-se “antônimo de”.

3.4 Considerações finais

Partindo dos pressupostos aqui apresentados, a Semântica do Acontecimento se mostra uma teoria que, ao considerar a língua, o sujeito e a história, contribuiu para a análise desse *corpus*, compreendendo os sentidos materializados nos livretos de cordel.

Salientamos que, quando necessário, outros conceitos teóricos foram mobilizados para a análise. E, para embasar nosso estudo recorreremos ainda a elementos de História/Historiografia para embasar afirmações relativas a escravidão dada a natureza/temática do *corpus*.

Passemos, então, para as análises.

4 ZUMBI NA ESCRAVIDÃO BRASILEIRA: SENTIDOS NA HISTÓRIA, SENTIDOS NO CORDEL

4.1 Considerações Iniciais

De acordo com Scisínio (1997, p. 138-139), a escravidão é “uma instituição que envolve um grau de dominação/subordinação entre pessoas”. Tal subordinação diz respeito ao direito do possuidor sobre a vida e a morte do escravo até sobre os direitos e privilégios mútuos, sendo o ponto alto do acordo o direito que o dono tem de forçar o escravo a prestar serviços em proveito de si próprio.

No Brasil escravagista, em certo momento, escravos começaram a realizar fugas das fazendas onde eram obrigados a trabalhar. O resultado disso foi a formação dos quilombos que, segundo Moura (2004, p. 335), durante a escravidão no Brasil significou ajuntamento de negros. Na história do Brasil, os quilombos foram símbolos de resistência e luta contra a escravidão. No período escravista houve a incidência de muitos quilombos, sendo o mais famoso a República de Palmares, que recebe esse nome por estar localizado em uma região geobotânica do Brasil onde havia predominância de palmeiras. Pelo fato de estar implantado em uma região fértil e de difícil acesso os negros fugidos sentiam-se atraídos para o quilombo de Palmares (MOURA, 2004, p.335).

Segundo Moura (2004, p. 348), o quilombo de Palmares teve dois líderes, foram eles: Ganga Zumba e Zumbi. O primeiro, foi escolhido como líder graças a seus feitos demonstrados em guerra e pelo prestígio que tinha entre os moradores do quilombo. Todavia, de acordo com Scisínio (1997 p. 160), ao negociar a paz com os colonizadores, perdeu seu prestígio e foi julgado e condenado à morte por envenenamento.

Zumbi foi o segundo chefe do quilombo Palmares. Era sobrinho de Ganga Zumba, que foi o primeiro líder do referido quilombo. Tendo sido capturado numa expedição contra Palmares e dado para o Padre Antônio Neli, foi batizado com o nome de Francisco e teve acesso a conhecimentos que eram alheios à comunidade negra. Após um tempo, Francisco, em fuga, retorna para o seu lugar de origem e, ali, troca seu nome de batismo pelo nome Zumbi. Com a queda do seu tio Ganga Zumba, Zumbi assume a liderança do quilombo e se consagra como um grande guerreiro e, posteriormente, como símbolo da resistência negra (SCISÍNIO, 1997, p. 329-331).

Tais informações nos ajudarão a perceber como se constitui semanticamente a palavra *Zumbi* nos textos livretos de cordel brasileiros. Para tanto, pretendemos responder ao seguinte

questionamento: na perspectiva da Semântica, como Zumbi dos Palmares, o líder do maior quilombo do período colonial brasileiro, aparece designado em cordéis com a temática da escravidão?

A fim de responder a esse questionamento, partimos da hipótese de que Zumbi dos Palmares no livreto de cordel nacional é retratado como herói negro.

Assim, procurando comprovar a hipótese levantada, neste capítulo buscaremos analisar, à luz da Semântica do Acontecimento, e tomando como base conhecimentos históricos sobre Quilombo, escravidão, Palmares e Zumbi, sentidos da palavra *Zumbi*, em funcionamento nos livretos de cordel *Zumbi dos Palmares: Herói Negro do Brasil* de Fernando Paixão (2007) e *Zumbi: o sonho da igualdade* de Josineide Dantas (2009) e que abordam a temática da escravidão.

Desta forma, a seção será dividida em três itens, além deste. No item 3.2, analisamos excertos dos cordéis que apresentam sentidos relacionados a *Zumbi*, em correlação com *negro*, *liberdade* e *quilombos*. No item 3.3, analisamos excertos que envolvem a temática sobre como os quilombos, local de nascimento de Zumbi, eram vistos como locais de refúgio para os escravos, em especial o Quilombo Palmares. Por fim, no por fim, no item 3.4, analisaremos sentidos relacionados a Zumbi que, mesmo consonantes com a historiografia sobre tal figura histórica, no cordel, o fazem significar como uma espécie de herói. Ressalte-se que, ao longo das análises, e/ou a seu final, construiremos Domínio semântico de determinação da palavra *Zumbi* e correlatas nos livretos de cordel.

4.2 Zumbi, um negro Africano livre quilombola

Neste item, tomamos para análise dois excertos retirados do cordel *Zumbi dos Palmares: herói negro do Brasil*, de Paixão (2007). Neles, no primeiro, o cordelista introduz o romance; e, no segundo, comenta sobre a escravidão.

4.2.1 Musas invocadas: a história começa

Consideremos o excerto 1:

EXCERTO 1

**Oh! Musa da poesia
Eu te peço inspiração**

**Como deste a Castro Alves
Da-me a iluminação
Pra escrever neste cordel
Capítulos da escravidão
(C1-1, p. 01)**

A minha intenção primeira
É falar da resistência,
Valor supremo da **raça**
Que em meio à violência
Defendeu a sua honra
Com **bravura e eloquência**
(C1-2, p.01)

Essa raça que pagou
O preço que não devia,
Foi vítima da crueldade,
Horror e selvageria.
Viu **seu povo** sucumbir
No laço da **fidalgua.**
(C1-3, p.01)

**A humanidade jamais
Vai livrar-se dessa mancha;
Na consciência do homem
Esse pecado se arrancha,
São nós da nossa história
Que nem o tempo desmancha.**
(C1-4, p.01)

E falarei de Zumbi
**Bravo herói da pele escura
Líder maior do seu povo**
Contra a vil escravatura;
**Da raça negra é o símbolo
De resistência e bravura.**
(C1-5, p.02)

**Ninguém conhece o primeiro
Escravo que apareceu,
Se foi negro ou se foi branco,
Africano ou europeu,
A origem da escravidão
Com o tempo se perdeu.**
(C1-6, p.02)

Porém a minha pesquisa
É resgate da memória

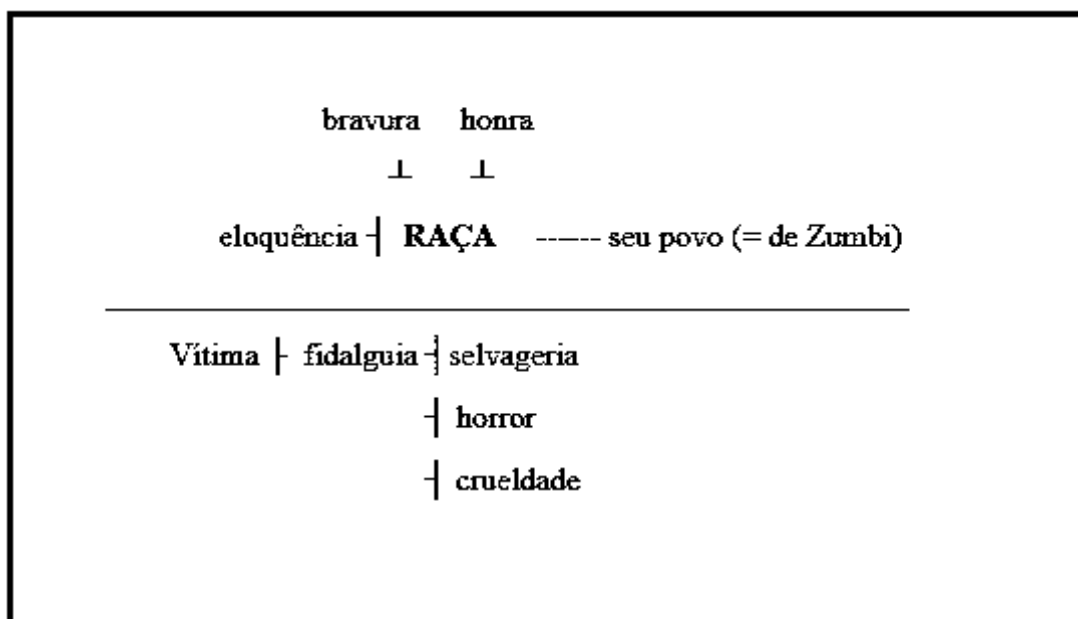
Da escravidão no Brasil,
 Narrarei a trajetória
 Lembrando com poesia
 Essa mancha na história
(C1-7, p.02)

Como foi dito na seção 1, o livreto de cordel tem como característica uma estrutura que lhe é peculiar: nessa primeira estrofe, C1-1, temos o cordelista pedindo ajuda a alguma entidade, nesse caso à Musa da poesia, que traz o memorável do início das epopeias clássicas, a exemplo da *Ilíada* (em que Homero invoca uma deusa) e de *Os Lusíadas*, em que, logo num verso do canto I, Camões invoca as Tágides, ninfas do Tejo.

Em C1-2, o locutor-cordelista ainda está na situação inicial de equilíbrio e enuncia que tem como objetivo tratar da resistência de um povo para com a violência que sofreu. Nesse trecho, note-se que a palavra *raça*, que será depois reescriturada como *povo* (em C1-3) e como *seu povo* (isto é, *povo* de Zumbi, em C1-5), está articulada com as palavras *honra*, *bravura* e *eloquência*.

Na estrofe C1-3, *raça* aparece reescrita pela expressão *Essa raça que pagou/O preço que não devia*; expressão *essa* que, se articula com os termos *vítima*, *crueidade*, *horror* e *selvageria*, por sua vez, estão articuladas com *raça* (que foi *vítima*) e com *fidalgua* (quem *vitimou a raça*). Em conjunto, tais reescrituras e articulações constroem sentidos que podem indicar um posicionamento do locutor-cordelista favorável à causa negra e simetricamente oposto à escravatura.

Desses sentidos, obtemos o seguinte DSD:

DSD 1 – Sentido de *Raça*, enquanto povo de Zumbi

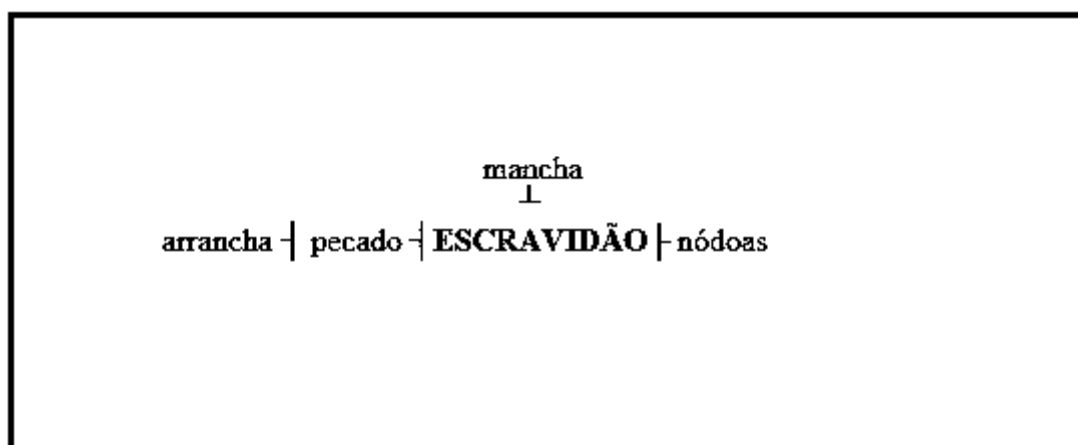
Como se vê, nesse DSD 1, pode-se observar que as palavras *honra*, *bravura* e *eloquência* determinam a palavra *raça* que, por sua vez, é sinônimo de *povo (de Zumbi)*. *Fidalguia* determina as palavras *selvageria*, *horror* e *crudeldade* e estas determinam a palavra *vítima*. Tem-se aqui a narração de fatos que coadunam com a história, não necessariamente a dita oficial: a palavra *raça* traz o sentido de que os negros africanos escravizados, que eram considerados como povo de Zumbi, no sentido de liderados por ele e/ou semelhantes a ele no tocante a compreensão de que não eram “naturalmente” escravos mas sim (como vimos) pessoas livres num lugar- África- e escravizadas em outro – Brasil –, têm como característica a luta constante pela liberdade, ainda que, constantemente, se tornassem vítimas dos brancos, que os tratavam a base da violência.

Prosseguindo, destacamos em C1-4 três expressões. Em primeiro lugar, em **A humanidade jamais vai livrar-se dessa mancha**, *(d)essa mancha* reescreve a palavra *escravidão* que está em C1-1, trazendo o sentido de que o período da escravidão seria uma mancha, reportando ao sentido de a escravidão ser, por analogia, algo que (como é caso de manchas) se pode fazer, isto é, pode ser feito com intenção. Logo, na fala do Locutor, falando do lugar social de locutor-cordelista, a *escravidão*, nesses enunciados, aponta para o sentido de algo feito com a intenção de tirar alguém do seu lar, levá-lo para outro ambiente e forçá-lo a trabalhar para alguém. Em segundo, na expressão **na consciência do homem esse pecado se arrancha**, a palavra *escravidão* ganha nova reescritura em *pecado*. Aqui, o verbo *arranchar* faz menção a algo que reside, mora permanentemente, está na memória de todos, ou seja, a

escravidão está na memória coletiva. Enfim, diretamente articulada à segunda, na terceira expressão, **são nódoas da nossa história que nem o tempo desmancha**, a palavra *nódoas* reescreve por definição a expressão *capítulos da escravidão*, que está em C1-1, e vem articulada com a expressão *da nossa história*. Essa expressão traz o locutor-cordelista, que, enunciando do lugar de dizer de enunciador-genérico, caracteriza o período da escravidão como sendo um fato, uma memória, que não pode ser apagada pelo tempo, visto que aqui (Brasil escravista) a *escravidão* é associada com *nódoa* (acima foi com a palavra *mancha*), que é algo que faz referência a um sinal feito por algo sem intenção. Em suma, quer seja *mancha* (feita com intenção) ou *nódoa* (sem intenção), a escravidão, tema de onde o cordelista recortará o personagem *Zumbi*, é, para ele, algo negativo que marca a nossa história, e como tal não se esquece: está sempre visível (como qualquer mancha ou nódoa).

Nesse sentido, a partir de tais relações de sentidos construímos o DSD 2:

DSD 2 – Sentido de *Escravidão*, enquanto *mancha*



Aqui, podem-se observar as palavras *pecado*, *mancha* e *nódoas* determinando escravidão; e *Pecado*, por sua vez, sendo determinado por *arrancha*. Palavras essas que, no excerto, em conjunto determinam negativamente escravidão: um *pecado* que se encontra na História (do mundo e do Brasil), *manchando-a*. E, por isso mesmo, deve, na fala do cordelista, ao invés de ser esquecida, fazer parte da memória coletiva.

4.2.1.1 *Herói Flashforward: Zumbi, líder de Palmares*

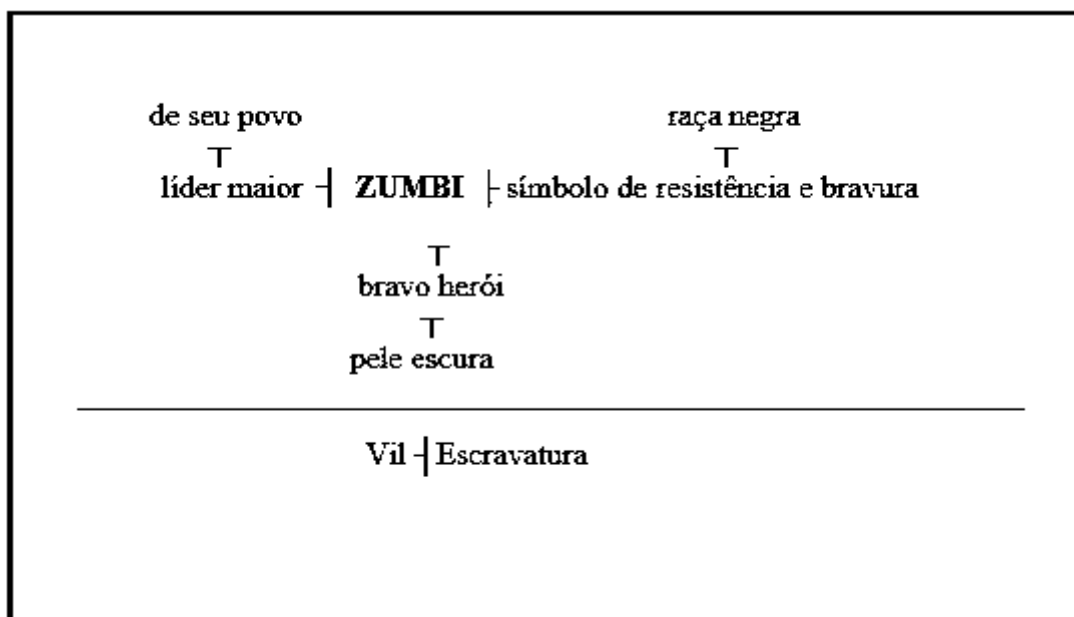
Por conseguinte, na estrofe C1-5 do excerto 1, destacamos três expressões. A expressão, **Bravo herói da pele escura** reescreve *Zumbi*. Nela, destaca-se que *herói*, possui duas articulações: *bravo* e *da pele escura*, as quais recortam dois memoráveis relacionados a *Zumbi*:

um seria, com *bravo* determinando *herói*, não só equipara Zumbi a categoria de herói (KOTHE, 1987), como expande tal qualidade, o adjetivo *bravo* vem funcionando como um amplificador da categoria de herói: Zumbi seria não somente um herói, mas um herói especial. De outro modo, tal característica complementa com a outra expressão em relação de articulação: *da pele escura*, que, também determinando herói, situa *Zumbi* como sendo negro, recortando, assim, o memorável de que, naquela sociedade, negro, isto é, *de pele escura*, era sinônimo de escravo. Assim, tais relações apontam para um sentido de *Zumbi*, como um herói negro, portanto escravo, destacado pela bravura.

Em ***Líder maior do seu povo***, a reescritura de Zumbi é por meio da expressão *Líder maior do seu povo*, que traz *maior* articulado a *líder*, indicando onde se encontra *Zumbi* numa hierarquia comparativa a outros líderes: é/foi o principal deles. Sequencialmente, *Líder maior* se articula com *do seu povo*, em que *seu* também reescreve Zumbi e, ao mesmo tempo, delimita o espaço de ação da liderança de *Zumbi*: liderar dentre o *seu*, um povo que, por oposição (antonímica) não é o povo *do outro*, por exemplo, o inimigo, o branco escravizador, associável no Brasil de então à *vil escravatura*.

Já em ***Da raça negra é o símbolo de resistência e bravura***, *Zumbi* aparece reescriturado por elipse, e em seguida por definição. Em ordem direta a expressão seria: *[Zumbi] é o símbolo de resistência e bravura da raça negra*. Como se vê, nessa expressão *símbolo de resistência* vem articulado por coordenação a *bravura*, e ambos articulados a *da raça negra*, que os determina. Estas relações apontam para um sentido de *Zumbi* como não apenas tendo essas qualidades, mas como, mais que isso, as tendo em nível tal que supera o real: o nível de ser um modelo, exemplo, nesse caso sinônimos de *símbolo*. E por *Da raça negra* estar determinando tais palavras, o modelo, isto é, o ser/apresentar-se como modelo, toma dimensões quase míticas ou pelo menos heroica: é de uma raça, algo abstrato, intangível, perpétuo, e não apenas de quem pertence a essa raça (ser concreto, mortal). Tudo isto pode ser visualizado no DSD 3:

DSD 3 – Sentido de *Zumbi*, enquanto herói de um povo



Nesse Domínio Semântico de Determinação, que apresenta os sentidos da palavra *Zumbi*, nota-se que é determinada diretamente pelas expressões: *símbolo de resistência e bravura*, *Líder maior* e *bravo herói*. Já *líder maior* é determinada por *de seu povo*, ao passo que *bravo herói* o é por *pele escura*. *Raça negra*, como se vê, determina *símbolo de resistência e bravura*. E, em conjunto, *Zumbi* assim significado neste acontecimento, se opõe a *vil escravatura*.

Por sua vez, as expressões **Ninguém conhece o primeiro/escravo que apareceu, / se foi negro ou se foi branco, /africano ou europeu**, da estrofe C1-6, as palavras *negro*, *branco*, *africano* e *europeu* se articulam por definição com a palavra *escravo*. Tal articulação aponta para um sentido de *escravo* que, podendo ser branco e/ou europeu, diverge do sentido que funcionou no Brasil escravocrata como se fosse único e verdadeiro: o sentido de que *escravo* era negro e africano. E na estrofe C1-7 o locutor-cordelista, do lugar do dizer de um enunciador-universal, expressa-se, por assim dizer, metalinguisticamente sobre o texto, ao declarar que tal cordel é o resultado de uma pesquisa feita por ele, significando isso em princípio que tal livreto se faria baseado em fatos históricos e reais. Não obstante, ao reescrever a expressão *capítulos da escravidão* por meio da expressão *mancha na História* (ambas metafóricas), situa o texto como intermediário entre a ficção – o que lhe permite um ponto de vista subjetivo – e a história, característica, inclusive, que é própria do livreto de cordel, como dissemos na seção 1.

4.2.1.2 *Negros africanos: escravos ou escravizados ou de negro a escravo: sentidos de uma raça*

Passemos agora para o excerto 2 onde encontraremos na poesia de Paixão (2007) dados históricos sobre a vinda dos negros, que foram capturados e escravizados, bem como dos castigos que sofriam:

EXCERTO 2

Em catorze cinco quatro (1454)
 Esse fato aconteceu
 E em quinze quatro nove (1549)
 Um desembarque se deu,
 Pois, nas terras da Bahia,
 Tomé de Sousa desceu.
(C1- 10, p. 04)

Trazia no seu navio
 Provavelmente **os primeiros**
Escravos pra trabalhar
 Em terras de fazendeiros.
 Fez dos **negros africanos**
 Animais em cativeiros.
(C1-11, p.04)

Os negros eram provindos
 Da África Ocidental.
 Da região da Guiné
 E África Equatorial,
 Angola, Congo e Sudão,
 E Região Tropical.
(C1- 12, p.04)

Os Congos e Sudaneses
 São as duas etnias
 Predominantes dos **negros**,
 Que no decorrer dos dias,
Perderam a identidade
De duas raças bravias.
(C1-13, p.04)

Um capítulo **mui cruel**
 É o que vou narrar agora,
 Vou falar da captura
 Naquele tempo de outrora,

Na mira dos **sanguinários**

O negro soluça e chora

(C1-14, p. 04)

O negro vivia livre

Nas encostas africanas,

Mas as potências marítimas

Em investidas tiranas

Caçava **o negro** e vendia

Pras terras americanas

(C1-15, p.05)

Não tinha **o negro** direitos,

Após ser capturado,

Virava mercadoria

Era **vendido e comprado**;

Sua sina: **obedecer**

Trabalhar, ser castigado.

(C1-16, p.05)

Ao serem capturados

Nas terras onde viviam,

De doenças e maus tratos,

Muitos negros sucumbiram.

Na travessia cruel

No oceano morriam.

(C1-17, p.05)

E vinham **amontoados**

Em condições **desumanas**

Nos porões frios e fétidos

Passavam dias, semanas...

Maldosamente arrancados

Das raízes africanas.

(C1-18, p.05)

Na escuridão dos porões

Vulneráveis às doenças,

Sem a comunicação

Por causa das diferenças;

Entre gemidos e choros

Escárnios, morte e ofensas.

(C1-19, p.05)

Em suas bocas, pedaços

De madeiras amarrados,

Os braços presos nas costas

Com cordas eram atados,

**Com forquilhas no pescoço,
Eles eram transportados.
(C1-20, p.06)**

**Um arsenal de torturas
Para o escravo se criou;
Se pensou tantos castigos
Que a mente humana esgotou,
A soma dos sofrimentos
O **bravo negro** amargou.
(C1-21, p.06)**

Viramundos e algemas,
Palmatórias, focinheiras,
Tinha máscaras de ferro,
Os troncos e pescoceras,
O ferro quente no lombo
Chicotes e gargalhadas
(C1-22, p.06)

O negro por muitas vezes
Tinha membros mutilados,
**Os negros que resistiam
A serem subordinados
Eram pelos seus senhores
Brutalmente assassinados.
(C1-23, p.06)**

Nesse excerto, podemos notar que o cordelista faz um movimento narrativo duplo: numa primeira parte, de C1-10 a C1-14, ele utiliza uma espécie de *flashforward*, para condensar fatos relativos desde a vinda e vida dos africanos negros trazidos ao Brasil como escravos; numa segunda parte, de C1-15 a C1-23, ele narra em flashback, com um nível maior de detalhamento. Notemos desde logo, que tais modos de narrar – *flashforward* e *flashback* – são típicos das artes narrativas ficcionais, como o cinema e o romance, mas no cordel, aparecem ligadas, ao mesmo tempo, à narrativa de fatos de duas ordens: ficcionais e históricos.

Isto porque, como veremos a seguir, a partir, por exemplo, de uma cena enunciativa em que o locutor-cordelista, mobilizando narrativamente fatos que trazem memoráveis da escravidão brasileira (comprovados pela História e Historiografia, a exemplo de textos como Scicínio (1997) e Moura (2004)), se posiciona como um enunciador universal, típico da ciência, mas assume um posicionamento político, no sentido de Guimarães (2002), favorável ao negro africano; e utiliza recursos literários, como é o caso de figuras de linguagem como a elipse e a metáfora. Vejamos.

No primeiro movimento (C1-10 a C1-14), destaquemos em C1-11 os versos **Trazia no seu navio/Provavelmente os primeiros/Escravos pra trabalhar/Em Terras de fazendeiros**. Nesse enunciado, em que temos a palavra *escravos* articulada com *primeiros*, *trabalhar* e com a expressão *em terra de fazendeiros*, podemos observar que o locutor-cordelista ao atribuir a Tomé de Sousa, que está reescrito por elipse como sujeito do verbo *Trazia*, ter sido o provável introdutor de escravos no Brasil colônia, recorta um memorável da história do Brasil. Mas, ao fazê-lo, divide o seu dizer, ou seja, o faz de modo político (GUIMARÃES, 2002; 2011): por um lado, se refere a *os primeiros/Escravos*, falando do lugar social de um locutor-senhor, ou de um locutor-historiador, que considera que os africanos negros trazidos já vieram como escravos, ao invés de terem sido transformados em escravos, ou seja, terem sido escravizados; por outro lado, ao dizer, na sequência, *Fez dos negros africanos/Animais em cativeiros*, instala outro dizer oposto, enunciando agora do lugar social de um locutor não-escravagista – com o qual concorda – para o qual os negros Africanos *foram feitos escravos*, metaforicamente, *animais em cativeiro*, expressão que, articulada a *negros*, pode ser parafraseada como *pessoas que, tratadas como animais (não como humanos) foram tornadas cativas*. Quer dizer, a partir desse enunciado, instala-se um dizer político, dividido portanto, em que haverá uma oposição entre *ser escravo* e *ter sido feito escravo*, ou seja, ter sido escravizado. Surge, com isso, um funcionamento de sentido que perdurará pelo romance: a palavra *negro*, ora será sinônimo de *negro africano livre escravizado*, ora será sinônimo de *escravo*, uma condição não humana, assumida no Brasil escravocrata como se fosse natural.

Por conta disso, na estrofe seguinte, C1-12, no primeiro verso, **os negros eram provindos**, *negros* está articulado a pessoa que era livre e foi capturada e escravizada. Logo, o negro aqui não é o escravo, mas a pessoa da pele escura, ou da raça negra. A palavra *provindos* está articulada com *negros*. E, por sua vez, *África Ocidental*, *Guiné*, *África Equatorial*, *Angola*, *Congo*, *Sudão* e *Região Tropical* estão articuladas a *provindos*, relação essa que recorta o memorável das origens dos africanos trazidos como escravos para o Brasil de então.

Na terceira estrofe, C1-13, que compõe este excerto, *negros* ainda não diz respeito ao escravo, mas, como na estrofe anterior, a pessoa que foi retirada do seu lar para passar por um processo de escravização. Nas relações de articulação temos *duas etnias* que está articulada com *Congos* e *Sudaneses*. Por sua vez, *perderam a identidade de suas raças bravias* está articulada com *negros* e *raças bravias* está articulada com *identidade*. Tais articulações constroem um sentido em que a expressão *identidade de duas raças bravias* se associa positivamente a *negros* (em *etnia dos negros*), mas ao mesmo tempo, por estar articulada com o verbo *Perderam*, indica

que se tratou de uma transformação, que leva a um questionamento: Perderam por que? ou Perderam em virtude de quem?

É na próxima estrofe, C1-14, que, encerrando o *flashforward*, o cordelista sinaliza que começará a falar sobre como era a captura do negro, que, como veremos, até certo momento era livre e depois passa pelo processo de ser escravizado. No primeiro verso, *um capítulo mui cruel* refere-se a escravidão, assim como no quarto verso a expressão *tempo de outrora* remete ao tempo que ela durou no Brasil. Observe-se que *sanguinários*, no quinto verso, por antecipação, faz referência aqueles que escravizavam os negros, comprava e/ou os vendia, enfim, exploravam o seu trabalho, além de os castigarem. Veremos (no *flashback*) tratar-se, por sinonímia, tanto dos colonizadores (Portugal), quanto dos executores da escravização (traficantes, que vendiam; senhores, que compravam e para quem trabalhavam). *Soluça e chora*, presentes no sexto verso, estão articuladas a palavra *negro*, que, também aqui, reescreve *negros africanos* (em C1-11), portanto ainda nem escravo, nem escravizado. Deste modo, *soluça e chora*, trazem um memorável de tristeza: os africanos negros haviam sido retirados de sua terra natal.

Consideremos agora a outra parte do excerto 2, em que, como dissemos, o locutor-cordelista, fala sobre os fatos em *flashback*. De C1-15 a C1-23, dois aspectos merecem destaque: 1) uma espécie de cadeia de reescrituras de *negro*, que em alguns casos se cruza com *escravo*. 2) o uso sistemático da elipse.

No tocante à cadeia de reescrituras de *negro*, destaquemos que, em primeiro lugar, em C1-15, o locutor diz:

O negro vivia livre
 Nas encostas africanas,
 Mas as potências marítimas
 Em investidas tiranas
 Caçava o **negro** e vendia
 Pras terras americanas
(C1-15, p.05)

Em primeiro lugar, encontramos duas ocorrências de *o negro* em C1-15. Observamos que, nos dois primeiros versos de C1-15, há duas articulações com a palavra *negro*, são elas: *vivia livre* e *nas encostas africanas*. Depois, nos últimos versos, as palavras *caçava* e *vendia* estão articuladas a *potência marítima*, bem como a *o negro*, que é uma reescritura de *o negro* do primeiro verso. E, por último, a expressão *pras terras americanas* está articulada a *vendia*. A partir dessas relações, podemos dizer que os enunciados do locutor-cordelista constroem dois

sentidos para negro: *negro*, do verso 1, ao se articular com *livre*, traz o sentido de uma pessoa da raça negra que possuía um tipo de liberdade que não se refere a nenhum dos sentidos de liberdade que circulavam em contexto de escravidão, como postulado por Santos (2008), a saber, a *liberdade transitiva* (liberdade condicionada, possível ao escravo liberto) ou a *liberdade intransitiva* (liberdade pertencente por nascimento ao senhor). Tal sentido de *livre*, determinante de *negro*, e correlacionando-se com a expressão *encostas africanas* (um sinônimo de África), aponta portanto para o sentido de que o *negro* era livre no seu lugar de origem, a África. E – muito importante – este sentido de *livre* não tinha ainda relação com *escravidão* (ou, como veremos, com *escravização*): tratar-se-ia do *negro livre* original, cuja liberdade – veremos adiante – será buscada no quilombo. Assim, o DSD 4 mostra tais relações:

DSD 4 – Sentidos de *Negro*, enquanto *livre*.

encostas africanas ----- **África** | **NEGRO** | **livre**

Porém, essa situação original do *negro livre*, será desequilibrada, como podemos notar pelo uso do marcador *Mas*, no enunciado *Mas as potências marítimas*, que separa/opõe o primeiro negro (verso 1) ao segundo do verso 5: este *negro*, diferentemente daquele *livre*, é *caçado* e *vendido*, ações que não se aplicam a seres humanos. Caçar, se refere, normalmente, a animais; vender, se refere a mercadoria: Eis, portanto, o *negro* apresentado com características de escravo, ou melhor, de escravizado (SANTOS, 2017), pois ele não era escravo (*vivia livre/Nas encostas africanas*) mas foi *transformado em escravo* com um agente identificado: *potências marítimas*, que, pela época, aciona o memorável de Portugal e Espanha. Além disso, o *Mas* opõe *encostas africanas* a terras americanas: nesta, a escravidão/escravização; naquelas, a liberdade.

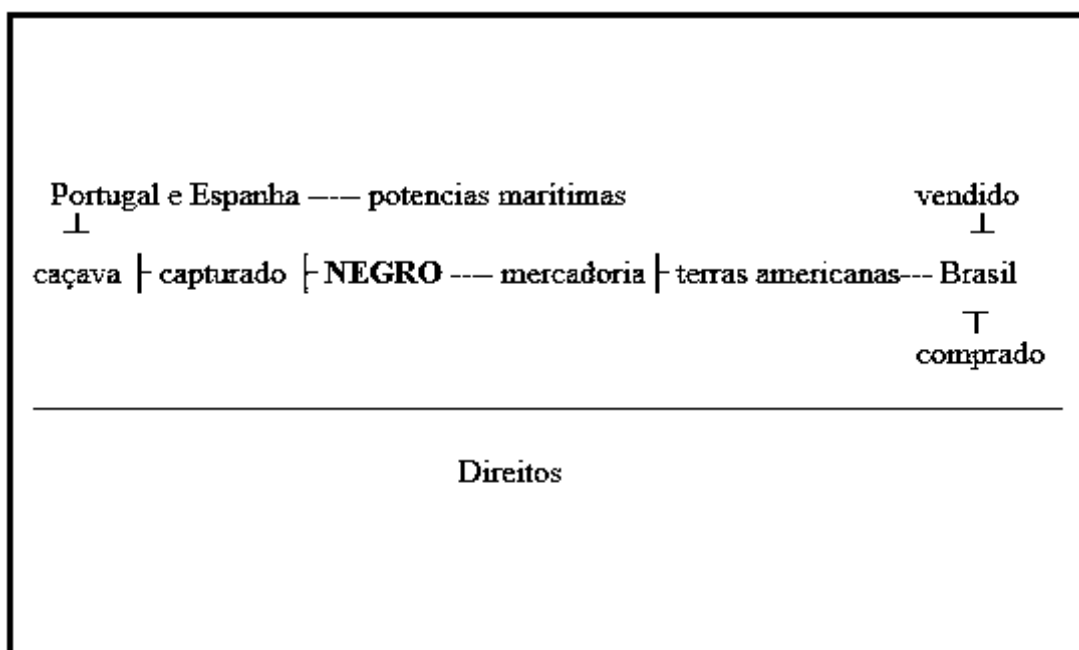
Na sequência, na próxima estrofe, C1-16,

Não tinha o **negro** direitos,

Após ser capturado,
Virava mercadoria
 Era **vendido e comprado**;
 Sua sina: **obedecer**
Trabalhar, ser castigado.
 (C1-16, p.05)

encontramos *negro* reescrito no primeiro verso com o sentido de escravizado, pois articula-se a *Não tinha [...] direitos*. E aparece também reescrito por elipse nos versos seguintes, reescrituras que o articulam explicitamente a características da escravidão/escravização: ser definido como *mercadoria*, podendo ser *vendido e comprado*, com um destino único: *obedecer/Trabalhar, ser castigado*. Em vista disso, semanticamente podemos considerar o DSD 5 que demonstra o sentido de *negro escravo/escravizado*:

DSD 5 – Sentidos de *negro*, enquanto capturado



A estrofe seguinte, C1-17, traz os quatro primeiros versos em ordem invertida. Sendo assim, em ordem direta ficaria da seguinte forma: *Muitos negros sucumbiram ao serem capturados, nas terras onde viviam, de doenças e maus tratos*. Com isso, *sucumbiram* e *capturados*, *doenças* e *maus tratos* estão articuladas a *negros*, uma reescritura do *negro escravizado* de C1-1. No penúltimo verso, temos a expressão **Na travessia cruel** trazendo um memorável da viagem feita pelos negros nos navios negreiros, onde eles eram transportados sem as mínimas condições de higiene (SCISÍNIO, 1997, p. 167).

Em C1-18, *negros* aparece reescrito por elipse em **E vinham amontoados**, e articula-se à palavra *amontoados*. Nos versos **Em condições desumanas/Nos porões frios e fétidos**, *porões frios e fétidos* articulam-se com *condições desumanas* e, em conjunto, tais expressões se articulam a *negros*, de novo reescrito por elipse. No penúltimo verso a expressão *maldosamente arrancados* está articulada a *negros* (em elipse). A expressão *maldosamente arrancados*, traz o memorável de que o negro foi retirado de sua terra, onde era livre, e depois levado para outro país e, lá (aqui), escravizado. É o que o último verso da estrofe sinaliza onde a expressão *Raízes africanas* vem articulada a *arrancados*; tem-se aqui, mais uma vez o memorável de tristeza.

A narrativa sobre como ocorria a viagem continua em C1-19, trazendo as expressões *vulneráveis às doenças e sem a comunicação* articuladas a *negros*; e em C-20 que, mais uma vez, faz alusão às condições precárias em que os negros africanos viajavam nos navios, mobilizando, como se vê, o memorável dos navios negreiros, trazendo a enumeração de palavras articuladas a *negros* (em elipse): *gemidos, choros, escárnios, morte e ofensas*.

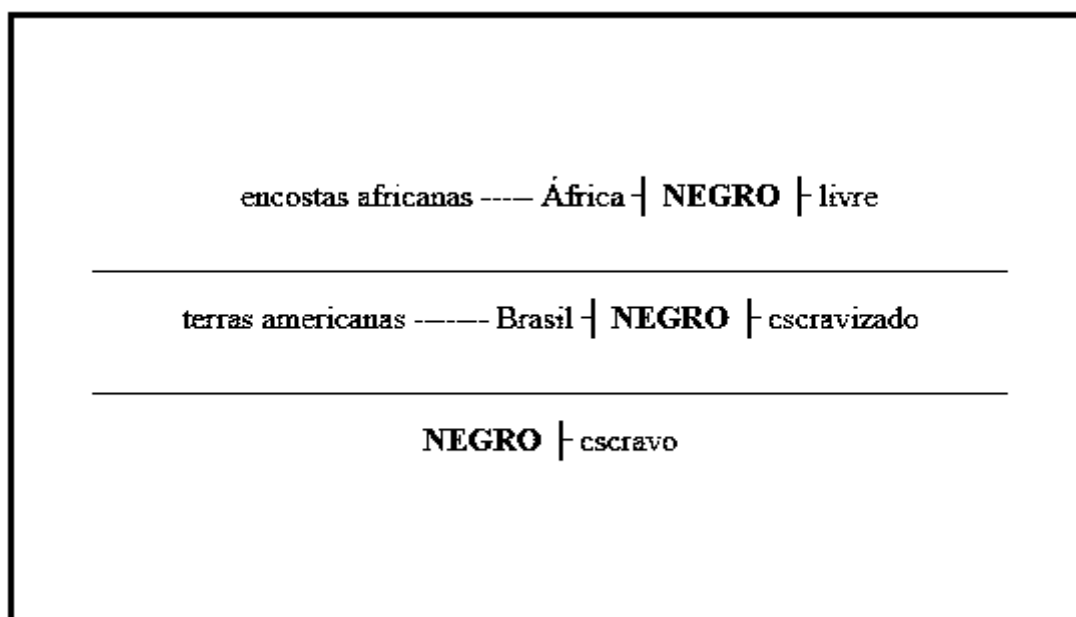
Nas 3 estrofes seguintes, C1-21 a C1-23, o locutor-cordelista fala sobre os castigos sofridos pelos escravos. Ao fazer isso, três fatos se destacam. Em primeiro lugar, esse locutor registra expressões que marcam a divisão política do dizer (GUIMARÃES, 2002): de um lado, o dizer de quem usa a palavra *negro*, remetendo ou a *negro livre*, ou a *negro escravizado*; de outro, o dizer comum na história (pelo menos na história oficial), que toma esse *negro* como sinônimo de *escravo*. Com isso, a estrofe C1-21 traz o negro já escravizado como podemos observar em **um arsenal de torturas para o escravo se criou**, enquanto nas estrofes anteriores havia o *negro livre* que foi retirado de seu lar e mandado para outro ambiente para trabalhar para alguém. A partir dessa estrofe a palavra *negro* terá, por vezes, uma relação de sinonímia com a palavra *escravo* no decorrer do livreto de cordel, marcando uma oposição pelo caráter político. Tal uso político se marca mais ainda se admitirmos que, nessa estrofe, a palavra *escravo*, reescreve por condensação aquele *negro sem direitos*, ilustrado pelo DSD 5, e a expressão *o bravo negro*, reescreve o *negro livre*, do DSD 4.

Em segundo lugar, o locutor-cordelista no lugar de dizer de um enunciador universal apresenta uma série de castigos que um escravo podia sofrer no cativeiro, e ao fazer tal apresentação, ao mesmo tempo em que aciona o memorável dos castigos comuns no escravismo brasileiro, atestados por historiadores como Scisínio (1997) e Moura (2004), usa um estilo literário/ficcional, trazendo o expediente da voz passiva sem o agente, por exemplo: nos versos **Um arsenal de torturas/Para o escravo se criou** (em C1-21) e **Tinha membros mutilados** (em C1-23), deixa o leitor do cordel a perguntar: quem criou? membros mutilados por quem? A resposta só virá no penúltimo verso, com a expressão *seus senhores*, a qual remete ao dizer que,

politicamente, toma o *negro* como *escravo*, ou seja, o “negro da História oficial”, sobretudo quando consideramos que em C1-23, há nos dois primeiros versos uma relação de articulação entre a palavra *negro* e *membros mutilados*. Já nos quatro últimos versos, a palavra *negros*, articulada com *resistiam*, *subordinados* e *assassinados*, assim como, a palavra *brutalmente*, remete ao outro dizer que toma o negro como *escravizado* ao invés de *escravo*.

Em suma, observa-se que o *flashback* apresentado pelo locutor-cordelista é de suma importância para o desenvolvimento da trama subsequente, na medida em que, pelo uso político da língua, mostra sentidos antagônicos em funcionamento no romance, marcados pelos sentidos da palavra *negro* ora admitindo ora não que o *negro livre* que foi trazido das *encostas africanas* foi escravizado, ou seja, transformado em *negro escravo* nas *terras americanas*, sinônimo de *Brasil*. O DSD 6 pode ilustrar tais sentidos:

DSD 6 – Sentidos de *negro*, enquanto *escravizado*



Como veremos a seguir, tal oposição entre livre, de um lado e escravizado ou escravo de outro, é uma oposição que semanticamente demonstra o funcionamento político da língua, como postula Guimarães (2002) e, nesse cordel, traz interligados dois elementos fundamentais ao desenvolvimento da trama: 1) a liberdade do negro livre (na África) poderá ser (re) encontrada num lugar especial chamado quilombo; 2) nesse lugar, nascerá uma pessoa que, com características de herói, tentará dar para o povo de sua raça, os *negros* africanos, *livres* portanto, a liberdade que perderam no Brasil ao serem, como explica Santos (2018) convertidos em escravizados denominados escravos.

É o que veremos a seguir.

4.3 O habitat do herói: Quilombo - “local de refúgio de escravos fugidos” ou “república de negros escravizados”?

Quilombo: que lugar é esse? Tal pergunta, do ponto de vista da história oficial parece respondida: “um ajuntamento/refúgio de escravos fugitivos”, como destaca Moura (2004). Não obstante, considerando-se atualmente a importância do quilombo no Brasil escravista, a moderna historiografia começa a admitir que a história oficial “[...] procura esconder ou minimizar a importância sociológica, histórica, política e humana que foi Palmares [...]”, que foi o maior e mais importante quilombo do Brasil e América Latina. Nesse sentido, segundo Moura (2004) a *quilombagem* foi um movimento histórico e social que constituía os quilombos e, tendo durado todo o período em que a escravidão existiu no Brasil, e se mostrou um elemento de desgaste para o sistema escravista. Tal compreensão do quilombo, como resultado do movimento da quilombagem aparece retomado em passagens do cordel. Vejamos o excerto 3:

EXCERTO 3

Nesse tempo o próprio negro
Já tinha uma longa história
De resistência e revoltas
Em busca de escapatória,
Os quilombos são exemplos
De seus momentos de glória
(C1 – 32, p. 08)

No Brasil foram centenas
De quilombos espalhados,
Serviam de proteção
Pros negros refugiados,
Resistiam ao modelo
Que os mantinha explorados.
(C1- 33, p.08)

Pro leitor compreender
Essa importante abordagem,
Eu trarei primeiramente
Dentro da mesma linguagem
A real compreensão
Do fenômeno “Quilombagem”.
(C1-34, p.08)

O negro enquanto cativo
 Sonhava com a liberdade,
 No quilombo ele buscava
 Representatividade;
 Movimento radical
 De muita expressividade.
(C1-35, p.09)

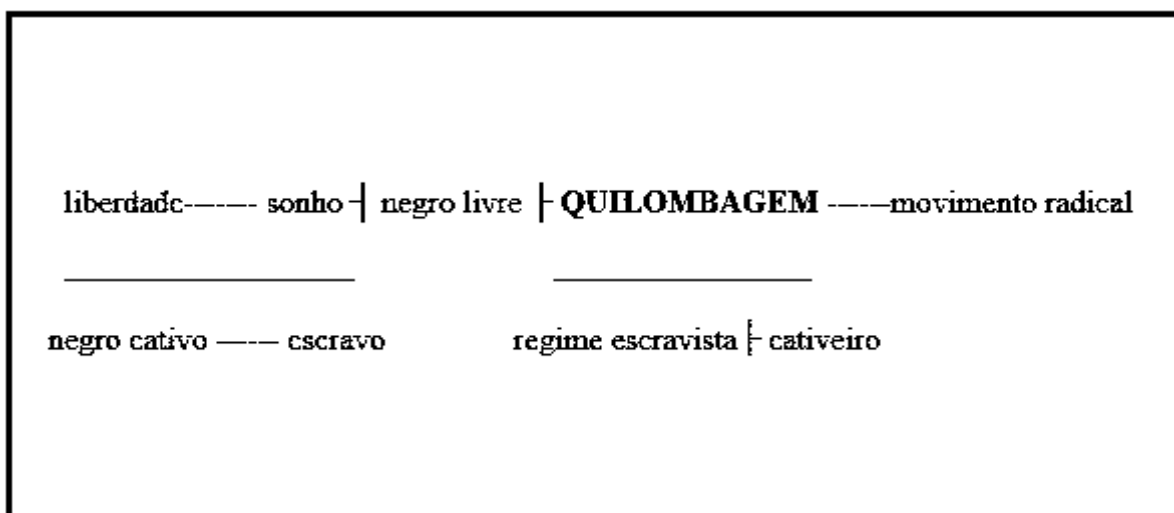
A quilombagem, portanto,
 Era uma constelação
 De movimentos, protestos...
 Espécie de insurreição
 Contra o regime escravista
 Em prol da libertação.
(C1-36, p.09)

Muita gente se integrava
 Ao escravo fugitivo,
 Minorias excluídas
 Constituíam o efetivo;
 Um ousado movimento
 Que libertava o cativo.
(C1-37, p. 09)

Nesse excerto, pelo menos 3 aspectos merecem destaque. Em primeiro lugar, note-se que em C1-34 (Pro leitor. quilombagem.) o locutor-cordelista se propõe a apresentar ao leitor o fenômeno da quilombagem; e se apresenta como um enunciador universal, fato indicado, na narrativa, por exemplo, pelo uso da expressão *real compreensão*. Em segundo, em C1-35, encontramos uma reescritura de *negro*, que se articula a *cativo*, mas através do *enquanto*: ou seja, aqui o locutor-cordelista num emprego político da palavra *negro*, ao invés de *escravo*, não o vê como sendo escravo, mas *estando (enquanto)* escravo, ou mais propriamente, sendo alguém temporariamente escravizado. Com isso, em segundo, observa-se que *negro* está articulado com *sonhava* e *liberdade*, liberdade esta que o *ele*, outra reescritura de *negro*, *buscava* encontrar no *quilombo*, através da *quilombagem*, que, em C1-36, retoma numa reescritura por definição todo o sentido da estrofe C1-36, incluindo a expressão *movimento radical*, articulado a *de muita expressividade*, retomando, portanto, o memorável da historiografia moderna (MOURA, 2004) que atribui importância singular a quilombagem e seus resultados (os quilombos). E, em terceiro, notemos que, *quilombagem* é, na sequência, reescrita por definição a partir do verso 2 (Era...), sendo que nessa reescritura é apresentada ao mesmo tempo como *insurreição*, retomando o memorável de movimento social contra um

governo estabelecido, no caso o de *regime escravista*, e como *em prol da libertação*, e não da alforria. Ou seja: no quilombo, buscava-se um tipo de liberdade que não era a alforria, única liberdade (sempre condicionada em alguma medida, conforme Santos (2008)) que um regime escravista podia oferecer a um escravo.)

DSD 7 – Sentidos de *quilombo*, enquanto materialização de *quilombagem*



Como se observa nesse DSD, o quilombo, enquanto materialização do movimento de quilombagem, representava um lugar de *liberdade* para o *negro* (africano) que se entendia *livre* (como na África, como vimos em itens acima). E em Palmares, um desses lugares, que encontraremos Zumbi.

No âmbito da História e Historiografia, conforme Moura (2004), no Brasil escravista, o ajuntamento de negros passou a receber o nome de *quilombo* a partir do século XVII. Não obstante, a primeira referência a quilombo no Brasil aconteceu por volta de 1588, tendo sido vistos como símbolos de luta e resistência contra a escravidão. No período escravista houve a incidência de muitos quilombos, sendo o mais famoso a República de Palmares, da qual falaremos com mais detalhe a frente.

O primeiro quilombo é datado em 1573, localizava-se na Bahia e foi destruído no ano de 1575 por Cosme Rangel e Diogo Dias da Veiga. Com relação ao termo “quilombo”, Moura (2004) afirma que

O termo aparece depois no extremo sul do país, estendendo-se no começo do século XIX ao Rio de Janeiro, a São Paulo e ao Espírito Santo. Ao que

aparece, o termo se generalizou na literatura histórica e antropológica a partir do seu emprego por Francisco Adolfo Varnhagen (MOURA, 2004, p. 335).

Acredita-se, inclusive, que os senhores, e não os escravos, que adotaram o nome quilombo. Para os historiadores existiram 7 tipos de quilombos, seriam eles:

Os *agricolas*, que prevaleceram por toda a parte do Brasil; os *extrativistas*, característicos da Amazônia, onde viviam das drogas do sertão; os *mercantis*, também na Amazônia, que adquiriam diretamente de tribos indígenas as drogas para mercadejá-las com os regatões; os *mineradores*, em Minas Gerais, na Bahia, em Goiás e no Mato Grosso; os *pastoris*, no Rio Grande do Sul, que criavam gado nas campanhas ainda não apropriadas e ocupadas pelos estancieiros; os *de serviços*, que saíram dos quilombos suburbanos para trabalhar nos centros urbanos, fazendo-se passar por negros forros; os *predatórios*, que existiram um pouco por toda a parte e viviam dos saques praticados contra os brancos (MOURA, 2004, p. 336-337).

Dentro dos quilombos era obedecido um sistema de hierarquia e havia pagamento de tributos em produtos que seriam para subsistência dos próprios moradores. Scisínio (1997) aborda que tal hierarquia representava um sistema de valores novo que era criado pelos rebeldes. Isto é, não havia mais a relação senhor-escravo, mas sim uma outra que funcionava dentro dos padrões de controle dos próprios moradores do quilombo.

De acordo com Moura (2004, p. 337), o “quilombo constituiu uma criação dos escravos em respostas às condições peculiares do escravismo brasileiro, não foi a transplantação de formações sociais africanas.” Ou seja, os escravos que estavam nos quilombos não queriam recriar estruturas africanas. Sendo assim, como observa Moura (2004, p. 337), “o quilombo como se estruturou no Brasil, decorreu de condições específicas do escravismo brasileiro”. Com isso, o quilombo brasileiro se caracteriza por ser uma forma específica de resistência ao modelo escravista do Brasil.

Os quilombos persistiram porque as autoridades temiam entrar nas comunidades. Por mais que invasões acontecessem, os quilombos rapidamente eram reconstruídos. Conforme Scisínio (1997) os negros cobravam impostos dos fazendeiros em troca de não os importunar.

Como o escravo era sinônimo de valor, muitos aventureiros buscavam enriquecimento rápido por meio da captura de escravos fugidos. Com isso as concentrações de negros nos quilombos era um atrativo para esse tipo de atividade.

Neste contexto, se destacou o quilombo de Palmares.

4.3.1 Palmares de Zumbi: o quilombo republicano do herói

O Quilombo de Palmares era localizado em uma região geobotânica do Brasil onde predominava as palmeiras. A data de sua fundação é incerta, mas há indicações de que o quilombo é anterior a 1624. Estava situado na serra da Barriga no atual município de União dos Palmares. A serra da Barriga era um lugar estratégico por ter uma acessibilidade mais difícil. Os Quilombos de Palmares tinham 60 léguas de extensão (SCISÍNIO, 1997, p. 283).

Segundo Moura (2004), pelo fato de Palmares ter terras férteis, abundância de madeira, animais para caçar, facilidade de água e, também, localiza-se em uma região de difícil acesso, o que dificultava a invasão por parte dos senhores de engenho, atraía os negros fugidos para lá. Com isso “foram-se aglomerando e reunindo gente, juntando braços para a guerra e trabalho e formaram naquele lugar a maior tentativa de autogoverno dos negros fora do continente africano” (MOURA, 2004, p. 283).

Por sua vez, Scisínio (1997, p. 283) aponta que os mocambos que ficavam em Palmares eram assim organizados:

A 16 léguas de Porto Calvo ficava o mocambo do Zumbi; ao Norte deste, afastado 5 léguas, o do Acotirene; a Leste, localizavam-se dois mocambos conhecidos pelo nome de Tabocas. A nordeste deles, distante 14 léguas, ficava o de Dambranganga e a 6 léguas, acerca do Macaco, capital da república, com 1.500 casas; 5 léguas para o oeste da capital ficava localizado o mocambo de Osenga e, a 9 léguas de Serinhaém, a cerca de Amaro. A 25 léguas de Alagoas, para o Nordeste, o mocambo de Andalaquituche, além de inúmeros outros menores que se espalhavam pelas vizinhanças dos mais importantes.

Com o crescimento do número de quilombolas e do aparecimento da agricultura, houve a necessidade de alguém que governasse o quilombo. Pelos méritos demonstrados em guerra, Ganga Zumba foi escolhido para ocupar tal cargo, tendo governado até o ano de 1678, quando perde o prestígio entre os moradores de Palmares por ter negociado a paz com os brancos. Após a sua morte, foi substituído por Zumbi.

Conforme Scisínio (1997, p. 282), havia um conselho composto pelos principais chefes da região que também dirigia o quilombo dos Palmares. Tal conselho realizava reuniões com frequência e funcionava na capital de Palmares, tendo Ganga Zumba como presidente.

Um Quilombo com a extensão e a força que Palmares teve resultou em prejuízos para os senhores de engenho, que tentavam a todo custo acabar com a comunidade e capturar Zumbi, que se tornava uma espécie de símbolo para os ex-escravos moradores do quilombo. Apesar de

não se saber ao certo quantas expedições houve para combater Palmares, Scisínio (1997, p. 151) aponta as seguintes expedições:

Bartolomeu Bezerra entre 1602 e 1608; holandesas comandadas por Rodolph Baro, em 1644, e João Blaer, em 1645. Vieram depois as entradas luso-brasileiras: a de Zenóbio Accioly de Vasconcelos, em 1667, Antônio Jácomo Bezerra, em 1672, Cristóvão Lins, 1673, Manuel Lopes, 1675, Fernão Carrilho, 1676; outra do mesmo Fernão Carrilho, em 1683, João de Freitas da Cunha, 1684, outra vez Fernão Carrilho, 1686, Domingos Jorge Velho, 1692, e outra vez Domingos Jorge Velho, em 1694.

O pesquisador nos chama a atenção ainda para outra expedição, em 1671, comandada por André Rocha e posteriormente por Antônio Jácomo Bezerra.

Como já mencionado, o cordel de Paixão (2007) é de cunho histórico, logo, tais invasões sofridas pelo Quilombo de Palmares estão narradas em seu livreto de cordel. Para a análise deste tópico selecionamos alguns trechos que narram tais investidas que Palmares sofreu.

Nesse sentido, apresentamos abaixo primeiramente o excerto 4 que mostra o Quilombo de Palmares ao ganhar força começou a representar um perigo para Portugal, que começou a arquitetar meios de destruí-lo:

EXCERTO 4

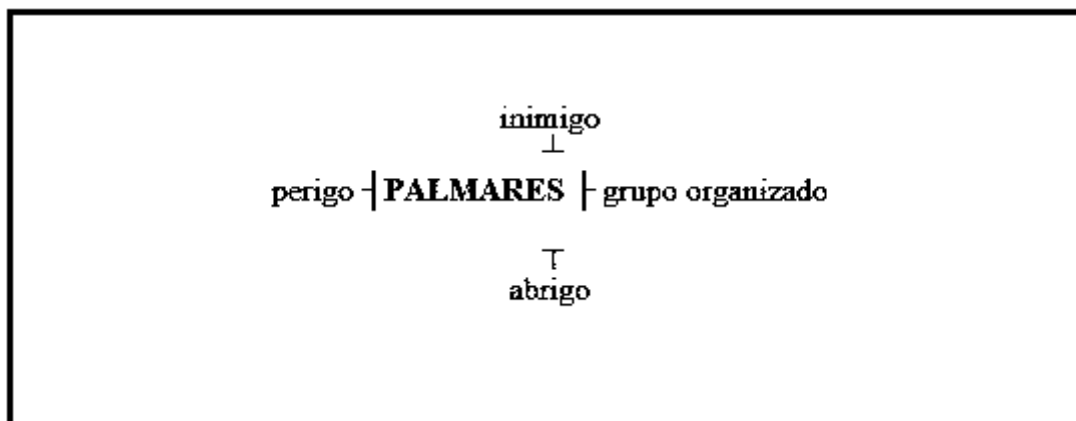
Com a invasão holandesa
Em mil seiscentos e trinta
Para o poder português
Um outro quadro se pinta:
Fazendeiro endividado,
Com a propriedade extinta
(C1-49, p. 11)

Em dezesseis cinco quatro (1654)
Portugal se recupera
Desponta uma nova era;
Para derrotar **Palmares**
O seu plano se acelera.
(C1-50, p.12)

Porque já representava
Pra Portugal um **perigo**,
Esse **grupo organizado**
Do governo era **inimigo**
Cada vez crescia mais
Os mocambos, nesse abrigo

(C1-51, p.12)

Na estrofe C1-51, *Palmares* está reescrito por elipse no verso 1 e está articulada com a palavra *perigo*. *Grupo organizado*, que aparece no terceiro verso da estrofe, reescreve *Palmares*. A palavra *inimigo* tem uma relação de articulação com a palavra *Palmares*. Essa articulação apresenta que os moradores do Quilombo dos Palmares eram inimigos do *governo* (das pessoas brancas): ao longo da narrativa do livreto de cordel, Zumbi vem sendo apresentado como herói que lutou pelo seu povo e, nesta estrofe, o locutor cordelista apresenta, assim, aquele que seria o inimigo de Zumbi e dos moradores do quilombo. Veja-se também que *Palmares* aparece reescrito como *abrigo*, trazendo com isso um contraste de sentido desta palavra com *perigo*, graças ao uso político da língua: *Palmares* é *perigo* para Portugal; e, ao mesmo tempo, *abrigo*, para o negro africano. Vejamos o DSD 8:

DSD 8 – Sentidos da palavra *Palmares*, enquanto lugar de *abrigo*

Nesse Domínio Semântico (DSD), podemos observar que a palavra *Palmares* é determinada por *Grupo organizado*, *abrigo*, *inimigo* e *perigo*. Fato que, considerando o memorável, coaduna com a história, visto que o Quilombo de Palmares foi visto como um local de refúgio (*abrigo*) para os escravos fugitivos e era organizado de tal modo que conseguiu vencer várias expedições que tinham como objetivo destruí-lo.

Num segundo exemplo temos a narração do ataque que Manuel Lopes organizou contra Palmares em 1674:

EXCERTO 5

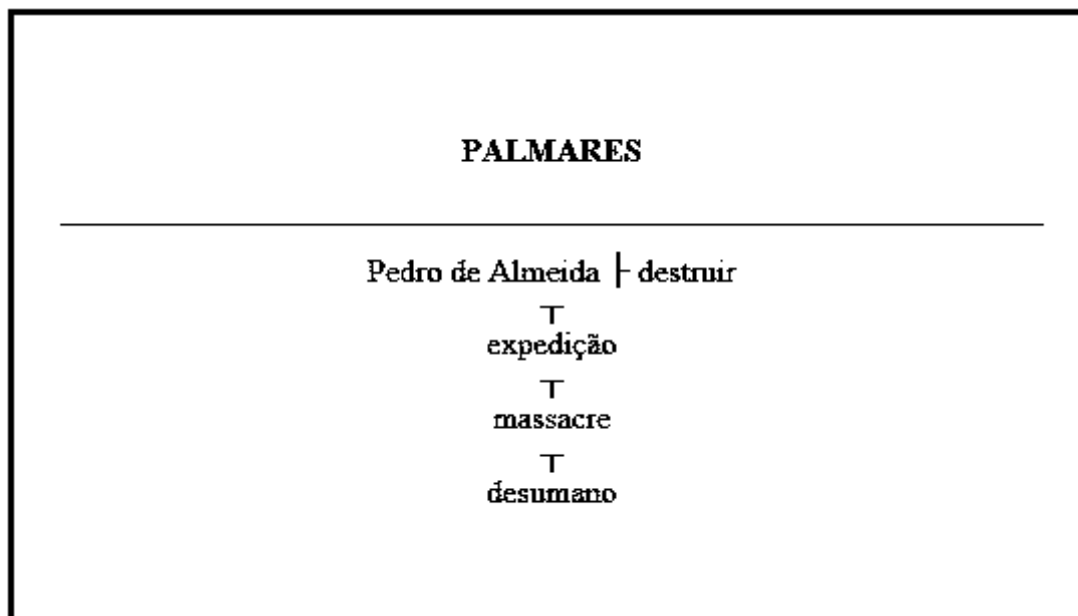
Em dezesseis sete quatro (1674)
 Um novo **governador**,

Senhor **Pedro de Almeida**,
 Por ordem superior
 Tem que **destruir Palmares**
 Com toda força e rigor.
(C1-58, p.13)

Contrata Manuel Lopes
 Em novembro desse ano
 Para não decepcionar
 O governo Lusitano
 Houve nessa expedição
 Um **massacre desumano**.
(C1-59, p.13)

No início de C1-59 temos, articulada a *contrata*, a reescritura por elipse do governador *Pedro de Almeida*, que é citado anteriormente em C1-58. No enunciado **Houve nessa expedição um massacre desumano**, a palavra *massacre* articulada a *desumano* marca, novamente, no espaço de enunciação, o político. É o que procura representar o DSD 9:

DSD 9 – Sentidos de Palmares, enquanto sofredor do ataque de Pedro Almeida



No DSD 9, do excerto 5, pode-se observar que as palavras *Desumano*, *Massacre*, *Expedição* estão determinando a *expedição* chefiada por *Pedro de Almeida* para *destruir* o Quilombo dos Palmares. Novamente, temos aqui a referência a um fato que coaduna com a história, a expedição realizada por Manuel Lopes, a mando de Pedro Almeida, que conseguiu destruir o quilombo e ferir Zumbi dos Palmares.

O terceiro exemplo há referências ao ataque que o Quilombo de Palmares sofreu:

EXCERTO 6

Em vinte e um de setembro
Do ano setenta e sete (1677)

Mais um ataque sangrento

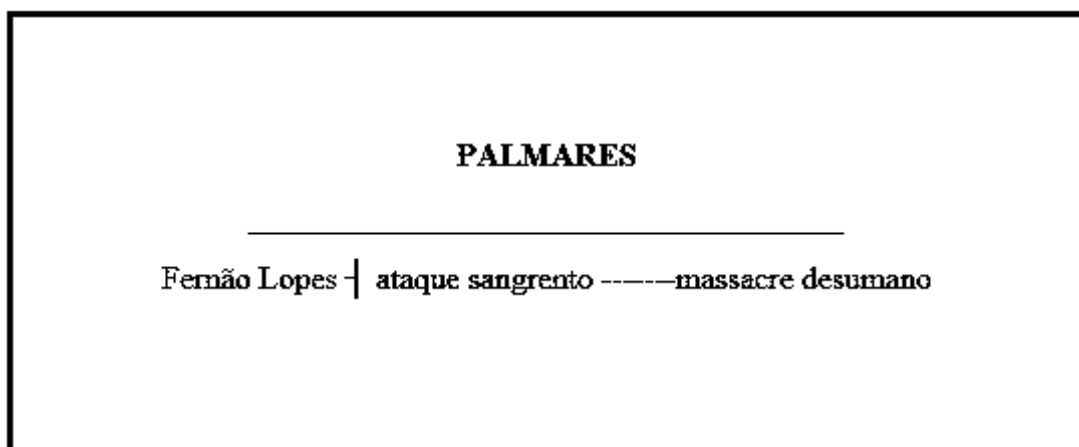
Em **Palmares** se repete,
Diante dessa derrota
A liderança reflete...

(C1-61, p.14)

Em C1-61 tem-se recortado o memorável da expedição de Fernão Carrilho ocorrida em 1677 e observamos que *ataque sangrento* aparece como sinônimo de *massacre desumano*, como indica a expressão *mais um..* Segundo Scisínio (1997), a expedição comandada por Fernão Carrilho no referido ano foi a primeira grande expedição que tinha como objetivo destruir o Quilombo dos Palmares. Tal expedição contava com cerca de 185 homens sendo que nesse número também havia índios.

No DSD 10, pode-se observar que contra *Palmares* ocorreu um *ataque sangrento* (comandado por Fernão Lopes) sinônimo de um massacre desumano, fato que na narrativa do cordel retoma o memorável dessa expedição que historicamente teve como resultado uma grande destruição da área referente ao Quilombo dos Palmares:

DSD 10 – Sentidos de *Palmares*, enquanto ataque da expedição de Fernão Lopes



Nos excertos seguintes há narrativas sobre expedições organizadas por Manuel Lopes:

EXCERTO 7

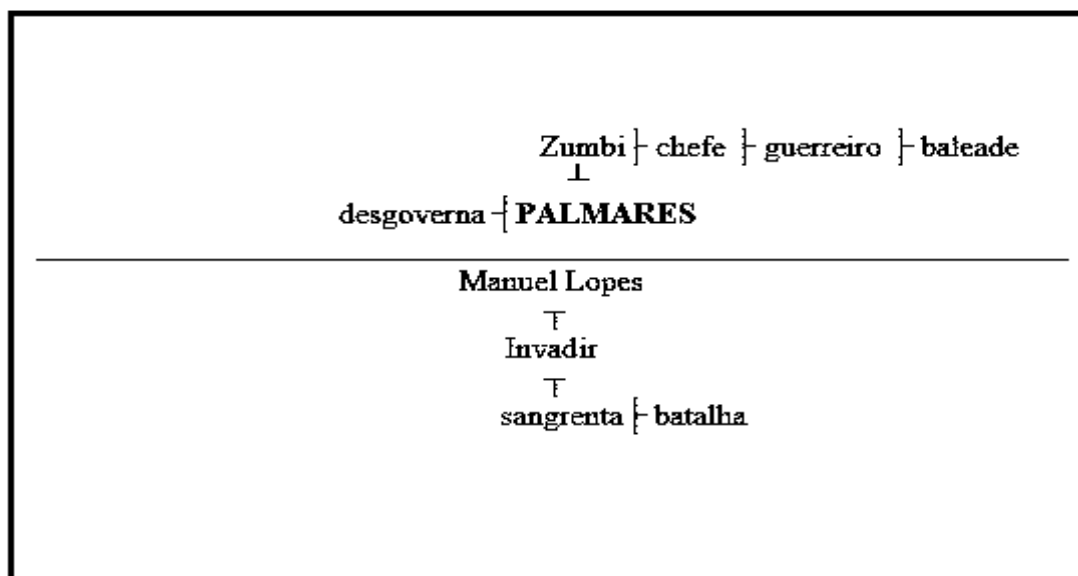
Após **sangrenta batalha**
Palmares se **desgoverna**,
 Manuel Lopes consegue
Invadir a área interna
Zumbi, o chefe guerreiro,
 É **baleado**
 (C1-92, p.21)

No presente excerto (7), temos na narração do cordel o memorável de, por volta de 1675, D. Pedro de Almeida, então governador da capitania de Pernambuco, organiza uma expedição contra Palmares, que foi comandada pelo sargento-mor Manuel Lopes Galvão. O combate durou cerca de três horas, tendo Manuel Lopes conseguido se apoderar de um arraial grande com dezenas de casas, além de ter ferido Zumbi na perna (SCISÍNIO, 1997, p.151). Tal acontecimento, é adjetivado como *sangrenta batalha*.

As palavras *desgoverna* e *área interna* estão articuladas a *Palmares*. *Invadir* está articulada com *Manuel Lopes*. E *Zumbi* é reescrito por *chefe guerreiro*. Essa expressão adjetiva *Zumbi*, colocando-o não apenas como um chefe, mas também como aquele que guerreava/lutava pelo o seu povo. No último verso há uma reescritura de *Zumbi* por elipse.

Consideremos o DSD 11:

DSD 11 – Sentidos de *Palmares*, enquanto invadido por *Manuel Lopes*



Nesse Domínio Semântico, pode-se observar que *Palmares* está determinado por *desgoverna*, trazendo o sentido de que havia o oposto, ou seja, um estado em que o quilombo tinha governo. Tal descontrole traz um memorável: o resquício do efeito do ataque da expedição sofrido pelo Quilombo em 1675. *Zumbi* aparece como *chefe* e também como *guerreiro*, o que

retoma a ideia de que mais do que liderar *Zumbi* lutou em prol de um povo. Em tal expedição, *Zumbi* foi *baleado*. Em oposição a *Palmares*, temos *Manuel Lopes* e as palavras que o determinam *invadir, batalha e sangrenta*.

Passemos para o excerto 8:

EXCERTO 8

No ano de oitenta e dois (1682)

O Quilombo novamente

Recebe Manuel Lopes

Que chega com **sua gente**,

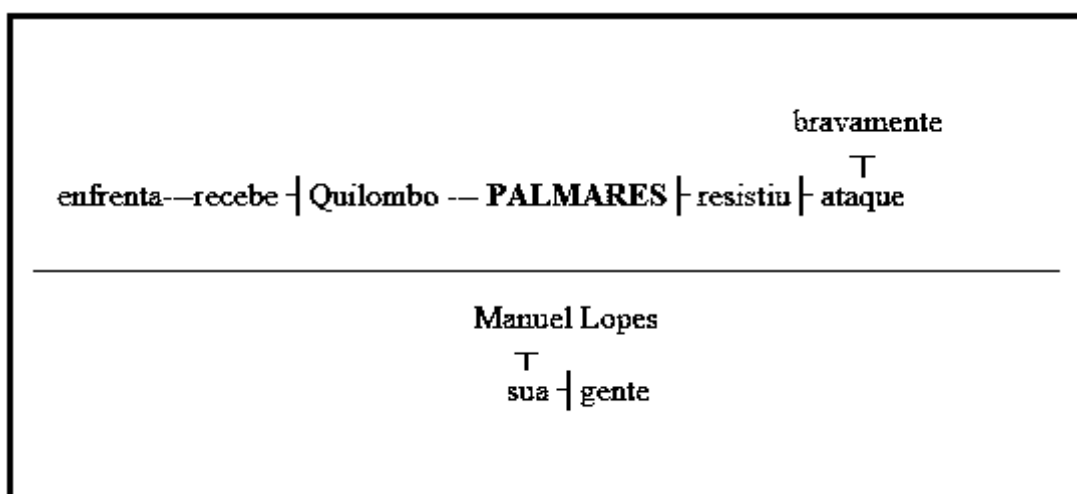
Mas Palmares resistiu

Ao ataque bravamente.

(C1-98, p.22)

No enunciado **O Quilombo novamente recebe Manuel Lopes que chega com sua gente** a palavra *recebe*, sinônimo (com uma certa ironia) de *enfrenta*, está articulada a *Quilombo*, reescritura de *Palmares*. *Sua gente* está articulada a *Manuel Lopes*. Tais enunciados recortam um memorável: Manuel Lopes, derrotado em 1675, chefia outra expedição contra Palmares em 1682 (SCISÍNIO 1997, p. 268), repetição indicada pelo *novamente*. Em **mas Palmares resistiu ao ataque bravamente**, as palavras *resistiu* e *bravamente* estão articuladas a *Palmares*. Note-se que o locutor-cordelista designa o exército de Manuel Lopes apenas como *sua gente*, ao passo que usa *bravamente* para qualificar a resistência de Palmares. Temos assim o DSD 12:

DSD 12 – Sentidos de *Palmares*, enquanto resistência aos ataques sofridos



Esse DSD, resume os sentidos da palavra *Palmares* em tal excerto que aponta que a palavra *enfrenta* é sinônimo de *recebe*. *Palmares* é sinônimo de quilombo. Os termos *resistiu*, *ataque* e *bravamente* estão determinando *Palmares*. Em oposição temos, novamente, *Manuel Lopes* e as palavras que o determinam *sua* e *gente*.

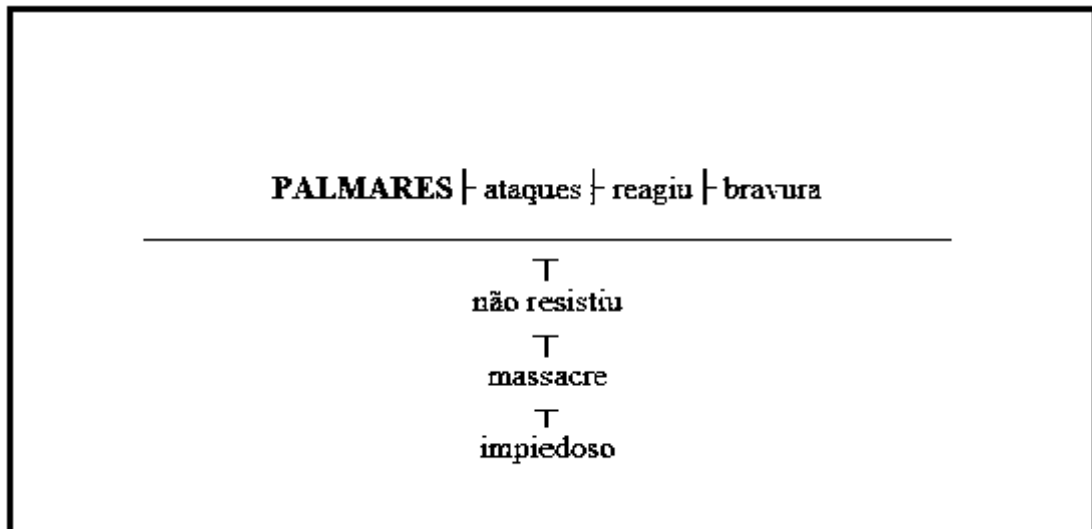
Em nosso último excerto sobre o Quilombo dos Palmares há a narrativa da expedição que foi responsável pela destruição do maior quilombo da era colonial do Brasil:

EXCERTO 9

O Quilombo de Palmares
Que aos ataques reagiu
Com toda a sua bravura
Mesmo assim não resistiu
Ao massacre impiedoso
Coisa igual nunca se viu!
(C1-113, p. 25)

No excerto em questão temos as palavras *reagiu*, *resistiu* e o enunciado *com toda a sua bravura* articulados a *Palmares*. O enunciado *coisa igual nunca se viu* está articulado a *massacre* determinado por *impiedoso*, adjetivo que marca, mais uma vez, o político na fala do locutor-cordelista, sobretudo quando se considera o uso concomitante de *desumano* e *sangrento* (vistos nos excertos acima). Neste excerto temos funcionando o memorável de que, em 1694, Domingos Jorge Velho consegue destruir o Quilombo de Palmares. Segundo Scisínio (1997), no ano de 1693 Jorge Velho é chamado para chefiar nova expedição contra Palmares. Os senhores de engenho realizam alistamento voluntário com o objetivo de destruir Palmares e toda a sua população. Aproximadamente dez mil homens realizaram inscrição. Juntaram-se a esses voluntários soldados. Nesta expedição, canhões foram usados, que até aquele momento não haviam sido utilizados em expedições anteriores. Houve uma luta sangrenta. Aqueles que conseguiram sobreviver, refugiaram-se nas matas. Nesse ano de 1694, o Quilombo de Palmares é destruído por Jorge Velho. Consideremos o DSD 13:

DSD 13 – Sentidos de *Palmares*, enquanto ter *bravura* para resistir aos ataques

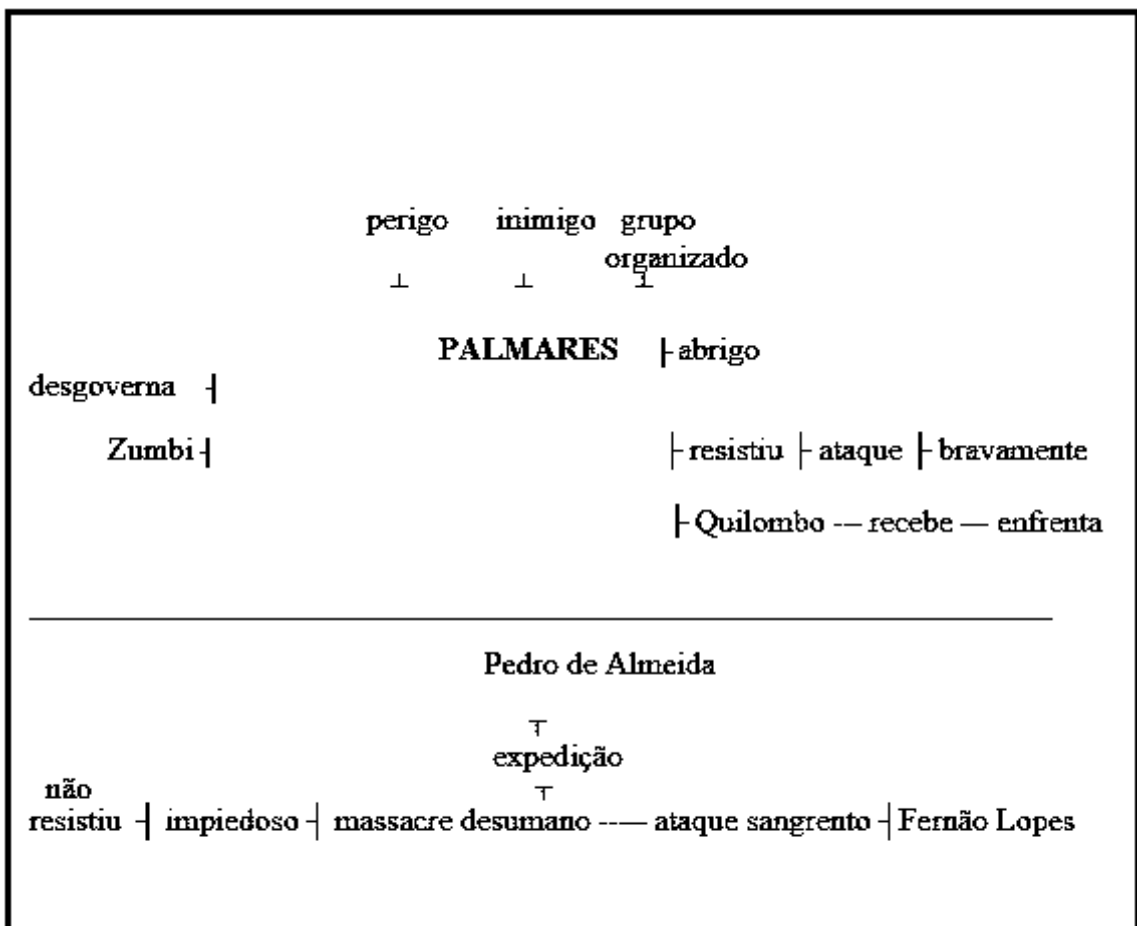


No DSD 13, relativo a esse último excerto, temos a queda do Quilombo Palmares que é apontada nas palavras que indicam oposição com relação a *Palmares* em C1-113; seriam elas: *não resistiu*, *massacre*, *impiedoso*. E, determinando *Palmares* temos as palavras *ataques*, *reagiu*, *bravura* que apontam que houve luta antes da derrota.

E tal vontade de lutar fez com que Zumbi ficasse conhecido como símbolo de resistência, como herói, como abordaremos a frente.

Chegamos, a partir dessas análises ao seguinte DSD:

DSD 14 – Sentidos de *Palmares*, enquanto conclusão das análises realizadas



Nesse domínio semântico de determinação, que resume os sentidos de *Palmares*, tal palavra é determinada por: *perigo, inimigo, grupo organizado, abrigo, resistiu, quilombo, desgoverna e Zumbi. Palmares* está em oposição a *Pedro de Almeida e Fernão Lopes*.

4.4 Herói em flashback: Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência negra no Brasil

Como vimos, entender o sentido de Palmares é entender parte do sentido de Zumbi dos Palmares, visto que semanticamente um termo está articulado e determinando mutuamente o outro.

Zumbi foi o chefe do Quilombo dos Palmares. Era sobrinho de Ganga Zumba, que foi o primeiro líder do referido quilombo. Segundo Scisínio (1997), Zumbi foi casado com uma mulher, chamada Maria, branca filha de um senhor de Porto Calvo. Essa informação, todavia, não é confirmada por alguns historiadores como, por exemplo, Moura (2004). O ano de seu nascimento é incerto, há historiadores que apontam ter sido em 1644, outros em 1655. Nesse tópico iremos analisar excertos sobre *Zumbi* verificando como que sentidos foram construídos para ele no livreto de cordel. Para tanto, selecionamos no *corpus* excertos que falam do seu nascimento (subitem 4.4.1), da sua ascensão como herói negro do Brasil (subitem 4.4.2); e da sua morte e (re)memoração (subitem 4.4.3).

4.4.1 De Francisco a Zumbi: a origem do herói / nasce o herói

Como dissemos acima (cf. item 2.3), o texto do cordel, como o de Paixão (2007), por ser pertencente ao gênero artístico literário, pode fazer uso de uma estrutura narrativa típica da arte, como é o caso do *flashback*. No excerto 11 a seguir, após um trecho em *flashforward*, o cordelista passa a narrar sobre o nascimento e a doação do menino Zumbi para o Padre Antonio de Melo:

EXCERTO 11

O leitor já recebeu
Informes preliminares,
 Mas agora falarei
De Zumbi, rei dos Palmares,
Modelo de resistência
 Das camadas populares.
(C1-68, p.15)

Em seguida continuo
 Falando de expedições.
 Passarei para o leitor
 Algumas informações
Do guerreiro palmarino

Que marcou as gerações.
(C1-69, p.15)

Esse guerreiro é Zumbi
Que em Palmares viveu,
No ano cinquenta e cinco (1655)
O ano que **ele** nasceu
Um fato extraordinário
Com Zumbi aconteceu...
(C1-70, p.16)

Ainda recém nascido
Ele foi capturado,
E pra fora do Quilombo
O menino **foi levado**
Um padre de Porto Calvo
Foi então **agraciado.**
(C1-71, p.16)

O padre Antonio de Melo
Recebeu **lindo presente**
Deram a ele **o menino**
Um indefeso vivente,
O padre compadeceu-se
Dessa **criança inocente.**
(C1-72. P.16)

Padre Antonio o batizou
Com o nome de **Francisco,**
O menino foi crescendo
Cada dia mais arisco
Sob os cuidados do padre
Não sofria nenhum risco
(C1-73. P.16)

O garoto então crescia
Recebendo educação
E foi **alfabetizado**
Obteve formação,
Aprendeu falar latim
Causando admiração.
(C1-74, p.16)

Nos versos **O leitor já recebeu/Informes preliminares**, de C1-68, *Informes preliminares* é uma reescritura por condensação pois remete a toda as informações dadas até aquele momento do texto, e que, como vimos (cf. item 4.2.1), se referem ao período anterior a

Zumbi dos Palmares. No enunciado **Mas agora falarei/De Zumbi, rei dos Palmares**, *Zumbi* vem reescrito por *rei dos Palmares*. Aqui, em concordância com todo o cordel, Zumbi é apresentado não apenas como um líder, mas como alguém que lutava em prol do seu povo, fato marcado pela articulação dessa expressão com outra nos versos finais da estrofe: *modelo de resistência das camadas populares*, a qual, no todo, é também uma reescritura de *Zumbi*.

Em C1-69 nos enunciados **Passarei para o leitor/ Algumas informações/Do guerreiro palmarino/ Que marcou as gerações**, Zumbi é reescrito por *guerreiro palmarino*. Que, coadunando com o que já foi sinalizado nos excertos anteriores, aponta Zumbi dos Palmares como aquele que guerrilhou em favor do seu povo. Por sua vez, essa expressão vem articulada com a expressão *que marcou gerações*, sinalizando que Zumbi tem seu lugar na história como símbolo da resistência negra.

Como mencionamos anteriormente, há uma difusão com relação a data de nascimento de Zumbi. Todavia na estrofe C1-70 o locutor cordelista coaduna com Moura (2004) ao nos dar a informação de que o quilombola nasceu em 1655. Nessa estrofe *Zumbi* reescreve, por definição, *guerreiro*, e aparece também reescrito por *ele*. É interessante notar nessa estrofe que os versos **Um fato extraordinário/Com Zumbi aconteceu...**, terminados por reticências, anunciam, por assim dizer, um fato fundamental da biografia de Zumbi, referendado pela História e historiografia (SCISINIO, 1997; MOURA, 2004): Zumbi, nasce no quilombo de Palmares, mas é levado para fora dele, como narrado na estrofe seguinte (C1-71). Ou seja, coincidência histórica ou não, ao ser narrado, esse fato aciona um memorável recorrente na vida de heróis ficcionais ou não: pertencer a “dois mundos” diferentes, a exemplo de heróis como Hércules (Semideus, nascido no Olimpo, mas que vive na Terra); Moisés (nasce hebreu, mas é criado como egípcio). Seria esta, pois uma das “marcas” típicas dos heróis: ter na biografia o *extraordinário* de conviver em duas culturas, mundos.

Nesse sentido, na estrofe seguinte, C1-71, o cordelista começa a narrar sobre o nascimento de Zumbi e nos conta sua biografia antes de ser líder do Quilombo dos Palmares. No enunciado **Ainda recém nascido/ Ele foi capturado**, *Zumbi* é reescrito por *recém nascido* e *ele*. Nesta expressão *capturado* vem articulado com *recém nascido*. No enunciado seguinte, **E pra fora do Quilombo/ O menino foi levado**, *menino* reescreve *Zumbi* e está articulado com *levado*. E, nos últimos versos, **Um padre de Porto Calvo/ Foi então agraciado**, temos uma articulação entre as palavras *padre* e *agraciado*. Com tal articulação, Zumbi é colocado como uma *graça*, cujo sentido, no enunciado, remete a alguém que já estava predisposto a realizar um grande feito. Aqui temos um memorável funcionando. Segundo Scisínio (1997), Zumbi foi capturado numa expedição contra Palmares e dado para o Padre Antonio de Melo que lhe deu o

nome de Francisco. Foi coroinha do padre e teve acesso a estudos como os de língua portuguesa e latina. De acordo com Moura (2004), o nascimento de Zumbi coincidiu com a primeira expedição contra o Quilombo de Palmares. Assim, observando (11), nota-se que as próximas estrofes do excerto analisado ilustram essa parte da biografia de Zumbi.

Na estrofe C1-72 temos o enunciado **O padre Antonio de Melo/Recebeu lindo presente**, em que *Zumbi* vem reescrito em *um lindo presente*. Aqui, assim como no excerto anterior, nosso personagem é colocado como alguém que já nasceu para realizar um feito. Em **Deram a ele o menino/ Um indefeso vivente**, *ele* reescritura *padre Antonio de Melo*; *menino* e *indefeso vivente*, por sua vez, reescreveram *Zumbi* e articulam-se com *menino*. E, no último verso, temos **O padre compadeceu-se/ Dessa criança inocente**, onde *Padre* reescreve *Antonio de Melo* e *criança inocente* é, também, uma reescritura de *Zumbi*.

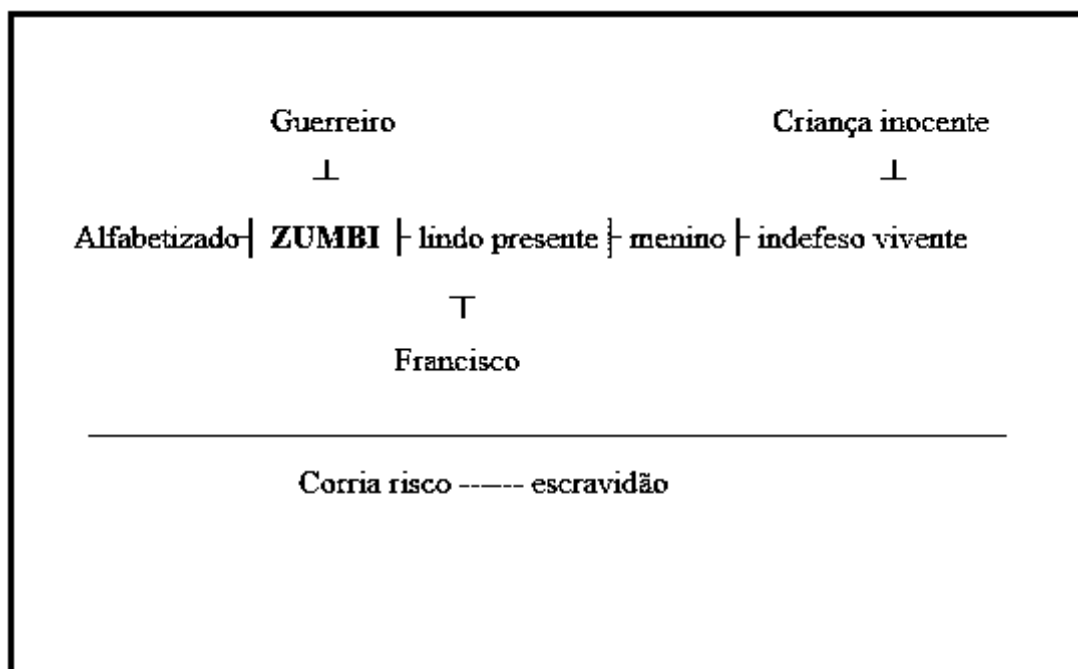
Por seu turno, a estrofe C1-73 do excerto em questão fala sobre qual nome Zumbi recebeu quando estava aos cuidados de Padre Antonio de Melo. No enunciado **Padre Antonio o batizou/Com o nome de Francisco**, *Zumbi* está reescrito pelo pronome *o* e pelo nome *Francisco*, e por *menino*, no enunciado **O menino foi crescendo**. E, por sua vez, as palavras *menino*, *crescendo*, *arisco* e a expressão *não sofria nenhum risco* estão articuladas a *Francisco*.

Por conseguinte, em C1-74, a palavra *garoto*, que aparece no primeiro verso, reescreve *Zumbi*. Nos enunciados **E foi alfabetizado/Obteve formação,/Aprendeu falar latim/Causando admiração** temos a reescritura de *Zumbi* por elipse.

Com tais reescrituras e articulações, temos aqui nessas duas estrofes o recorte de dois memoráveis importantes: um, que *Zumbi* passou por um processo de batismo que o introduziu num dos “mundos” a que pertenceria – o “mundo” dos brancos/cristãos representado pelo nome *Francisco*, dado pelo Padre (talvez não por acaso em referência a São Francisco); outro, Zumbi ter sido criado em condições diversificadas dos outros negros/escravos, com acesso a conhecimentos que os outros negros não tinham, e num mundo em que *Não sofria nenhum risco*, risco significando, por exemplo, o fato de não sofrer escravidão/escravização.

Pelo exposto, chegamos ao DSD 15:

DSD 15 – Sentidos de *Zumbi*, enquanto *guerreiro*



Nesse Domínio Semântico de Determinação sentidos atribuídos no excerto 11 a *Zumbi* apontam que ele era um *guerreiro*, possuía alfabetização o que, como foi dito acima, era algo pouco comum naquela época até mesmo para os mais ricos, foi batizado com o nome *Francisco* e foi determinado também como um *lindo presente*, *indefeso* e uma *criança inocente*. Convém notar que, pela natureza literária-histórica do cordel, esse DSD apresenta um fato interessante: *Zumbi* é determinado por *Francisco*, mas o nome *Zumbi*, na história, e na narrativa do cordel, só existirá em outro tempo: quando *Zumbi* volta para o seu primeiro (outro) mundo, e ali será – como veremos – rebatizado.

4.4.2 Herói ou vilão, uma questão de ponto de vista: o político no cordel

Por conseguinte, nesse subitem analisamos 3 excertos em que se destacam aspectos de *Zumbi* que, semanticamente, o apresentam como um herói: a) a sua excepcionalidade, que o leva a busca consciente da liberdade: liberdade africana, a que pertencia ao negro na África, antes de no Brasil; b) o rebatismo e c) a ação de *Zumbi*, ultrapassando a normalidade.

Nesse sentido, com relação ao aspecto (a), consideremos o excerto 12:

EXCERTO 12

Nem os brancos, nessa época,
 Podiam ser educados,
 Poucos membros da elite

Eram alfabetizados.
Zumbi foi uma exceção
Dos negros escravizados.
 (C1-77, p.18)

Mil seiscientos e setenta,
 Com quinze anos de idade
Abandonou seu conforto
 No auge da mocidade,
E fugiu para o Quilombo
Pra lutar por liberdade...
 (C1-78, p.18)

A liberdade dos negros
Os filhos da sua raça
Que sofriam escravidão
 A morte, dor e desgraça...
 É a causa de seu povo
 Que o **jovem Francisco** abraça!
 (C1-79, p.18)

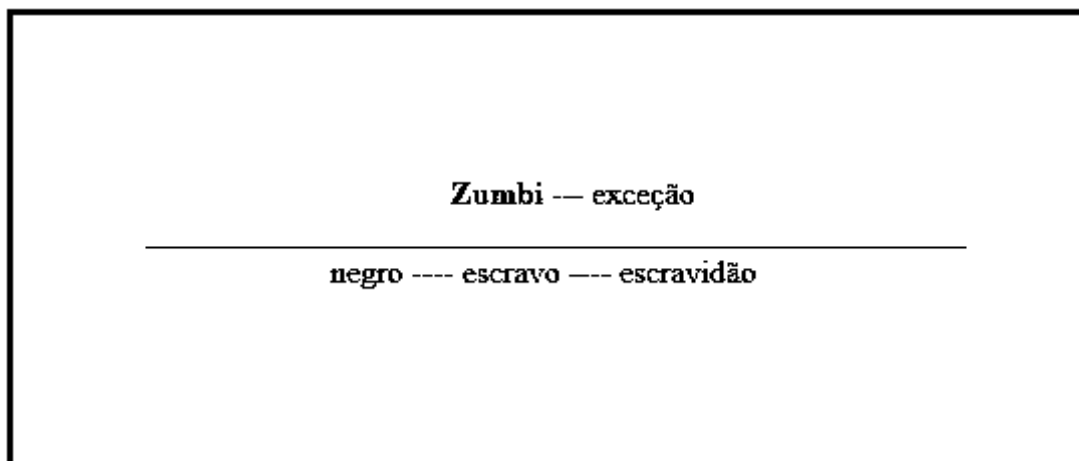
Em primeiro lugar, observa-se que, nesse excerto, em C1-77 temos o memorável que já mencionamos na análise do excerto anterior, onde Zumbi, apesar de ser negro e de estar em uma época onde o conhecimento era para poucos, teve acesso aos estudos por intermédio do Padre Antonio de Melo (SCISÍNIO, 1997; MOURA, 2004). Além disso, destaque-se que em C1-78, temos Zumbi saindo de onde morava com o Padre e retornando para o quilombo. De acordo com Scisínio (1997), após um tempo Francisco foge para o seu lugar de origem e, ali, troca seu nome de batismo para Zumbi. Apesar da fuga, a amizade entre os dois, Zumbi e o padre, continuou tendo Zumbi, por vezes, ido visitar o padre (MOURA, 2004, p. 426).

No tocante à diferenciação, observa-se que em C1-77, nos versos **Zumbi foi uma exceção/Dos negros escravizados**, Zumbi está reescrito por definição por *exceção dos negros escravizados*, fato que aponta para no mínimo a construção de dois sentidos relevantes.

Por um lado, por ser negro, mas ter formação característica dos brancos, característica aliás difícil de se encontrar mesmo entre a elite. Como se vê, nessa reescritura há funcionando o memorável da raridade, da dificuldade de acesso à formação intelectual, no Brasil, pela raça negra: isto não só faz o cordel dar uma informação histórica, sem ser um texto de História, como também aponta para o fato de que Zumbi, mesmo sendo de uma raça, possuía características de outra. Quer dizer, ter a formação intelectual, funciona como um diferencial duplo para Zumbi, seja entre os brancos, seja entre os negros. Isto o coloca no lugar do herói que, classicamente, possui algum tipo de “poder especial”, extraordinário, excepcional: a excepcionalidade

(heroica). Além disso, nesses mesmos versos, observa-se que o locutor-cordelista diz a expressão *negros escravizados*, e não *negros escravos*, fazendo aparecer o político da língua, como postula Guimarães (2011). Assim, uma possível representação dessa diferença pode ser considerada no DSD 16:

DSD 16 – Sentido de *Zumbi*, enquanto negro livre



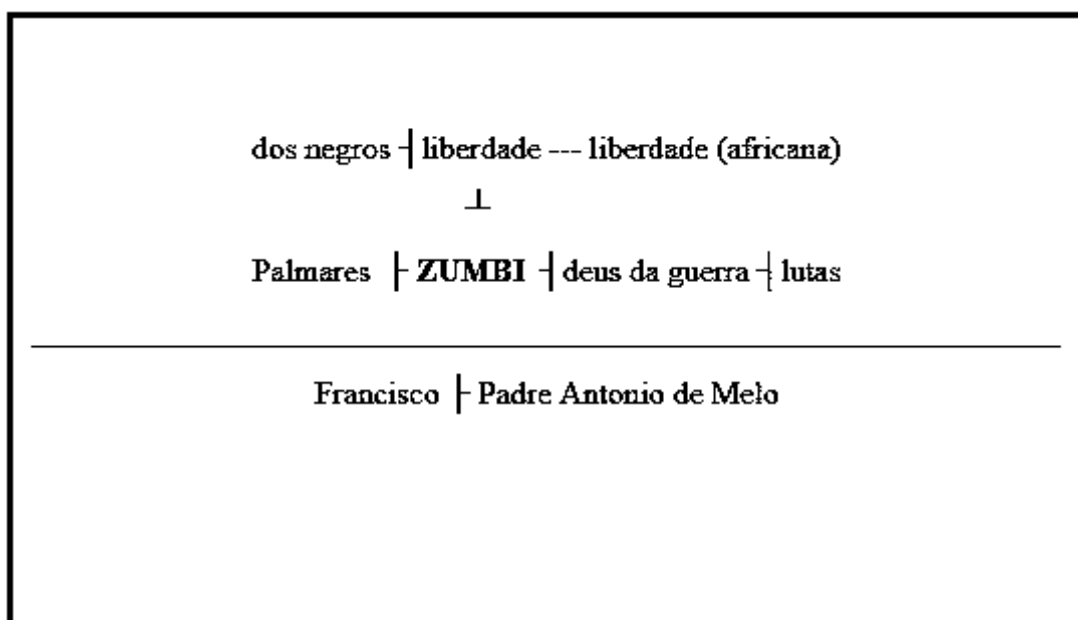
No DSD 16 a palavra *Zumbi* é sinônimo de *exceção*, e, por sua vez, *Zumbi* está em oposição a *negro*, *escravo* e *escravidão*. Sendo que *negro* aparece como sendo sinônimo de *escravo* que vem como sinônimo de *escravidão*.

Por outro lado, talvez um dos aspectos mais essenciais da diferenciação de *Zumbi* esteja indicada no enunciado **E fugiu para o Quilombo/Pra lutar por liberdade....** Isto porque, reescrito por uma elipse (*E [Zumbi] fugiu...*), *Zumbi* aparece nesses versos praticando um ato inusitado, e inesperado, típico dos heróis: deixou uma situação em tese confortável em que, como vimos em 3.4.1, “**Não sofria nenhum risco**” (C1-73, p.16), para conscientemente retornar para o seu lugar de origem (o Quilombo dos Palmares), ato que, ao ser enunciado mais uma vez expressa o uso político da língua pelo locutor-cordelista, por exemplo com o emprego do verbo *fugiu*, e não *voltou*. *Fugir* implica uma ação consciente, que planejada ou não, envolve a vontade do praticante. Nesse caso, pela narrativa do cordel, há inclusive um contraste: se para ir viver com os brancos, *Zumbi* foi pela vontade de alguém que o capturou, para retornar à sua terra de origem, ele mesmo decidiu ir, isto é, *fugiu*.

Como se não bastasse, tal fuga heroica teve uma finalidade digna do herói que a história iria um dia lembrar: a fuga foi com o fim nobre de [...] **lutar por liberdade.../... A liberdade dos negros**. Note-se que *liberdade*, aparece reescrita por *liberdade dos negros*. Tal reescritura é de suma importância, pois traz uma dimensão da amplitude/dimensão heroica da atitude de *Zumbi*: a liberdade que ele buscava não era a liberdade que, como demonstra Santos (2008),

existia na escravidão brasileira (*liberdade transitiva*, para os negros escravos-libertos ou *intransitiva*, para os senhores); era, sim, uma liberdade inexistente no Brasil escravagista: aquela *liberdade do negro* ainda quando estava na África, ou seja, antes de ser escravizado/escravo, conforme analisamos em 3.2.1.2. Almejar buscar uma *liberdade* inexistente, não prevista por uma sociedade, não deixa de ser uma atitude típica dos heróis, nos lembrando, por memoráveis, casos como os de Hércules, com seus doze trabalhos, ou Moisés, com o enfrentamento de um faraó. Essas construções de sentido, podemos ver representadas no DSD 17:

DSD 17 – Sentidos de *Zumbi*, enquanto *Deus da guerra*



Como se vê, nesse DSD 17, *Zumbi* está determinando as palavras *Palmares*, *Deus da Guerra* e determinado por *Liberdade*. E está em oposição a *Francisco* que é determinado por *Padre Antonio de Melo*. A palavra *liberdade* determina *dos negros*. *Palmares* é determinado por *Zumbi*, determina *Deus da Guerra* que, por sua vez, determina *lutas*. Os sentidos aqui apresentados para *Zumbi* é que ele era visto como alguém que buscava e lutava pela liberdade de seu povo, os negros.

Mas note-se que, em segundo lugar, tal tarefa não poderia ser realizada por um *Francisco*, nome que, tendo sido dado a *Zumbi* por um padre branco, católico, aciona o memorável do santo Francisco de Assis, pessoa pacata, apaziguadora. Um rebatismo se fazia necessário, como vemos em 13:

EXCERTO 13

Francisco mudou de nome
 Ao fugir da sua terra,
 Quando chegou em Palmares
 Bem no alto duma serra
Foi chamado de ZUMBI
Que quer dizer: “Deus da Guerra”.
(C1-80, p.18)

Francisco, desse momento em diante, aqui narrado artisticamente numa mistura de *flashback* com *flash forward*, deixará de existir para a história, dando lugar a um nome que, na origem, põe o seu possuidor numa categoria muito além do humano: é um *Deus da Guerra*, expressão que, no espaço enunciativo do Português, reescreve *Zumbi*, mas na sua língua original é o próprio significado da palavra. Não se conhece um *Francisco de Palmares*, mas *Zumbi dos Palmares*, tornou-se como um nome próprio com sobrenome. O herói negro do quilombo de Palmares agora estava, como veremos abaixo, pronto para realizar a sua tarefa.

Consideremos, então, em terceiro lugar, o excerto 14, relativo a ações de Zumbi:

EXCERTO 14

Primeiramente **Zumbi**
Foi um chefe militar
 Do exército de seu tio
 Que era um líder exemplar
 Com a morte de Ganga Zumba
 Zumbi começou reinar.
(C1-81, p.19)

[...]
 Quando Jácome atacou
 Naquela segunda vez
Um guerreiro inda menino
 Imensa **proeza** fez:
Destroçou a expedição
Com coragem e altivez
(C1-89, p. 20)

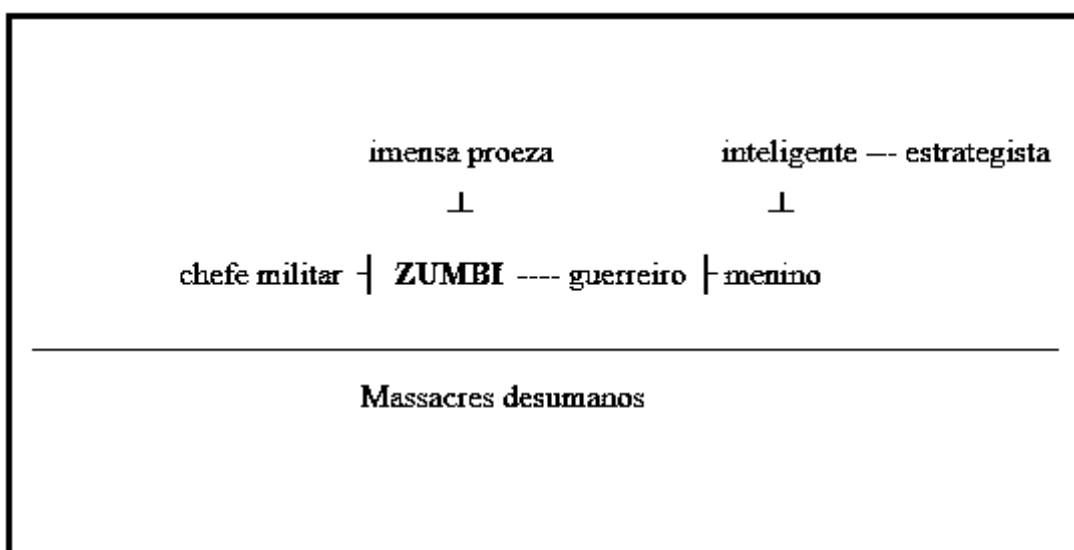
O menino era Zumbi
 Com seus dezessete anos,
 Por ser muito inteligente
 Sabia traçar seus planos
 Para assim **se** defender
 Dos massacres desumanos

(C1-90, p. 20)

Nesse excerto, na última estrofe da estrofe C1-81, temos os enunciados **Primeiramente Zumbi/ Foi um chefe militar/ Do exército de seu tio/ Que era um líder exemplar**, nos quais *chefe militar* reescreve *Zumbi* por definição; *Seu tio* é reescrito por *Ganga Zumba* e *líder exemplar*. Nos últimos versos a palavra *reinar* está articulada a *Zumbi*. Aqui, notamos um memorável pois, consoante com a historiografia (SCISÍNIO, 1997; MOURA, 2004), após a queda de seu tio, Ganga Zumba, *Zumbi* assumiu o governo de Palmares, conseguindo debandar inúmeras expedições contra o quilombo. Em conjunto, tais enunciados apresentam Zumbi já como um rei, mas um rei diferente: é militar, pertence a um exército, sabendo, portanto, lutar/guerrear.

Deste modo, nas estrofes C1-89 e C1-90, o cordelista expressa um feito digno do herói negro diferenciado, fato esse referido como proeza: *Um guerreiro [...] menino*, reescritura de *Zumbi*, *destroça* uma expedição do exército brasileiro (SCISÍNIO, 1997; MOURA, 2004). Vemos aqui, mais uma vez, o político na língua (GUIMARÃES, 2011), marcado no uso do verbo *destroça* aparece ao invés de, por exemplo, *derrota* ou *vence*. Notemos ainda que, aqui *Zumbi* aparece como alguém que, apesar da pouca idade, sabe elaborar planos que defendam o quilombo. No enunciado **Para assim se defender/Dos massacres desumanos** *Zumbi* está reescrito por elipse. No último verso novamente temos a expressão *massacre desumanos* marcando o político na expressão do locutor-cordelista a qual coloca a escravidão como um episódio violento da história do Brasil. O DSD 18 demonstra tais funcionamentos de sentido:

DSD 18 – Sentidos de *Zumbi*, enquanto chefe militar



No DSD 18 temos a palavra *Zumbi* determinada por *chefe militar* e *imensa proeza*. *Zumbi* também vem apresentado como sinônimo de *guerreiro*, que está determinado por *menino*. *Inteligente* determina *menino* e é sinônimo de *estrategista*. Tudo isso se opõe aos *massacres desumanos* sofridos pelos negros africanos escravizados. Zumbi era, pois, visto como um líder que defendia o seu povo. Durante anos, o quilombo de Palmares sofreu ataques e, graças a estratégias realizadas pelos quilombolas, Palmares conseguiu obter muitas vitórias.

4.4.3 Morre Zumbi, vive o herói: glória e honra no memorável da eternidade heroica

Um herói, como explicam os estudiosos (KOTHE, 1987; BRANDÃO, 1998), tem como contraparte a figura de um vilão, como aquele que, por possuir tal ou qual poder, se apresenta à altura de enfrentar e, até, derrotar o herói. Nesse embate, é que surge duas qualidades comuns ao heroísmo: a glória e a honra, pelas quais ele enfrenta a morte. Tais características, como veremos a seguir, são mobilizadas por memoráveis de enunciados dos cordéis do *corpus*.

A glória de Zumbi aparece narrada no cordel em momentos como o excerto 15:

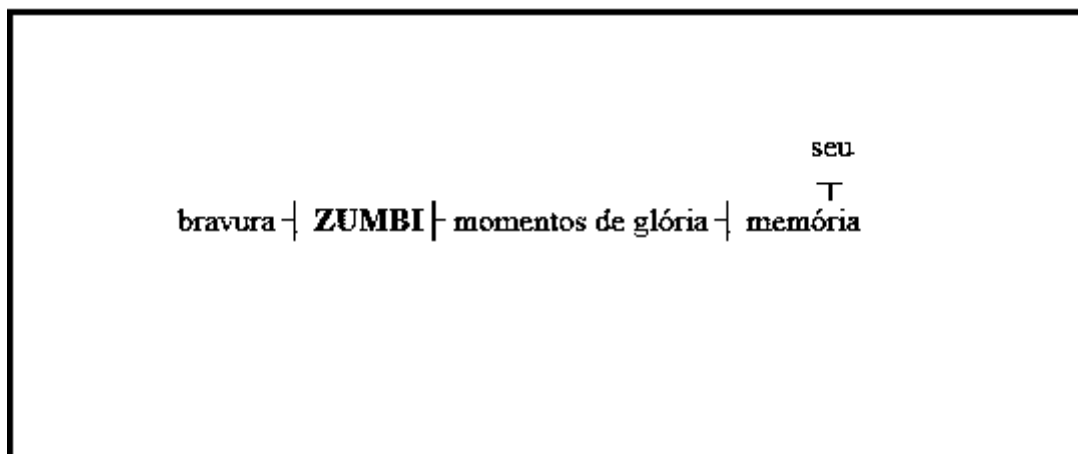
EXCERTO 15

O que mais impressiona
Nesse capítulo da história:
A bravura de Zumbi
E seus momentos de glória
Nessa luta que não vai
Sair nunca da memória
(C1-116, p.26)

Aqui, o pronome possessivo *seus*, reescrevendo *Zumbi*, faz referência aos grandes feitos realizados por Zumbi, *os momentos de glória*. Ele é colocado como um bravo guerreiro que, por esse motivo – *glória*, associada a *bravura* – não será esquecido. Interessante notar que, *glória*, no sentido desses enunciados aparece como digna de ser registrada na memória; Isso recorta, por oposição, o memorável de que, na História (pelo menos na História oficial, até certo tempo) as lutas e respectivas vitórias responsáveis pelas glórias de Zumbi em favor dos negros sequer eram mencionadas. Quer dizer, se a história (oficial) esqueceu, a memória não, esta que fora da oficialidade mantém o herói/heroísmo sempre vivo.

Como resultado da análise da estrofe C1-116 temos, um Domínio Semântico de Determinação como o 19, em que *Zumbi* é determinado por *bravura*, *seus* e *momentos de glória*, por sua vez determinando *memória*:

DSD 19 – Sentidos de *Zumbi*, enquanto seus momentos como bravo guerreiro



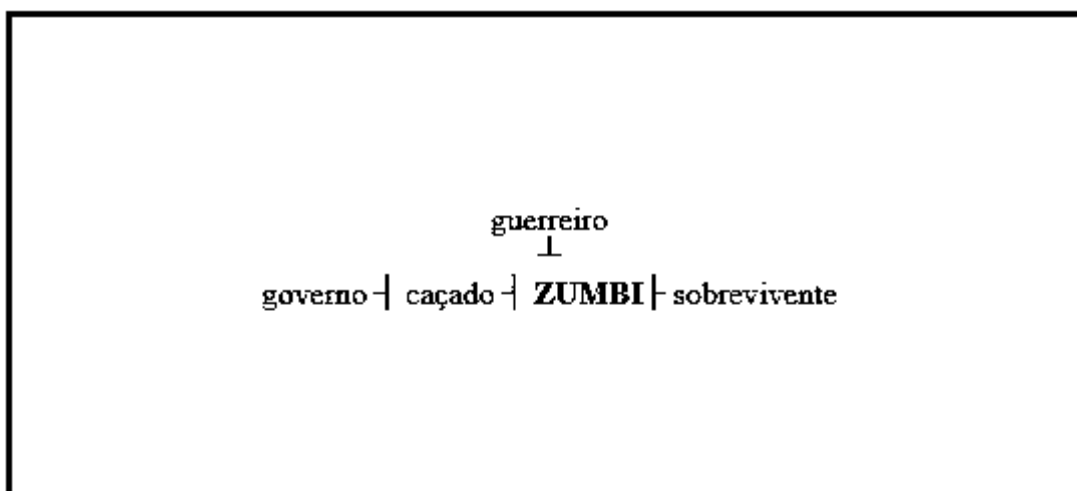
Narrando reiteradas lutas enfrentadas por Zumbi em Palmares, o cordelista aponta para quem é o vilão que enfrenta o herói Zumbi: o governo, representado pelas expedições do exército (SCISINIO, 1997; MOURA, 2004), como vemos no excerto 16:

EXCERTO 16

Da chacina de Palmares
 Zumbi foi sobrevivente,
 Até o fim da sua vida
 Foi guerreiro resistente
 Caçado pelo governo
 Numa empreitada insistente
(C1-134, p.30)

No excerto acima *Zumbi* é reescrito pela expressão *guerreiro resistente*, que o caracteriza, mais uma vez, não só como aquele que lidera, mas sim como aquele que cuida e luta em prol do seu povo. No quinto verso há uma reescritura por elipse de Zumbi. *Sua*, no terceiro verso, também reescreve *Zumbi*. Articuladas a palavra *Zumbi* estão *sobrevivente*, *resistente* e *caçado*. Tais funcionamentos colocam Zumbi como aquele que lutou, resistiu e sobreviveu aos ataques que foram destinados a ele e ao Quilombo dos Palmares, marcando assim, mais uma vez, características de ser um bravo guerreiro, que vencida seu inimigo, ou seja, o herói dos negros, vencida o vilão, o governo, que era o herói dos brancos. Nesse sentido, vejamos o DSD 20:

DSD 20 – Sentidos de *Zumbi*, enquanto sobrevivente



Esse Domínio Semântico de Determinação aponta que *Zumbi* vem determinado como *Guerreiro*, *sobrevivente* e *caçado*. *Governo*, por sua vez, determina *caçado* fazendo relação a perseguição sofrida por *Zumbi* por parte do governo (e dos senhores donos de escravos).

Por conseguinte, no tocante à honra, pela narrativa do cordel, Zumbi, como herói, sobrevivia aos ataques do vilão: não se entregava, honrando assim o seu propósito de defender a liberdade de sua raça (como vimos nos itens acima). Mas note-se que, do ponto de vista do governo, o vilão era Zumbi, e precisava portanto ser combatido. Assim, a morte de Zumbi era, também uma questão de honra para o governo.

Tal memorável mobilizado pelo cordel é atestado pela história. Conforme Scisínio (1997), um ex-comandado de Zumbi foi contratado para entregá-lo àqueles que o queriam morto. O negro atraiu Zumbi para um local e o feriu com uma punhalada no estômago. Em 20 de novembro de 1695 Zumbi foi morto e teve “sua cabeça decepada, salgada e enviada ao governador como troféu pelo capitão André Furtado de Mendonça ajudante-de-ordens de Domingos Jorge Velho” (SCISÍNIO, 1997, p.330). Segundo o historiador até pouco tempo acreditava-se que Zumbi tivesse suicidado ao se jogar de um rochedo, contudo, em carta do então governador da Bahia, então D. João de Alencastre falar sobre a notícia de que Zumbi dos Palmares foi morto em combate. No excerto abaixo Paixão (2007), consoante com a história, narra a morte de Zumbi:

EXCERTO 17

Foi em vinte de novembro
 Que o triste fato se deu
 No ano noventa e cinco (1695)
 A nação negra perdeu
 O negro mais fervoroso
 Que nesse mundo viveu
 (C1-142, p. 32)

O mundo, porém, já sabe,
 Que **Zumbi não tá ausente;**
No coração do seu povo
O herói se faz presente,
 Na batalha eternizada
 Dessa raça resistente
 (C1-143, p. 32)

Em C1-142, *Vinte de novembro* aponta para o feriado da Consciência negra, que é um dia para se refletir sobre a inserção do negro na sociedade. E essa data foi escolhida por ter sido a data da morte de Zumbi dos Palmares, que é, como estamos vendo neste cordel, o símbolo da resistência negra contra a escravidão. Ou seja, Zumbi, mesmo morto ficou na memória da *nação negra*, sobretudo. *Triste fato* refere-se à morte de Zumbi, mostrando pelo adjetivo *triste* (um historiador, objetivamente diria apenas *fato*) o funcionamento político da língua. No enunciado **No ano noventa e cinco (1695) / A nação negra perdeu/ O negro mais fervoroso/ Que nesse mundo viveu** a palavra *negro* reescreve *Zumbi dos Palmares*. E a ela está articulada a palavra *fervoroso*, que caracteriza *Zumbi*. Ele é caracterizado como impetuoso para com a questão da luta em prol dos negros. Nos últimos versos Zumbi é, juntamente com o adjetivo *fervoroso*, colocado como aquele que fez a diferença ao lutar pelo o seu povo.

Já em C1-143, nos enunciados **O mundo, porém, já sabe, / Que Zumbi não tá ausente,** a palavra *ausente* está articulado com *Zumbi*. Em **No coração do seu povo/O herói se faz presente,** o pronome possessivo *seu* reescreve *Zumbi*. A palavra *herói*, mais uma vez, aparece reescrevendo *Zumbi*. E *presente* está articulado com *Zumbi*. Nos últimos versos, *raça* reescreve *negros*. E *resistente* está articulado com *raça*. É o que vemos no DSD 21:

DSD 21 – Sentidos de *Zumbi*, enquanto *herói*



O DSD 21 mostra que as palavras *herói*, *negro* e *raça* estão determinando *Zumbi*. *Fervoroso* determina *negro* e *resistente*, por sua vez, determina *raça*. *Seu*, que se refere ao povo que é defendido por Zumbi, determina *Zumbi*

Por fim, cumpre ressaltar que a morte de Zumbi, no texto dos cordéis, apresenta-se de fato como o clímax do heroísmo, tal como explica Kothe (1987, p. 40 – grifos nossos): “**Os heróis [...]** têm a sabedoria dos momentos sintéticos, o resplendor dos grandes gestos: eles **podem dar-se ao luxo de morrer**. Podem dizer: ‘o resto é silêncio’, quando o silêncio é exatamente o resto a ser percorrido.”

Quer dizer, a morte de Zumbi, o coroou com herói, não apenas dos negros escravos ou escravizados, mas um herói brasileiro, que lutou por algo fundamental: a liberdade, enfrentando, por isso, a força de uma sociedade escravocrata, representada pelo seu governo-vilão. Ainda que um longo silêncio da história tenha se feito em torno de quem foi Zumbi, o cordel (dentre outros meios) o tem “feito viver”, como vemos nos versos do excerto 31, em que os versos grifados mostram que a glória de Zumbi foi morrer pelo que acreditava: sua glória, como se nota pelo excerto 18, foi a morte honrosa que o faz viver na memória dos brasileiros:

EXCERTO 17

Rei Zumbi ainda vive
 Sua luta foi de **glória**
 O povo negro não cala
Nesse Brasil sem memória
 Em prol do nosso direito
Nós merecemos respeito
E teremos a vitória
 (C2-55, p.27)

Finalizando, podemos apresentar o DSD 22 que representa, em conjunto, os aspectos analisados nesta seção 43:

DSD 22 – Sentido de *Zumbi*, enquanto *herói*

Nesse Domínio Semântico de Determinação que apresenta os sentidos da palavra Zumbi, Zumbi é determinado por liberdade, guerreiro e palmares. Zumbi é sinônimo de herói, que, por sua vez, é sinônimo de negro. Isso está em oposição a governo que determina escravidão, que é sinônimo de escravização. Sendo que escravidão determina história e escravização, cordel.

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, retomando a pergunta inicial desta pesquisa, na perspectiva da Semântica, como Zumbi dos Palmares, o líder do maior quilombo do período colonial, aparece designado em cordéis com a temática da escravidão? Podemos confirmar que, pelas análises feitas, a hipótese levantada confirmou-se.

Nossa proposta inicial estabeleceu como objetivo a análise da designação da palavra Zumbi dos Palmares em cordéis brasileiros com o tema da escravidão. Mas, para tanto, inicialmente, abordamos sobre o gênero literário cordel onde falamos sobre suas particularidades enquanto gênero, bem como sua história.

Tendo em vista estas considerações, a partir da filiação teórica na qual nos situamos, a Semântica do Acontecimento, foi realizado um estudo semântico da palavra *Zumbi* em cordéis nordestinos que apresentavam como temática a escravidão brasileira. A análise realizada possibilitou-nos observar como Zumbi é designado em tais textos. Como pudemos verificar nos cordéis de dois cordelistas distintos, Zumbi é definido a partir de sentidos relacionados a palavra herói ou rei.

Através da construção de Domínios Semânticos de Determinação, vimos que Zumbi nos cordéis nordestinos é determinado pelos sentidos de: herói, bravo herói, guerreiro, negro, deus da guerra, raça, bravura, momentos de glória, chefe militar, alfabetizado, lindo presente, liberdade, Palmares, caçado, imensa proeza, líder maior e símbolo de resistência e bravura.

Por meio das análises feitas, observamos que Zumbi nos cordéis apresenta sentidos específicos fundamentados na relação escravo-herói como aquele que foi além da liderança e lutou bravamente em prol de um povo que, para ele, eram as pessoas da raça negra. Tornando-se, com isso, o símbolo de resistência.

Pelo exposto, podemos afirmar que, estudando o cordel pelo viés teórico da Semântica, é possível, efetivamente, se chegar a resultados que podem contribuir por um lado para a interpretação do cordel enquanto texto de natureza múltipla: histórico e artístico; e por outro lado, para compreender como um personagem histórico, no caso Zumbi, pode ser linguisticamente significado.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. **ABC de Castro Alves**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1999. 3 volumes.
- COSTA, P. M. **A contribuição do cordel no processo da aprendizagem de alunos do 9º ano na escola pública municipal de Novo Lino**. In: Anais do Encontro de pesquisa em educação de Alagoas, v 2, 2010. Maceió: 2010. p. 1-13. junho de 2017.
- COUTO, A. P. R. **Os sentidos de liberdade no acontecimento do 13 de maio de 1888: uma análise de jornais brasileiros do século XIX à luz da Semântica do Acontecimento**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2017. Orientador: Jorge Viana Santos.
- DANTAS, J. **Zumbi: um sonho de igualdade**. Aracaju: Edição do Autor, 2009.
- DIZIOLI, I. G. **Literatura de cordel: letra, imagem e corpo em diálogo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica em São Paulo, São Paulo, 2009.
- EVARISTO, M. C. **O cordel em sala de aula**. In: BRANDÃO, H. N. Gêneros do discurso na escola: mito, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000. p. 119-184.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2006. Edição original: 1994.
- FERRAZ, L. A. N. **A designação da palavra *senhor*: uma análise semântica do senhorio brasileiro na escravidão e sua continuidade no pós-abolição**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2014.
- FRANÇA, A. Q. **A história da heroína Olga Benário**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2008.
- GARCIA, P. **O cangaço no cordel e a constituição de uma identidade regionalista pelo migrante nordestino (1950-1980)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- GUIMARÃES, E. **A Enumeração: funcionamento enunciativo e sentido**. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 1, n. 51, p. 49-68, jan./jun. 2009.
- GUIMARÃES, E. **Análise de texto – procedimentos, análise, ensino**. Campinas: Editora RG, 2011.
- GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**. Campinas: Pontes, 2002. Edição original: 1995.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Editora pontes, 2002.

HAURÉLIO, M. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

IENNACO, J. P. **Cordel: um levantamento crítico, histórico e cultural**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

JÚNIOR, A. L. S. WANDERLEY, N. A. **Literatura de cordel na sala de aula: experiências de leitura com alunos do ensino médio**. São Paulo: USP, 2016.

KOTHE, F. R. **O herói**. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, C. P. **Política e sentidos da palavra preconceito: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX**. 2011. Tese [Doutorado em Linguística] – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2011.

MATOS, E. **Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética**. São Paulo: Revista Cultura Crítica, 2007.

MOURA, C. **Dicionário da Escravidão Negra No Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paula, 2004.

PACHECO, A. P. **A honra, a glória e a morte na Ilíada e na Odisséia**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, USP, 2009

PAIXÃO, F. **Zumbi dos Palmares**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2007.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes Editores, [1983] 1999. p. 49-57.

QUEIROZ, A. C. P. **Liberdade nas Constituições Brasileiras de 1824 e 1988: uma análise semântica**. Orientador: Jorge Viana Santos. 2018. 102f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2018. DOI: <https://doi.org/10.54221/rtdppglinuesb.2018.v6i1.130>. Acesso em: 2. Jan 2019.

SANTOS, Dilma Marta. **Da liberdade a tutela: uma análise semântica do caminho jurídico percorrido por filhos de ex-escravos no Brasil pós-abolic**. Orientador: Jorge Viana Santos. 2013. 108f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013. DOI: <https://doi.org/10.54221/rtdppglinuesb.2013.v1i1.26>. Acesso em: jul. 2018.

SANTOS, J. V. (2008). **Liberdade na escravidão: uma abordagem semântica do conceito de liberdade em cartas de alforria**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2008.

SANTOS, J. V.; ZOPPI-FONTANA, M. Lei, arquivo e acontecimento no Brasil escravista: sentidos de liberdade na Lei do Ventre Livre (Law, archive and event in Slavery Brazil: meanings of freedom in Free Born Law). **Estudos da Língua(gem)**, v. 9, n. 2, p. 39-54, 2011. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v9i2.1154>. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1154>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SANTOS, Jorge Viana. De escravo a escravizado: como sentidos de itens lexicais refletem a História do Brasil escravista. Palestra ministrada no **II Encontro de Gramática Gerativa (Mesa redonda “A escravidão africana no Brasil reflexos na História e na Língua”)**. Cachoeira: UFRB, 2018.

SCISÍNIO, A. E. **Dicionário da Escravidão**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997.

SILVA, E. G. **Chapeuzinho Vermelho**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2009.

SOMBRA, F. **Cordel e viola**: literatura popular em versos na formação de leitores. Belo Horizonte: Lê, 2012.

VIEIRA, G. **A chegada de Lampião ao céu**. Edição do autor, 1997.

ANEXOS

ANEXO A – Quadro 1: Pré-Análise do Cordel *Zumbi Dos Palmares: Herói Negro do Brasil* (PAIXÃO, 2007)

CORDEIS	EXCERTO	PALAVRA-CHAVE	VARIÁVEL LINGUÍSTICA	PRÉ-ANÁLISE	BASE TEÓRICA	
					LINGUÍSTICA	OUTRA
01 E1	Oh! Musa da poesia Eu te peço inspiração Como deste a Castro Alves Da-me a iluminação Pra escrever neste cordel Capítulos da escravidão (C1-1, p. 01) A minha intenção primeira É falar da resistência, Valor supremo da raça Que em meio à violência Defendeu a sua honra Com bravura e eloquência (C1-2, p.01)	Mancha Pecado Nódoas	1) reescritura 2) Reescritura/ memorável 3)) Reescritura/ articulação 4) Político 5) Político	A humanidade jamais/ Vai livrar-se dessa mancha 1) <i>dessa mancha</i> E reescreve a palavra <i>escravidão</i>, que foi mencionada no excerto acima. Na consciência do homem Esse/ pecado se arrancha, 2) <i>Escravidão</i> é reescrita pela palavra <i>pecado</i>. O verbo arrancar faz menção a algo que está na memória de todos (do homem), ou seja, da memória coletiva. São nódoas da nossa história Que/ nem o tempo desmancha 3) A palavra <i>nódoas</i> reescreve por definição <i>capítulos da escravidão</i> e vem articulada com a expressão <i>da nossa</i>	De acordo com Guimarães (2002, p.26), <i>memorável</i> é o passado recortado pelo acontecimento	“A escravidão é uma instituição que envolve um grau de dominação/subordinação entre pessoas, abrangendo desde o direito de possuidor sobre a vida e a morte do escravo, até disposições legais cuidadosamente detalhadas quanto aos direitos e privilégios mútuos; o elemento essencial do acordo é o direito de forçar o escravo a trabalhar ou prestar outros serviços em proveito do senhor” (SCISÍNIO, 1997, p. 138)

	Essa raça que pagou O preço que não devia, Foi vítima da crueldade, Horror e selvageria. Viu seu povo sucumbir No laço da fidalguia. (C1-3, p.01) A humanidade jamais Vai livrar-se dessa mancha; Na consciência do homem Esse pecado se arrancha, São nódoas da nossa história Que nem o tempo desmancha. (C1-4, p.01)			<i>história</i>, que é adjetiva preposicionada. Essa expressão marca um posicionamento do locutor cordelista que adjetiva o período da escravidão como uma vergonha que não pode ser apagada pelo tempo. 4) NÓDOA/MANCHA A primeira faz referência a um sinal feito por algo sujo, ou seja, que não foi feito com intenção. Mancha, por sua vez, refere-se a algo que se pode fazer, isto é, pode ser feito com intenção. 5) PECADO A palavra pecado traz uma questão religiosa ao posicionamento do Locutor cordelista. Tal palavra faz referência à transgressão das leis divinas, que neste caso refere-se à escravidão. Um período onde pessoas negras foram dominadas/subordinadas por pessoas brancas.	
--	---	--	--	---	--

	E falarei de Zumbi Bravo herói da pele escura Líder maior do seu povo Contra a vil escravatura; Da raça negra é o símbolo De resistência e bravura. (C1-5, p.02)	Zumbi Bravo herói Pele escura Líder Símbolo	7) Reescritura por substituição 8) Reescritura/Articulação 9) Reescritura/Articulação	E falarei de Zumbi/ Bravo herói da pele escura 7) <i>Bravo herói da pele escura</i> reescreve Zumbi. <i>Bravo</i> amplifica <i>herói</i>. Líder maior do seu povo/Contra a vil escravatura 8) <i>Zumbi</i> é reescrito por <i>Líder maior do seu povo</i>, expressão que traz <i>maior</i> articulado a <i>líder</i>, indicando onde se encontra Zumbi numa hierarquia comparativa a outros líderes: é/foi o principal deles. Da raça negra é o símbolo/ De resistência e bravura 9) <i>Zumbi</i> aparece reescriturado por elipse, e em seguida por definição. Em ordem direta a expressão seria: <i>[Zumbi] é o simbolo de resistência e bravura da raça negra</i>.	“O procedimento de reescrituração consiste em se redizer o que já foi dito. [...] Este procedimento se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si (em virtude da reescrituração)” (GUIMARÃES, 2011, p. 46) [...] são procedimentos pelos quais a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito. Assim, a textualidade e o sentido das expressões se constituem pelo texto por esta	Comandante militar e líder político da última fase da República de Palmares e atualmente considerado herói nacional da resistência reivindicatória dos movimentos e grupos negros do Brasil.” (MOURA, 2004, p. 425)
--	--	--	--	---	---	--

reescrituração infinita da linguagem que se dá como finita pelo

					acontecimento (e sua temporalidade) em que se enuncia (GUIMARÃES, 2002, p. 28). A articulação “diz respeito às relações próprias das contigüidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem” (GUIMARÃES, 2007, p. 88).	
01 E1	Ninguém conhece o primeiro Escravo que apareceu, Se foi negro ou se foi branco, Africano ou europeu, A origem da escravidão Com o tempo se perdeu. (C1-6, p.02) Porém a minha pesquisa		10) Político	10) Nestas estrofes o locutor cordelista apresenta o cenário o qual se desenvolveu o cordel, que foi baseado em pesquisa feita por ele mesmo.		

	É resgate da memória Da escravidão no Brasil, Narrarei a trajetória Lembrando com poesia Essa mancha na história (C1-7, p.02)					
01 E 2	Trazia no seu navio Provavelmente os primeiros Escravos pra trabalhar Em terras de fazendeiros. Fez dos negros africanos Animais em cativeiros. (C1-11, p.04) Os negros eram provindos Da África Ocidental. Da região da Guiné E África Equatorial, Angola, Congo e Sudão,	Negros Brutalmente Membros mutilados	11) Articulação/ reescritura 12) articulação/ reescritura/ Político 13) Articulação/ reescritura 14) Articulação/ reescritura 15) Articulação/ reescritura 16) articulação 17) Articulação 18) Articulação 19) Reescritura 20) articulação e reescritura 21) Articulação/ reescritura	Trazia no seu navio/ Provavelmente os primeiros/ Escravos pra trabalhar/ Em terras de fazendeiros. 11)Tomé de Sousa está reescrito por elipse. A palavra <i>escravos</i> está articulada com <i>primeiros</i>, <i>trabalhar</i> e com a expressão <i>em terra de fazendeiros</i>. Fez dos negros africanos/ Animais em cativeiros. 12) <i>Negros africanos</i> reescreve por definição <i>escravos</i>. E, por sua vez, a palavra <i>negros</i> está articulada com <i>africanos</i>. <i>Animais em cativeiro</i> reescreve por definição <i>negros/escravos</i>. E, as	A articulação causa um efeito de sinonímia dos sentidos de palavras, mobilizando sentidos muito diferentes. <i>Político</i>, em Guimaraes (2002, p.15), é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento.	

	E Região Tropical. (C1- 12, p.04) Os Congos e Sudaneses São as duas etnias Predominantes dos negros, Que no decorrer dos dias, Perderam a identidade De duas raças bravias. (C1-13, p.04) Um capítulo mui cruel É o que vou narrar agora, Vou falar da captura Naquele tempo de outrora, Na mira dos sanguinários O negro soluça e chora. (C1-14, p.04) O negro vivia livre		22) Articulação/ reescritura 23) Articulação/ reescritura 24) Articulação/ reescritura 25) Articulação/ reescritura 26) Articulação/ reescritura	palavras <i>animais</i> e <i>cativeiro</i> estão articuladas com negros. Os negros eram provindos/ Da África Ocidental./ Da região da Guiné/ E África Equatorial,/ Angola, Congo e Sudão,/E Região Tropical. 13) <i>Negros</i> reescreve <i>escravos</i>. <i>Provindos</i> está articulado com <i>negros</i>. E, por sua vez <i>África Ocidental, Guiné, África Equatorial, Angola, Congo, Sudão e Região Tropical</i> estão articuladas à <i>provindos</i>. Os Congos e Sudaneses/São as duas etnias/Predominantes dos negros, / Que no decorrer dos dias, /Perderam a identidade/ De duas raças bravias 14) <i>Negros</i> reescreve <i>escravos</i>. Nas relações de articulação temos: <i>duas etnias</i> que está articulada com <i>Congos e Sudaneses; Perderam a identidade de suas raças bravias</i> está	Cena Enunciativa é caracterizada como “especificações locais nos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 23)	
--	--	--	---	---	---	--

Nas encostas africanas, Mas as potências marítimas Em investidas tiranas Caçava o negro e vendia Pras terras americanas. (C1-15, p.05) Não tinha o negro direitos, Após ser capturado, Virava mercadoria Era vendido e comprado; Sua sina: obedecer Trabalhar, ser castigado. (C1-16, p.05) Ao serem capturados Nas terras onde viviam, De doenças e maus tratos, Muitos negros sucumbiram.			articulada com <i>negros</i>; e <i>raças bravias</i>, por sua vez, está articulada com <i>identidade</i>. Um capítulo mui cruel/ É o que vou narrar agora,/ Vou falar da captura/ Naquele tempo de outrora,/ Na mira dos sanguinários/ O negro soluça e chora. 15)<i>Capítulo mui cruel</i> refere-se a escravidão. <i>Tempo de outrora</i> reescreve escravidão. <i>Sanguinários</i> aqui seria aqueles que o açoitavam, no caso os donos de fazenda ou aqueles que para eles trabalhavam. <i>Soluça e chora</i> estão articuladas a palavra negro. O negro vivia livre/ Nas encostas africanas,/ 16)<i>Vivia livre</i> está articulado a <i>negro</i>. Nas <i>encostas africanas</i> está articulado a <i>negros</i>. Mas as potências marítimas/ Em investidas tiranas/ Caçava o negro e		
--	--	--	---	--	--

Na travessia cruel No oceano morriam. (C1-17, p.05) E vinham amontoados Em condições desumanas Nos porões frios e fétidos Passavam dias, semanas... Maldosamente arrancados Das raízes africanas. (C1-18, p.05) Na escuridão dos porões Vulneráveis às doenças, Sem a comunicação Por causa das diferenças; Entre gemidos e choros Escárnios, morte e ofensas. (C1-19, p.05)			vendia/ Pras terras americanas. 17) As palavras <i>caçava</i> e <i>vendia</i> estão articulada a <i>potência marítima</i>. <i>Pras terras americanas</i> está articulada a <i>vendia</i>. Não tinha o negro direitos,/Após ser capturado, / Virava mercadoria/ Era vendido e comprado; 18)Relação de articulação com <i>negros</i> as palavras <i>direitos</i>, <i>vendido</i> e <i>comprado</i> e as expressões <i>após ser capturado</i> e <i>virava mercadoria</i>. Sua sina: obedecer/ Trabalhar, ser castigado. 19)<i>Sua</i> reescreve por elipse negro. As palavras <i>obedecer</i>, <i>trabalhar</i> e <i>castigado</i>. Ao serem capturados/Nas terras onde viviam,/ De doenças e maus tratos,/ Muitos negros sucumbiram./ Na travessia cruel/ No oceano morriam.	
--	--	--	--	--

	Em suas bocas, pedações De madeiras amarrados, Os braços presos nas costas Com cordas eram atados, Com forquilhas no pescoço, Eles eram transportados. (C1-20, p.06) Um arsenal de torturas Para o escravo se criou; Se pensou tantos castigos Que a mente humana esgotou, A soma dos sofrimentos O bravo negro amargou. (C1-21, p.06) Viramundos e algemas, Palmatórias, focinheiras,			20)Em ordem direta a expressão seria Muitos negros sucumbiram ao serem capturados, nas terras onde viviam, de doenças e maus tratos. Sendo assim, <i>sucumbiram</i> e <i>capturados</i> estão articuladas a <i>negros</i>. A expressão <i>nas terras onde viviam</i>, por sua vez , também vem articulada a <i>negros</i>. E as palavras <i>doenças</i> e <i>maus tratos</i> também. Na penúltima estrofe temos a expressão na travessia cruel que faz referência a viagem feita nos navios negreiros E vinham amontoados/ Em condições desumanas/ Nos porões frios e fétidos/ Passavam dias, semanas.../ Maldosamente arrancados/ Das raízes africanas. 21)<i>Negros</i> é reescrito por elipse. A palavra <i>amontoados</i> articula-se com <i>negros</i>. <i>Porões frios e fétidos</i> articula-se com		
--	---	--	--	---	--	--

	Tinha máscaras de ferro, Os troncos e pescoceiras, O ferro quente no lombo Chicotes e gargalhadas (C1-22,p.06) (1) O negro por muitas vezes Tinha membros mutilados, Os negros que resistiam A serem subordinados Eram pelos seus senhores Brutalmente assassinados. (C1-23, p.06)			<i>condições desumanas. Maldosamente arrancados está articulado a negros. Raízes africanas, por sua vez, vem articulada a arrancados.</i> Na escuridão dos porões/ Vulneráveis às doenças/ Sem a comunicação/ Por causa das diferenças;/ Entre gemidos e choros/ Escárnios, morte e ofensas. 22)A presente estrofe faz alusão às condições precárias em que os negros/escravos viajavam nos navios negreiros. <i>Vulneráveis às doenças, sem a comunicação articulam-se com negros. As palavras gemidos, choros, escárnios, morte e ofensas</i> estão articuladas a negro.		
--	--	--	--	--	--	--

**Em suas bocas, pedaços/
De madeiras amarrados/
Os braços presos nas costas/ Com cordas eram atados,/ Com forquilhas no pescoço,/ Eles eram transportados.**

				23) <i>Suas</i> reescreve <i>negros</i>. <i>Eles</i> reescreve <i>negros</i>. As palavras <i>bocas</i>, <i>amarrados</i>, <i>braços presos nas costas</i> estão articuladas a <i>negros</i>. A palavra <i>atados</i> está articulada à palavra <i>braços</i>. <i>Pescoço</i> está articulado a <i>forquilhas</i>. E <i>transportados</i> está articulado a <i>eles</i>. Um arsenal de torturas /Para o escravo se criou;/ Se pensou tantos castigos/ Que a mente humana esgotou,/ A soma dos sofrimentos/ O bravo negro amargou. Viramundos e algemas, / Palmatórias, focinheiras,/ Tinha máscaras de ferro,/ Os troncos e pescoceiras,/ O ferro quente no lombo/ Chicotes e gargalhadas 24) Negro estabelece, mais uma vez, uma relação de sinonímia com escravo. As palavras <i>bravo</i> e <i>amargou</i> estão articuladas a negro.		
--	--	--	--	---	--	--

				O negro por muitas vezes/Tinha membros mutilados, 25) A palavra <i>negro</i> no segundo verso e está articulada com <i>membros mutilados</i>. Os negros que resistiam/ A serem subordinados/ Eram pelos seus senhores/ Brutalmente assassinados 26) A palavra <i>Negros</i> vem articulada com <i>resistiam, subordinados</i> e <i>assassinados</i>. A palavra <i>brutalmente</i>, por sua vez, marca o político do locutor cordelista, e, é pela linguagem que o homem é um ser político. Neste caso, aquele que não concorda com esse período histórico. POLÍTICO/COM CENA ENUNCIATIVA		
01 E3	Com a invasão holandesa Em mil seiscentos e trinta	Representava Esse grupo	27)Reescritura por elipse e articulação 28)Articulação/ reescritura	Porque já representava/Pra Portugal um perigo 27) <i>Palmares</i> aparece reescrito por elipse e está articulação em <i>perigo</i>.		Quilombo:“ Povoadou ou aldeia escondida na mata onde moravam os negros fugidos do cativeiro. 5. Povoação fortificada dos

	Para o poder português Um outro quadro se pinta: Fazendeiro endividado, Com a propriedade extinta (C1-49, p. 11) Em dezesseis cinco quatro (1654) Portugal se recupera Desponta uma nova era; Para derrotar Palmares O seu plano se acelera. (C1-50, p.12)			Esse grupo organizado/Do governo era inimigo/ Cada vez crescia mais/ Os mocambos, nesse abrigo 28) <i>Grupo organizado</i> reescreve Palmares, quilombo onde morava Zumbi. <i>Inimigo</i> está articulado com <i>palmares</i>. Essa articulação apresenta que os moradores de Palmares eram inimigos do governo (das pessoas brancas). Em todo o cordel Zumbi vem sendo retratado como herói que lutou pelo o seu povo e, neste excerto, o locutor cordelista apresenta aquele que seria o inimigo de Zumbi e dos moradores do quilombo (os negros).	negros do cativoiro. ” (SCISÍNIO, 1997, p. 281)
--	--	--	--	--	--

(01) Porque já representava
Pra Portugal um perigo,
Esse grupo organizado
Do governo era inimigo
Cada vez crescia mais

	Os mocambos, nesse abrigo. (C1-51, p.13)					
01 E4	Em dezesseis sete quatro (1674) Um novo governador, Senhor Pedro de Almeida, Por ordem superior Tem que destruir Palmares Com toda força e rigor. (C1-58, p.13) (1) Contrata Manuel Lopes Em novembro desse ano Para não decepcionar O governo Lusitano Houve nessa expedição Um massacre desumano. (C1-59, p.13)	Pedro de Almeida Massacre	29) Reescritura 30) Político	29) No início do excerto temos a reescritura por elipse do governador <i>Pedro de Almeida</i>, que é citado na estrofe anterior a essa no cordel, pela palavra contrata. Houve nessa expedição/ Um massacre desumano 30) A palavra <i>massacre</i> marca, novamente, o espaço de nunciação, que seria o político. Aqui, mais uma vez, o locutor cordelista marca sua posição com relação ao o que aconteceu aos negros no período da escravatura, vendo este momento como um ato de maldade para com os negros. Ou seja, tem-se aqui uma marca de subjetividade.		

01 E5	(2) Muitos negros sucumbiram Outros foram evadidos, Centenas capturados, E muitos outros feridos Foi a primeira derrota Desses heróis perseguidos. (C1-60, p.14)	Heróis	31) Reescritura/ articulação	31) Neste excerto os negros (de uma forma geral) aparecem reescritos por <i>heróis</i> , que está articulado com <i>perseguidos</i> . Quem os perseguia eram os brancos que queriam captura-los novamente. <i>Negros</i> , que aparece no primeiro verso da estrofe, por sua vez, também reescreve <i>escravos</i> . E está articulado com <i>sucumbiram</i> , <i>evadidos</i> , <i>capturados</i> e <i>feridos</i> .		
01 E6	Em vinte e um de setembro Do ano setenta e sete (1677) Mais um ataque sangrento Em Palmares se repete, Diante dessa derrota A liderança reflete... (C1-61, p.14)					
01 E7	(3) ...Ganga Zumba de Palmares Foi ele o líder primeiro	Ele Líder primeiro Tio Líder guerreiro	32) Reescritura/ articulação 33) Reescritura 34) Reescritura	...Ganga Zumba de Palmares/ Foi ele o líder primeiro	A articulação causa um efeito de sinonímia dos sentidos de palavras,	Ganga Zumba: Foi o rei da República de Palmares antes de Zumbi. Morava no mocambo do Macaco, capital da República, nas

	Dos negros que conseguiam Escapar do cativeiro. Era tio de Zumbi O grande líder guerreiro. (C1-62, p.14) Seu nome significa Expressão: “Grande Senhor” Tinha físico avantajado E força superior, Empenhou-se na batalha Contra o poder opressor. (C1-63, p.14)			32) <i>Ganga Zumba</i> é reescrito por <i>ele</i> e vem articulado com <i>Palmares</i> e <i>líder primeiro</i>. Ele, ao contrário de Zumbi, não é adjetivado como herói ou símbolo de resistência. Há uma separação entre aquele que liderou o quilombo e aquele que lutou em prol de um povo, fazendo, com isso, mais do que comandar uma comunidade. Dos negros que conseguiam/Escapar do cativeiro 33) Os <i>negros</i> reescreve <i>escravos</i> fugidos que constituam a população dos quilombos. Era tio de Zumbi/ O grande líder guerreiro.	mobilizando sentidos muito diferentes. À medida que outros nomes vão substituindo a palavra <i>Zumbi</i>, sentidos são acrescentados ou suprimidos havendo movimentos semânticos de recuperação, associação, ou mesmo de confronto de sentidos.	fraldas da Serra da Barriga, na Casa Grande do Conselho” (MOURA, 2004, p. 170)
--	--	--	--	---	---	---

34) Aqui o *grande líder guerreiro* aparece com uma certa ambiguidade: seria Zumbi ou o Ganga Zumba? Porém, de acordo como Zumbi é apresentado no cordel, podemos associar essa

				última frase a Zumbi dos Palmares.		
01 E8	(1) O leitor já recebeu Informes preliminares, Mas agora falarei De Zumbi, rei dos Palmares, Modelo de resistência Das camadas populares. (C1-68, p.15)	Zumbi Rei Modelo Resistência	35) Reescritura 36) Reescritura 37) Reescritura	O leitor já recebeu/Informes preliminares 35) <i>Informes</i> preliminares seria uma reescritura por condensação pois remete a toda as informações dadas até aqui e que se referem ao período anterior a Zumbi dos Palmares. Mas agora falarei/De Zumbi, rei dos Palmares 36) Zumbi vem reescrito por <i>rei dos Palmares</i>. Aqui, em concordância com todo o cordel, Zumbi é apresentado não apenas como um líder, mas como alguém que lutava em prol do seu povo. Modelo de resistência/Das camadas populares. 37) Observamos que neste excerto Zumbi aparece reescrito por <i>modelo de resistência</i>.		
01 E9	(7) Em seguida continuo	Guerreiro Marcou	38) Reescritura/ articulação	Passarei para o leitor/ Algumas informações/Do		

	Falando de expedições. Passarei para o leitor Algumas informações Do guerreiro palmarino Que marcou as gerações. (C1-69, p.15) Esse guerreiro é Zumbi Que em Palmares viveu, No ano cinquenta e cinco (1655) O ano que ele nasceu Um fato extraordinário Com zumbi aconteceu... (C1-70, p.16)			guerreiro palmarino/ Que marcou as gerações 38) Zumbi é reescrito por <i>guerreiro palmarino</i>. Que, coadunando com o que já foi sinalizado nos excertos anteriores, aponta Zumbi dos Palmares como aquele que guerrilhou em favor do teu povo. Por sua vez, essa expressão vem articulado com a sentença que <i>marcou</i> <i>gerações</i>, sinalizando que Zumbi tem seu lugar na história como símbolo da resistência negra.		
01 E10	(8) Ainda recém nascido Ele foi capturado, E pra fora do Quilombo O menino foi	Ele Menino Foi	39) Reescritura 40) Reescritura 41) Articulação	Ainda recém nascido/ Ele foi capturado. 39) Zumbi dos Palmares é reescrito por <i>recém nascido</i> e <i>ele</i>. Nesta expressão <i>capturado</i> vem articulado com <i>recém nascido</i>.		

levado

	Um padre de Porto Calvo Foi então agraciado. (C1-71, p.16)			E pra fora do Quilombo/ O menino foi levado 40) Menino reescreve Zumbi e está articulado com levado. Um padre de Porto Calvo/ Foi então agraciado 41) Nestes dois versos temos uma articulação entre as palavras <i>padre</i> e <i>agraciado</i>. Aqui Zumbi é colocado como uma graça, alguém que já estava pré disposto a realizar um grande feito.		
01 E11	(9) O padre Antonio de Melo Recebeu lindo presente Deram a ele o menino Um indefeso vivente, O padre compadeceu-se Dessa criança inocente. (C1-72. P.16)	Antonio de Melo Lindo Presente Ele Menino Indefeso vivente Criança inocente	42) Reescritura 43) Reescritura e Articulação 44) Reescritura e Articulação	O padre Antonio de Melo/Recebeu lindo presente 42) <i>Antônio de Melo</i> está reescrito por elipse no segundo verso no verbo conjugado em terceira pessoa. E <i>Zumbi</i> vem reescrito em <i>um lindo presente</i>. Aqui, assim	A reescrituração pode ser entendida como um procedimento de retomada pelo qual se dá a textualidade, tecendo os sentidos, produzindo a polissemia. Isso se dá na medida em que ao repetir o mesmo como algo diferente de si, ou seja, através de outras palavras que reescrevem a	

como no excerto anterior, nosso personagem é colocado como alguém que já nasceu para realizar um

				nasceu para salvar um povo. Deram a ele o menino/ Um indefeso vivente 43) <i>Ele</i> reescritura <i>padre Antonio de Melo. Menino</i> reescritura Zumbi. <i>Indefeso vivente</i>, por sua vez, articula-se com menino. O padre compadeceu-se/ Dessa criança inocente 44) <i>Padre</i> reescreve <i>Antonio de Melo</i> e vem articulado com <i>compadeceu-se</i>.	palavra ou expressão que está sendo analisada, são produzidos, na tensão entre o mesmo e o diferente, outros sentidos no acontecimento enunciativo.	
--	--	--	--	--	--	--

01 E12	(10) O garoto então crescia Recebendo educação E foi alfabetizado Obteve formação, Aprendeu falar latim Causando admiração. (C1-74, p.16)	Garoto	45) Reescritura 46) Reescritura	O garoto então crescia/Recebendo educação 45) A palavra <i>garoto</i> reescreve <i>Zumbi</i> . E foi alfabetizado/ Obteve formação,/Aprendeu falar latim/ Causando admiração 46) nestes versos temos a reescritura de <i>Zumbi</i> por elipse. Aqui temos a informação de que Zumbi, por ter sido criado em condições diversificadas dos outros escravos, teve acesso a conhecimentos que os outros negros não tinham.	Conforme Guimarães (2011, p. 27), um texto fala sempre de outros textos, ou a partir de outros textos, ou de elementos de outros textos, incorporando-os e assim os modificando.	
01 E13	Nem os brancos, nessa época, Podiam ser educados, Poucos membros da elite Eram alfabetizados. Zumbi foi uma exceção		47) Articulação 48) Articulação 49) Articulação e reescritura 50) Articulação e reescritura 51) Reescritura e articulação	Nem os brancos, nessa época,/Podiam ser educados,/ Eram alfabetizados 47) Zumbi foi uma exceção/Dos negros escravizados. 48)		

	Dos negros escravizados. (C1-77, p.18) Mil seiscientos e setenta, Com quinze anos de idade Abandonou seu conforto No auge da mocidade, E fugiu para o Quilombo Pra lutar por liberdade... (C1-78, p.18) ... A liberdade dos negros Os filhos da sua raça Que sofriam escravidão A morte, dor e desgraça... É a causa de seu povo Que o jovem Francisco abraça! (C1-79, p.18)		52) Reescritura ,articulação e memorável	Mil seiscientos e setenta,/ Com quinze anos de idade /Abandonou seu conforto/ No auge da mocidade,/E fugiu para o Quilombo/ Pra lutar por liberdade... 49) ... A liberdade dos negros/Os filhos da sua raça/Que sofriam escravidão/A morte, dor e desgraça.../É a causa de seu povo/Que o jovem Francisco abraça! 50) Francisco mudou de nome/Ao fugir da sua terra, 51) Quando chegou em Palmares/ Bem no alto duma serra Foi chamado de ZUMBI/Que quer dizer: “Deus da Guerra”. 52)		
--	--	--	---	---	--	--

Francisco
mudou de nome

	Ao fugir da sua terra, Quando chegou em Palmares Bem no alto duma serra Foi chamado de ZUMBI Que quer dizer: “Deus da Guerra”. (C1-80, p.18)					
01 E14	(11) O menino era Zumbi Com seus dezessete anos, Por ser muito inteligente Sabia traçar seus planos Para assim se defender Dos massacres desumanos. (C1-90, p.18)	Dezessete anos Zumbi Inteligente Traçar seus planos Massacres desumanos	53) Reescritura e Articulação 54) Reescritura e político	O menino era Zumbi/Com seus dezessete anos,/ Por ser muito inteligente/ Sabia traçar seus planos 53) <i>Menino</i> reescreve <i>Zumbi</i>. E <i>dezessete anos</i> o reescreve por articulação. <i>Inteligente</i> está articulado com <i>Zumbi</i> no primeiro verso. <i>Traçar seus planos</i> também está articulado com a palavra <i>Zumbi</i>. Aqui <i>Zumbi</i> aparece como alguém que, apesar da pouca idade, sabe elaborar planos que defendam o quilombo.		

				Para assim se defender/Dos massacres desumanos 54) <i>Zumbi</i> está reescrito por elipse. No último verso novamente temos a expressão <i>massacre desumanos</i> marcando o político do locutor cordelista que coloca a escravidão como um episódio violento da história do Brasil.		
01 E15	(12) Após sangrenta batalha Palmares se desgoverna, Manuel Lopes consegue Invadir a área interna Zumbi, o chefe guerreiro, É baleado. (C1-92, p.21)	Chefe guerreiro Zumbi	55) Reescritura e articulação	55) Zumbi é reescrito por <i>chefe guerreiro</i>. Essa expressão adjetiva Zumbi o colocando não apenas como um chefe, mas também como aquele que guerrilhava/lutava pelo o seu povo. Como já foi dito em análise anterior. Zumbi aparece novamente reescrito no último verso, mas por elipse. E a palavra <i>baleado</i> está articulada a palavra <i>Zumbi</i>.		
01 E16	(13) No ano de oitenta e dois (1682)	Bravamente	56) Político	56)		

O Quilombo novamente

	Recebe Manuel Lopes Que chega com sua gente, Mas Palmares resistiu Ao ataque bravamente (C1-98, p.22)					
01 E17	(14) O Quilombo de Palmares Que aos ataques reagiu Com toda a sua bravura Mesmo assim não resistiu Ao massacre impiedoso Coisa igual nunca se vi! (C1-113, p.25)	Bravura Massacre impiedoso	57) Reescritura 58) Político	57) A expressão <i>Quilombo dos Palmares</i> é reescrita ao longo da estrofe. O Quilombo dos Palmares, aqui colocado de uma forma geral, é comandado por Zumbi. E é adjetivado por meio da palavra <i>bravura</i> que, por vezes, é usada para caracterizar Zumbi. 58) No quinto verso temos a expressão <i>massacre impiedoso</i> . Durante todo o texto podemos observar a caracterização da violência sofrida pelos negros como uma chacina, onde os brancos eram os inimigos.		
01 E18	(15) O que mais impressiona Nesse capítulo da história:	Zumbi	59) Reescritura e Articulação	59) o pronome possessivo <i>seus</i> , faz referência aos grandes feitos realizados por Zumbi, os momentos de glória. Ele é colocado novamente como um bravo		

	A bravura de Zumbi E seus momentos de glória Nessa luta que não vai Sair nunca da memória. (C1-116, p.26)			guerreiro que não será esquecido, como é apontado no último verso da estrofe.		
01 E19	(16) Da chacina de Palmares Zumbi foi sobrevivente, Até o fim da sua vida Foi guerreiro resistente Caçado pelo governo Numa empreitada insistente. (C1-134, p.30)	Zumbi Sobrevivente Sua vida Guerreiro resistente Caçado	60) Reescrituração e Articulação	60) Zumbi é reescrito pela palavra <i>guerreiro</i> , que o caracteriza, mais uma vez, não só como aquele que lidera, mas sim como aquele que cuida e luta em prol do seu povo. No quinto verso, Zumbi é reescrito por elipse. <i>Sua vida</i> também reescreve <i>zummbi</i> . Articulado a palavra <i>Zumbi</i> estão <i>sobrevivente</i> , <i>resistente</i> e <i>caçado</i> . Elas colocam Zumbi como aquele que lutou, resistiu e sobreviveu aos ataques que foram destinados a ele ou ao quilombo, marcando assim a característica de ser um bravo guerreiro.		
01 E20	(17) Morre ali, o grande herói	Grande herói Resistência negra Espetaram	61) Reescrituração e Articulação	Morre ali, o grande herói/Da resistência negreira		

	Da resistência negreira Espetaram sua cabeça Num pedaço de madeira, Salgaram e a exibiram Na capitania inteira (C1-141, p.32)	Sua Cabeça Salgaram exibiram	62) Reescritura e Articulação	61) Zumbi vem reescrito por elipse no início. E também em <i>grande herói</i> que também o adjetiva. Sendo que a palavra <i>grande</i> vem para amplificar o adjetivo <i>herói</i>. <i>Resistência negra</i> está articulado com <i>grande herói</i>. Espetaram sua cabeça/Num pedaço de madeira,/ Salgaram e a exibiram/ Na capitania inteira 62)O pronome possessivo <i>sua</i> reescreve Zumbi. A expressão <i>pedaço de madeira</i> está articulada com a palavra <i>cabeça</i> do terceiro verso, bem como as palavras <i>salgaram</i> e <i>exibiram</i>.		
01 E21	(18) Foi em vinte de novembro Que o triste fato se deu No ano noventa e cinco (1695) A nação negra perdeu	Vinte de novembro Triste fato Negro fervoroso	63) Memorável 64) Articulação e reescritura	Foi em vinte de novembro/Que o triste fato se deu 63) <i>Vinte de novembro</i> é o feriado da Consciência negra, que é um dia para se refletir sobre a inserção do negro na sociedade. E essa data foi escolhida por ter		

	O negro mais fervoroso Que nesse mundo viveu (C1-142, p. 32)			sido a data da morte de Zumbi dos Palmares, que é, como estamos vendo neste cordel, o símbolo da resistência negra contra a escravidão. <i>Triste fato</i> reescreve a morte de Zumbi. No ano noventa e cinco (1695) /A nação negra perdeu/ O negro mais fervoroso/ Que nesse mundo viveu 64) A palavra <i>negro</i> reescreve Zumbi dos Palmares. E a ela está articulada a palavra <i>fervoroso</i>, que caracteriza Zumbi. Ele é caracterizado como impetuoso para com a questão da luta em prol dos negros. No último versos Zumbi é, juntamente com o adjetivo <i>fervoroso</i>, colocado como aquele que fez a diferença ao lutar pelo o seu povo.		
01 E22	(19) O mundo, porém, já sabe, Que Zumbi não tá ausente;	Zumbi Ausente seu Herói presente	65) Articulação 66) Reescritura e articulação	O mundo, porém, já sabe,/ Que Zumbi não tá ausente 65) A palavra <i>ausente</i> está articulado com <i>Zumbi</i>.		

	No coração do seu povo O herói se faz presente, Na batalha eternizada Dessa raça resistente. (C1-143, p.32)		67) Articulação e reescritura.	No coração do seu povo/O herói se faz presente, 66) O pronome possessivo <i>seu</i> reescreve <i>Zumbi</i>. A palavra <i>herói</i>, mais uma vez, aparece reescrevendo <i>Zumbi</i>. E <i>presente</i> está articulado com <i>Zumbi</i>. Na batalha eternizada/Dessa raça resistente. 67) <i>Raça</i> reescreve <i>negros</i>. E <i>resistente</i> está articulado com <i>raça</i>.		
--	---	--	---------------------------------------	---	--	--

ANEXO B - Quadro 2: Pré-Análise Do Cordel *Zumbi: um sonho de igualdade* (DANTAS, 2009)

CORDEIS	EXCERTO	PALAVRA-CHAVE	VARIÁVEL LINGUÍSTICA	PRÉ-ANÁLISE	BASE TEÓRICA	
					LINGUÍSTICA	OUTRA
02 E23	(20) Era somente um negrinho De nome Zaqueu Por não ter pai nem mãe Viva como judeu Sua vida uma tristeza Amou aquela igreja Não sentia-se filho de Deus (C2-25, p.17)	Negrinho Zaqueu Judeu Tristeza Igreja Filho de Deus	(68) Reescrituração/ articulação (69) Reescritura e articulação (70) Reescritura e articulação	Era somente um negrinho/ De nome Zaqueu (68) <i>negrinho</i> reescreve <i>Zumbi</i> . <i>Zaqueu</i> está articulado com <i>negrinho</i> . Por não ter pai nem mãe/ Viva como judeu (69) <i>Zumbi</i> aparece reescrito por elipse. E <i>judeu</i> articula com essa reescritura por elipse. Sua vida uma tristeza/ Amou aquela igreja/ Não sentia-se filho de Deus (70) <i>Zumbi</i> aparece reescrito por elipse. <i>Tristeza</i> , <i>igreja</i> e <i>filho de Deus</i> estão articulados com <i>zumbi</i> .		
02 E23	(21) Somente pelo batismo Tornara filho de Deus Zaqueu era negro Criatura do apogeu Rezando para o senhor Padre Melo confessou O negro é filho de Deus	Zaqueu Negro Apogeu Padre Melo Negro Filho de Deus	(71) Rescrituração (72) Articulação e reescritura. (73) Reescritura e articulação	Somente pelo batismo/ Tornara filho de Deus (71) <i>Zumbi</i> aparece reescrito por elipse. Zaqueu era negro/ Criatura do apogeu (72) <i>Zaqueu</i> reescreve <i>Zumbi</i> . <i>Negro</i> vem articulado a <i>Zaqueu</i> . <i>Zumbi</i> aparece reescrito por elipse e <i>apogeu</i> está articulado com <i>Zaqueu</i> . Rezando para o senhor/ Padre Melo confessou/ O negro é filho de Deus		

	(C2-26, p.17)			(73) <i>Padre Melo</i> aparece reescrito por elipse. <i>Confessou</i> está articulado <i>Padre Melo</i> . <i>Negro</i> reescreve <i>Zumbi</i> e <i>filho de Deus</i> está articulado com <i>Zumbi</i> .		
02 E24	(22) Desde menino, Zumbi Foi sempre bom de peleja Aos 13 anos de idade Viu um senhor de chapelão Chicoteando um irmão Com crueldade e frieza (C2-29, p.18)	Menino Zumbi Bom de peleja Senhor de chapelão Chicoteando Crueldade Frieza	(74) Reescrituração e articulação. (75) reescritura e articulação.	Desde menino, Zumbi/ Foi sempre bom de peleja (74) <i>menino</i> reescreve <i>Zumbi</i> . <i>Bom de peleja</i> está articulado com <i>Zumbi</i> . Aos 13 anos de idade/ Viu um senhor de chapelão/ Chicoteando um irmão/ Com crueldade e frieza (75) <i>Zumbi</i> aparece reescrito por elipse. <i>Chicoteando</i> , <i>crueldade</i> e <i>frieza</i> se articulam com <i>senhor de chapelão</i> .		
02 E25	Pois Zumbi contrariado Insurgiu contra seu tio Comandando o quilombo Que Ganga Zumba destituiu Chefiando os mocambos Ele fez logo uns escambos A liderança assumiu (C2-42, p.23)	Zumbi Contrariado Contra seu tio Ganga Zumba Ele	(76) Reescritura e articulação (77) Reescritura e articulação (78) Reescritura e articulação	Pois Zumbi contrariado/ Insurgiu contra seu tio (76) <i>contrariado</i> e <i>contra seu tio</i> estão articulados com <i>Zumbi</i> Comandando o quilombo/Que Ganga Zumba destituiu/ Chefiando os mocambos (77) <i>Zumbi</i> aparece reescrito por elipse. <i>Destitui</i> está articulado a <i>Ganga Zumba</i> . Ele fez logo uns escambos/ A liderança assumiu (78) <i>Ele</i> reescreve <i>Zumbi</i> . E, no segundo verso, <i>Zumbi</i> aparece reescrito por elipse.		

02 E26	(23) Todos se reintegravam Em uma corrente forte Na luta por liberdade Eles buscavam a sorte Contra o poder opressor Com saber de professor Rei Zumbi enfrenta a morte (C2-43, p.23)	Todos Corrente forte Eles Buscavam a sorte Saber de professor Rei Zumbi	(79) Articulação e reescritura (80) Reescritura e articulação. (81) Articulação.	Todos se reintegravam/ Em uma corrente forte (79) todos reescrita por condensação os negros. Corrente forte está articulado com todos Na luta por liberdade/ Eles buscavam a sorte/ Contra o poder opressor (80) <i>eles</i> reescreve negros. <i>Luta por liberdade, buscavam a sorte e contra o poder opressor.</i> Com saber de professor/ Rei Zumbi enfrenta a morte (81) <i>Saber de professor</i> está articulado a <i>Rei Zumbi</i> .		
02 E27	(24) Zumbi era um negro Um rei muito inteligente Seus irmãos ele treinou E educou muita gente Teve louvores e glória As mulheres na história Fez parte do contingente (C2-44, p.23)	Zumbi Negro Rei Inteligente Ele Educou muita gente	(82) Reescrituração e articulação (83) Articulação e reescritura (60)	Zumbi era um negro/ Um rei muito inteligente (82) <i>negro</i> e rei reescrevem por definição <i>Zumbi</i> . <i>Negro</i> está articulado a <i>Zumbi</i> e <i>inteligente</i> está articulado a <i>rei</i> . Seus irmãos ele treinou/ E educou muita gente (83) <i>ele</i> reescreve <i>Zumbi</i> . <i>Educou muita gente</i> está articulado a <i>ele</i> . Teve louvores e glória/ As mulheres na história/ Fez parte do contingente (60)		

02 E28	(25) O nosso irmão Zumbi Com sua formação Levantou novo quilombo Lá na serra Dois Irmãos Era a nova fortaleza Dos negros em sua defesa Lutando contra a opressão C2-47, p. 25)	Zumbi Irmão Formação Dois irmãos Fortaleza Defesa Negros	(84) Reescrituração e articulação. (85) Reescrituração e articulação.	O nosso irmão Zumbi/ Com sua formação/ Levantou novo quilombo (84) <i>zumbi</i> aparece reescrito por elipse no terceiro verso. As palavras <i>irmão</i> e <i>formação</i> estão articuladas com a palavra <i>Zumbi</i> . Lá na serra Dois Irmãos/Era a nova fortaleza/ Dos negros em sua defesa/ Lutando contra a opressão (85) <i>Dois irmãos</i> (serra) está reescrita por elipse no segundo verso. As palavras <i>fortaleza</i> e <i>defesa</i> estão articuladas com <i>Dois irmãos</i> . No terceiro verso <i>negros</i> aparece reescrito por elipse.		
02 E29	(26) Antônio Soares tinha Do rei Zumbi a confiança Não aguentou as torturas Perdendo sua esperança A zumbi apunhalou Rei Zumbi ainda lutou Com a sua liderança (C2-49, p.25)	Antônio Soares Rei Zumbi Confiança Torturas Esperança Zumbi Lutou Liderança	(86) Articulação e reescritura. (87) Articulação e reescritura. (88) Articulação e reescritura.	Antônio Soares tinha/ Do rei Zumbi a confiança (86) <i>Rei Zumbi</i> é uma reescritura de <i>Zumbi</i> . A palavra <i>confiança</i> está articulada com <i>Antônio Soares</i> . Não aguentou as torturas/Perdendo sua esperança (87) <i>Antônio Soares</i> aparece reescrito por elipse. As palavras <i>torturas</i> e <i>esperança</i> estão articuladas com <i>Antônio Soares</i> . A zumbi apunhalou/ Rei Zumbi ainda lutou/ Com a sua liderança (88) <i>Zumbi</i> e <i>Rei Zumbi</i> são reescrituras de <i>Zumbi</i> . <i>Antônio Soares</i> aparece reescrito por articulação. <i>Apunhalou</i> está articulado com		

				<i>Antônio Soares. As palavras lutou e liderança estão articuladas com Zumbi.</i>		
02 E30	(27) Foi com medo de morrer Que o irmão negro traiu Dizendo onde se escondia O nosso rei varonil De forma cruel e fatal O comando oficial O quilombo invadiu (C2-50, p.26)	Medo de morrer Irmão negro Traiu Escondia Rei varonil Cruel Fatal Comando oficial	(89) Reescrituração e articulação. (90) Reescritura e articulação. (91) Articulação.	Foi com medo de morrer/ Que o irmão negro traiu (89) <i>Irmão negro</i> reescreve <i>Antônio Soares</i> . A expressão <i>medo de morrer</i> e a palavra <i>traiu</i> estão articuladas a <i>irmão negro</i> . Dizendo onde se escondia/ O nosso rei varonil (90) <i>Antônio Soares</i> aparece reescrito por elipse. <i>Rei varonil</i> reescreve <i>Zumbi</i> . A palavra <i>escondia</i> está articulada com <i>rei varonil</i> . De forma cruel e fatal/ O comando oficial/ O quilombo invadiu (91) As palavras <i>cruel</i> , <i>fatal</i> e <i>invadiu</i> estão articuladas a <i>comando oficial</i> .		
02 E30	(28) Foi em 20 de novembro (1695) Que o fato aconteceu Zumbi foi apunhalado Mas mesmo assim não morreu Lutou até a morte calado Só quando foi decepado	Fato Zumbi foi apunhalado Morreu Lutou Calado Decepado Rei Faleceu	(92) Reescrituração e articulação (93) Reescritura e articulação. (94) reescritura e articulação.	Foi em 20 de novembro (1695)/ Que o fato aconteceu/ Zumbi foi apunhalado (92) A palavra <i>fato</i> reescreve por condensação <i>Zumbi foi apunhalado</i> . <i>Apunhalado</i> está articulado a <i>Zumbi</i> . Mas mesmo assim não morreu/ Lutou até a morte calado (93) <i>Zumbi</i> está reescrito por elipse. As palavras <i>morreu</i> , <i>lutou</i> e <i>calado</i> estão articuladas a <i>Zumbi</i> . Só quando foi decepado/ O nosso rei faleceu		

	O nosso rei faleceu (C2-51, p.26)			(94) <i>rei</i> reescreve <i>Zumbi</i> . As palavras <i>decechado</i> e <i>faleceu</i> estão articuladas a <i>rei</i> .		
02 E31	(29) Rei Zumbi ainda vive Sua luta foi de glória O povo negro não cala Nesse Brasil sem memória Em prol do nosso direito Nós merecemos respeito E teremos a vitória (C2-55, p.27)	Rei Zumbi Vive Sua Luta Glória Povo negro Cala Brasil Memória Nós Respeito Vitória	(95) Reescrituração e articulação. (96) Articulação. (97) Rescritura e articulação	Rei Zumbi ainda vive/ Sua luta foi de glória (95) <i>Rei Zumbi</i> e <i>sua</i> são reescrituras de <i>Zumbi</i> . As palavras <i>vive</i> , <i>luta</i> e <i>glória</i> estão articuladas a <i>Rei Zumbi</i> . O povo negro não cala/ Nesse Brasil sem memória (96) A palavra <i>cala</i> está articulada com <i>povo negro</i> . A palavra <i>memória</i> está articulada a <i>Brasil</i> . Em prol do nosso direito/ Nós merecemos respeito/ E teremos a vitória (97) <i>Nós</i> reescreve <i>povo negro</i> . As palavras <i>respeito</i> , <i>vitória</i> estão articuladas a <i>nós</i> .		
02 E31	(30) Nas veias o sangue negro Zumbi faz sua resistência O povo negro alerta Para a tal abstinência Contra a discriminação O negro em sua razão	Resistência Povo negro Alerta Abstinência Discriminação Razão Consciência	(98) articulação (99) Articulação (100) articulação	Nas veias o sangue negro/Zumbi faz sua resistência (98) <i>resistência</i> está articulada a <i>Zumbi</i> . O povo negro alerta/ Para a tal abstinência/ Contra a discriminação (99) <i>alerta</i> , <i>abstinência</i> e <i>discriminação</i> estão articuladas a <i>povo negro</i> . O negro em sua razão/ E lutam com consciência		

	E lutam com consciência (C2-56, p.28)			(100) <i>razão e consciência</i> estão articuladas a <i>negros</i> .		
02 E31	(31) Chegando ao século XX Rei Zumbi ressuscitou Formando-se movimentos A APARTHEID acabou O grande líder Mandela Lutou e deixou a cela Zumbi nele incorporou (C2-57, p.28)	Rei Zumbi Ressuscitou Grande líder Mandela Lutou Zumbi Incorporou	(101) articulação. (102) Articulação	Chegando ao século XX/ Rei Zumbi ressuscitou (101) <i>ressuscitou</i> articula com <i>Rei zumbi</i> . Formando-se movimentos/ A APARTHEID acabou/ O grande líder Mandela/ Lutou e deixou a cela/ Zumbi nele incorporou (102) A expressão <i>grande líder</i> e a palavra <i>lutou</i> estão articuladas a <i>Mandela</i> . A palavra <i>incorporou</i> está articulada a <i>Zumbi</i> .		
02 E32	(32) Os senhores no Congresso Podem se engalfinhar A igualdade racial Nós iremos conquistar Zumbi que é deus da guerra Aqui nesse pó de terra Ele irá nos ajudar	Senhores no congresso Engalfinhar Igualdade racial Conquistar Zumbi Deus da guerra Ele	(103) Articulação. (104) Articulação e reescritura. (105) reescritura e articulação.	Os senhores no Congresso/ Podem se engalfinhar (103) <i>engalfinhar</i> está articulada a <i>senhores do Congresso</i> . A igualdade racial/ Nós iremos conquistar (104) <i>Nós</i> reescreve <i>negros</i> . <i>Igualdade racial</i> e <i>conquistar</i> está articulada com <i>nós</i> . Zumbi que é deus da guerra/Aqui nesse pó de terra/ Ele irá nos ajudar		

	(C2-76, p.34)			(105) <i>ele</i> reescreve <i>zumbi</i> . <i>Deus da guerra</i> está articulado por definição a <i>Zumbi</i> .		
02 E33	(33) No ano de eleição Vote com sinceridade Observe os políticos Da alta sociedade Por Zumbi o nosso rei Veja a luta que ele fez Um sonho de igualdade (C2-80, p.36)	Zumbi Ele Luta Um sonho de igualdade	(106) Reescrituração e articulação	Por Zumbi o nosso rei/ Veja a luta que ele fez/ Um sonho de igualdade (106) <i>Zumbi</i> é reescrito por <i>rei</i> e por <i>ele</i> . <i>Rei</i> articula-se com <i>Zumbi</i> . <i>Luta</i> e <i>um sonho de igualdade</i> articula-se com <i>ele</i> .		
02 E33	(34) Oh! Bravo rei Zumbi Sua luta é de glória No coração do seu povo Tu és o herói dessa história O negro mais habilidoso Eternizou um mundo novo Celebramos na memória (C2-81, p.36)	Bravo Rei Zumbi Herói Negro	(107) Reescrituração (108) Articulação	Oh! Bravo rei Zumbi/ Sua luta é de glória/ No coração do seu povo/ Tu és o herói dessa história (107) <i>Zumbi</i> é reescrito por Bravo rei. E, por sua vez, Bravo rei está articulado a <i>Zumbi</i> . Herói reescreve <i>Zumbi</i> . E também está articulado a <i>Zumbi</i> . O negro mais habilidoso/ Eternizou um mundo novo/ Celebramos na memória (108) Negro mais habilidoso reescreve por definição <i>Zumbi</i> .		

ANEXO C – Mapa da Localização do Quilombo dos Palmares



Fonte: jmarcelofotos.com/2013/11/quilombo-dos-palmares.html
Acesso em 18/06/2019 às 14:52